

Geraldo da Aparecida Ferreira

**ENTRE A MEMÓRIA E A AUTOBIOGRAFIA:  
Narrativas de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro**

Geraldo da Aparecida Ferreira

**ENTRE A MEMÓRIA E A AUTOBIOGRAFIA:  
Narrativas de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada

Linha de Pesquisa: Literatura, outras Artes e Mídia

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Martiniano Marques

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A599a.Yf-e Ferreira, Geraldo da Aparecida.  
Entre a memória e a autobiografia [manuscrito] : narrativas de  
Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro / Geraldo da Aparecida  
Ferreira. – 2013.  
187 f., enc.: il., fots, p&b.

Orientador: Reinaldo Martiniano Marques.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de pesquisa: Literatura, Outras Artes e Mídia.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 175-182.

Anexos: f. 183-188.

1. Anjos, Cyro dos, 1906-1994. – Amanuense Belmiro – Crítica e interpretação – Teses. 2. Anjos, Cyro dos, 1906-1994. – Menina do sobrado – Crítica e interpretação – Teses. 3. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. – Migo e Confissões – Crítica e interpretação – Teses. 4. Memória na literatura – Teses. 5. Autobiografia – Teses. 6. Literatura e sociedade – Teses. 7. Narrativa (Retórica) – Teses. 8. Identidade (Psicologia) na literatura – Teses. 9. Alteridade – Teses. 10. Biografia (como forma literária) – Teses. I. Marques, Reinaldo Martiniano. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.33

Tese intitulada *Entre a memória e a autobiografia: narrativas de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro*, de autoria do Doutorando GERALDO DA APARECIDA FERREIRA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

**Área de Concentração:** Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Doutorado

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof.ª Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - FALE/UFMG  
(Presidente da Banca e representante do Orientador, Prof. Dr. Reinaldo Martiniano Marques)



Prof.ª Dra. Haydée Ribeiro Coelho - FALE/UFMG



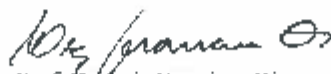
Prof. Dr. Roberto Alexandre do Carmo Said - FALE/UFMG



Prof.ª Dra. Ilca Vieira de Oliveira - UNIMONTES



Prof. Dr. Rômulo Silva Menezes - CIEPET/MG



Prof. Dr. Luiz Francisco Dias  
Diretor da Faculdade de Letras da UFMG

Prof. Dr. Luiz Francisco  
Diretor da Faculdade de Letras da UFMG  
Rua João Nogueira, 471 - 31284-900

Belo Horizonte, 2 de agosto de 2013.

## AGRADECIMENTOS

A realização de uma pesquisa de doutorado é algo que traz grande alegria a quem se aventura nessa missão. Não só pelos conhecimentos adquiridos, mas também pela satisfação pessoal com os resultados obtidos. Todavia, ninguém pode negar o nível de exigência e de sacrifício que esse trabalho cobra do pesquisador. Acrescente-se a isso um conturbado momento pessoal e chegamos a um enorme nível de dificuldade para a conclusão dos trabalhos. Esse foi o nosso caso e que, sem o apoio que encontrei, não teria chegado até aqui.

Em primeiro lugar, à Nossa Senhora Aparecida e a seu Filho Jesus, a quem sempre recorri em minhas orações.

Ao meu orientador, Professor Reinaldo Martiniano Marques, que, com sabedoria, compreensão e exigência, me fez acreditar que poderia melhorar meu texto, sinalizando sempre o caminho a seguir.

À minha família, Júlia, Jovina, Leonardo, Jéssica, Thayane, Socorro e Camilla que entenderam meus momentos de angústia e de distanciamento.

Aos amigos Djair, Ana, Paula e Léo, família que me adotou em Belo Horizonte, durante todo o período em que necessitei estar na capital, não medindo esforços para me fazer sentir em casa.

Aos amigos Sandra, Mariano e Sanábria, pelas palavras de incentivo nos momentos mais complicados.

Aos professores Sabrina Sedlmayer e Vera Casanova, pelo direcionamento de leituras durante as disciplinas ministradas.

Aos Professores Ilca Vieira e Osmar Oliva, que participaram, desde o princípio, desta caminhada.

Aos componentes da banca de qualificação, professores Roberto Said e Haydée Ribeiro Coelho, pelas importantes sugestões apresentadas no exame.

## RESUMO

Pretendemos discutir as estratégias formais e literárias de construção da narrativa (narrador, intertextualidade, pacto autobiográfico, espaço da autobiografia, entre outros), e, além disso, articularemos esses aspectos com a contextualização social, histórica e cultural. O nosso *corpus* será constituído pelos livros *O amanuense Belmiro*, *A menina do sobrado*, de Cyro dos Anjos e por *Migo* e *Confissões*, de Darcy Ribeiro.

Acreditamos que, ao abordarmos temas fecundos – como o papel do intelectual nas questões brasileiras do século passado e nos dias atuais, a condição fragmentária dos narradores, a relação memória/esquecimento e sua importância para a construção de uma narrativa autobiográfica – sob a ótica desses ilustres escritores, estaremos contribuindo de maneira bastante interessante para uma visão mais ampliada, para um leque maior de possibilidades de leitura para as obras em questão.

**Palavras-chave:** Autobiografia, memória, esquecimento, identidade, papel do intelectual.

## ABSTRACT

We intend to discuss the formal strategies and the literary construction of the narrative (the narrator, intertextuality, autobiographical pact, the space of the autobiography, among others), and, in addition to that, we'll articulate these aspects with the social, historical and cultural context. Our corpus is composed by the books *O amanuense Belmiro* and *A menina do sobrado*, by Cyro dos Anjos, and *Migo* and *Confissões*, by Darcy Ribeiro.

We believe that when we address the fruitful issues – the role of the intellectual in Brazilian issues of the last century and today, the fragmentary condition of the narrators, the ratio memory / forgetfulness and its importance for the construction of an autobiographical narrative – from the perspective of these illustrious writers will be contributing in a quite interesting broader of view, to a wider range of possibilities for reading the works in question.

Keywords: Autobiography, memory, forgetting, identity, role of the intellectual.

## RÉSUMÉ

Nous avons l'intention de discuter de stratégies formelles et la construction littéraire du récit (le narrateur, l'intertextualité, pacte autobiographique, l'espace autobiographie, entre autres), et, en plus, allons articuler ces aspects avec le contexte social, historique et culturel. Notre corpus est composé des livres *O amanuense Belmiro* et *A menina do sobrado*, Cyro dos Anjos et *Migo* et *Confissões*, Darcy Ribeiro.

Nous croyons à résoudre les problèmes fructueux – le rôle de l'intellectuel dans les questions brésiliens du siècle dernier et aujourd'hui, l'identité fragmentaire des narrateurs, le ratio mémoire/oubli et son importance pour la construction d'un récit autobiographique – dans la perspective de ces illustres écrivains seront contribuent très intéressant pour une vue plus large, à un plus large éventail de possibilités de lecture des oeuvres en question.

**Mots-clés:** Autobiographie, la mémoire, l'oubli, l'identité, le rôle de l'intellectuel.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I – O PASSADO DA MEMÓRIA</b> .....	22
1.1 – A escrita memorialística .....	23
1.2 – A memória em curto-circuito .....	31
1.3 – O impossível regresso .....	45
1.4 – Memórias errantes .....	55
1.5 – Luz e sombras .....	66
<b>CAPÍTULO II – ENTRE O PENSAMENTO E O CETICISMO</b> .....	74
2.1 – Cyro e Darcy no Governo JK .....	75
2.2 – O papel do intelectual na sociedade .....	80
2.3 – Cyro e Darcy: outras abordagens .....	89
2.4 – A arte em gestação .....	97
2.5 – O intelectual domesticado .....	100
2.6 – Os intelectuais e o Estado .....	105
<b>CAPÍTULO III – A IDENTIDADE CULTURAL</b> .....	121
3.1 – Quem somos nós? .....	122
3.2 – Janelas para novos horizontes .....	130
3.3 – Não estamos em casa .....	137
3.4 – Alteridade e transculturação .....	143
3.5 – As relações com o erótico .....	154
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	166
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	174
<b>ANEXOS</b> .....	182

## INTRODUÇÃO

Escrever confissão é se explicar, justificar. Na escala cósmica é pura besteira. Vadiagem. Na escala humana é vaidade. Mas existo, confesso e quero que me vejam.

Darcy Ribeiro

Digo-te, pois, que continues a pôr as tuas lembranças no papel. Quando menos, é um exercício de narcisismo.

Cyro dos Anjos

O desejo de retratar a própria existência através da escrita é algo que tem atraído significativa parcela de escritores ao longo dos tempos. Vontade de “perpetuar” sua existência, de construir uma imagem com a qual gostaria que fosse lembrado, de reconstruir uma história de vida com a possibilidade de omitir fatos desagradáveis e de exaltar as conquistas, tudo isso pode ser alegado como justificativa para essa modalidade de escrita. As frases que usamos como epígrafe desta introdução – retiradas das *Confissões*, de Darcy Ribeiro, e de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos – apontam para um aspecto mais voltado para a vaidade, para uma necessidade de se mostrar para os possíveis leitores. Tentaremos demonstrar, ao longo desta tese, que a opção que os dois autores mineiros fazem pela escrita autobiográfica vai muito além da simples vaidade, já que temas de maior profundidade serão debatidos em seus livros. Antes de falarmos dos objetivos da nossa pesquisa, consideramos importante apresentarmos os dois autores mineiros que terão suas obras analisadas.

Cyro dos Anjos nasceu em Montes Claros, em 05 de outubro de 1906, numa numerosa família. Foi o décimo terceiro dos catorze filhos que o casal Antônio dos Anjos e Carlota Versiani dos Anjos tiveram. Faleceu em 04 de agosto de 1994, no Rio de Janeiro.

Depois dos estudos iniciais na cidade natal, Cyro se transferiu para Belo Horizonte, em 1923, onde cursou Direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), concluindo o curso em 1932. Naquele período, trabalhou em diversos jornais da capital: *Diário da Tarde* (1927), *Diário do Comércio* (1928), *Diário da Manhã* (1930), *Diário de Minas* (1929-31), *A Tribuna* (1933) e no *Estado de Minas* (1934-35).

Depois de formado, regressou a Montes Claros, para tentar se estabelecer na advocacia. Como a tentativa foi frustrada, desistiu da carreira e voltou a atuar no jornalismo e no serviço público. Em 1946, transferiu-se para o Rio de Janeiro, passando a trabalhar no governo Dutra.

No ano de 1952, atendendo a convite do Itamaraty, Cyro inicia um período de atividades no exterior, ocupando a cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade do México, até 1954. Neste ano, seria transferido para a Universidade de Lisboa, em Portugal, para atuar na mesma função que ocupava no México.

Regressou ao Brasil em 1955 e, dois anos mais tarde, voltou a atuar no serviço público junto ao governo de Juscelino Kubitschek. Quando JK transfere a sede do governo para Brasília, Cyro o acompanha, e por lá permanece até a aposentadoria, em 1976, quando retorna para o Rio de Janeiro.

A despeito da recepção crítica positiva que seus escritos tinham junto à crítica – que o credenciaram a ocupar a cadeira 24 na Academia Brasileira de Letras, sucedendo a Manuel Bandeira –, Cyro dos Anjos não foi um escritor de muitas publicações. Seu espólio literário se resume a: *O amanuense Belmiro* (1937); *Abdias* (1945); o ensaio “A criação literária” (1954); *Montanha* (1956); *Explorações no tempo* (1963), que seria incorporado ao *A menina do sobrado*, com o título “Santana do Rio Verde”; *Poemas coronários* (1964) e *A menina do sobrado* (1979).<sup>1</sup>

Darcy Ribeiro nasceu em Montes Claros, no dia 26 de outubro de 1922, filho de Reginaldo Ribeiro dos Santos e de Josefina Augusta da Silveira Ribeiro. Aos dezessete anos, transferiu-se para Belo Horizonte para estudar medicina.

---

<sup>1</sup> Os dados citados foram obtidos no sítio da Academia Brasileira de Letras ([www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)) e no sítio da Fundação Getúlio Vargas (<http://cpdoc.fgv.br>)

Percebendo que não tinha vocação para ser médico, abandonou o curso e ingressou na Escola de Sociologia e Política (SP). Diplomou-se em Ciências Sociais, em 1946, com especialização em Antropologia, passando a desenvolver atividades junto a várias tribos indígenas do país.

Participou ativamente do governo de João Goulart, sendo seu Ministro da Educação e chefe da Casa Civil. Com o golpe militar de 1964, Darcy teve seus direitos políticos cassados e passou a viver como exilado. Naquele período morou no Uruguai, no Chile, no Peru e na Venezuela, sempre se envolvendo com as questões educacionais e políticas daqueles países.

Retornou ao Brasil em 1976, sendo anistiado em 1980. Voltou a dedicar-se à política, vindo a ser eleito vice-governador do Rio de Janeiro, em 1982, em chapa encabeçada por Leonel Brizola. Em 1990, foi eleito senador da República. Darcy, que lutava contra o câncer desde 1975, sucumbiu à doença, vindo a falecer em 17 de fevereiro de 1997, em Brasília.

A obra de Darcy – que o colocou na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 11 que havia pertencido a Deolindo Couto – é composta de diversos trabalhos etnológicos, antropológicos, ensaios relativos à cultura e à educação. Escreveu ainda: os romances *Maíra* (1976), *O mulo* (1981), *Utopia selvagem* (1982) e *Migo* (1988); os livros de memórias *Testemunho* (1990) e *Confissões* (1997), além do livro de poesias *Eros e Tanatos* (1998).<sup>2</sup>

O fato de termos nascido na mesma cidade que Cyro e Darcy não deixa de criar em nós uma pontinha de orgulho. Na maioria das vezes em que nos apresentamos como montes-clarense a alguém que tenha certo conhecimento sobre literatura, obtemos a resposta: “Ah, você é conterrâneo do Darcy e do Cyro”. Apesar dessa projeção de que ambos desfrutem, nos surpreendemos com o limitado número de estudos acadêmicos sobre a obra dos dois autores. Um trabalho comparativo entre eles então é algo que não conseguimos detectar. Essa ausência de pesquisa comparativa entre ambos, aliada ao nosso desejo de trazer para a discussão

---

<sup>2</sup> Dados encontrados nos citados sítios da Academia Brasileira de Letras e da Fundação Getúlio Vargas, e também no sítio da Fundação Darcy Ribeiro ([www.fundar.org.br](http://www.fundar.org.br)).

acadêmica obras desses importantes escritores brasileiros são os principais elementos que nos motivam a propor a pesquisa desta tese.

Apesar de possuírem personalidades distintas – Cyro mais comedido, sereno, muito diferente de Darcy, que era explosivo, irrequieto –, eles possuem diversos pontos em comum em suas trajetórias de vida: são conterrâneos e contemporâneos; deixaram a terra natal e partiram para centros maiores, precocemente; foram membros da Academia Brasileira de Letras; os dois atuaram na política, entre outros. Observados esses pontos, passamos a buscar parâmetros comuns presentes nos romances desses autores que nos possibilitassem estabelecer nosso estudo comparativo. Ao procedermos à leitura dos seus livros, detectamos alguns pontos de contato e, em especial, o recorrente uso das lembranças, da reconstrução do passado, utilizando-se da memória. Encontramos textos importantes, como os da professora Haydée Ribeiro Coelho – “Memória, Confissão e Autobiografia em Darcy Ribeiro”, publicado na Revista *Vínculo* (jan/jun 2008),<sup>3</sup> além de sua tese de Doutorado, defendida na USP em 1990, intitulada *Exumação da memória*, em que ela aponta a presença da memória em diversos textos de Darcy Ribeiro e aprofunda seus estudos, tendo como objeto o romance *Maíra*.<sup>4</sup>

Reinaldo Marques faz interessantes análises dos textos de Cyro dos Anjos e, em especial, sobre *O amanuense Belmiro*, como no artigo “Sujeito, identidade e autobiografia”, em que articula questões muito caras a nossa tese, tais como identidade e autobiografia.<sup>5</sup>

Encontramos também algumas pesquisas de pós-graduação na UFMG, enfocando a narrativa de Belmiro, como as dissertações de Maria Rosilva Santos Ferreira, *Memórias de Cyro dos Anjos: vida e obra* (2005),<sup>6</sup> a de Ananda Nehmy de Almeida, *A modernidade em Cyro dos Anjos* (2009),<sup>7</sup> e a de Ana Paula Franco

---

<sup>3</sup> COELHO. Memória, confissão e autobiografia em Darcy Ribeiro.

<sup>4</sup> COELHO. *Exumação da memória*.

<sup>5</sup> MARQUES. Sujeito, identidade e autobiografia em Cyro dos Anjos, p. 93-110.

<sup>6</sup> FERREIRA. *Memórias de Cyro dos Anjos: vida e obra*.

<sup>7</sup> ALMEIDA. *A modernidade em Cyro dos Anjos: conflitos de um amanuense*.

Nobile, intitulada *A estreia do amanuense*, em que aborda a recepção crítica que a narrativa de Belmiro obteve no ano de lançamento (1937).<sup>8</sup>

Vera Márcia Milanese escreveu *Cyro dos Anjos: memória e história*, tratando das obras *O amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*, relacionando essas narrativas com a história da sociedade brasileira.<sup>9</sup> Outros estudiosos se debruçaram sobre a obra de Cyro dos Anjos, como Silviano Santiago, em “A vida como literatura: *O amanuense Belmiro*”;<sup>10</sup> Eneida Maria de Souza, em seu artigo “A verdade está na rua Erê”;<sup>11</sup> Roberto Schwarz também aborda a narrativa da vida de Belmiro em artigo incluído em *O pai de família – e outros estudos*;<sup>12</sup> Antonio Candido, na apresentação de *O amanuense*, discute a postura de Belmiro como representante da intelectualidade e de sua função na sociedade.<sup>13</sup> Além desses textos, detectamos no Acervo de Escritores Mineiros alguns artigos publicados em jornais – principalmente no *Suplemento Literário do Minas Gerais* – sempre fazendo referência a *O amanuense Belmiro*.

Como se pode observar, o livro *O amanuense Belmiro* tem sido objeto de razoável quantidade de estudos, entretanto pouco se vislumbra em relação a outras obras de Cyro. Em relação aos livros de Darcy, os estudos são ainda mais raros. Além dos citados textos de Haydée Ribeiro, localizamos textos esparsos como um livro de Amelina Chaves, chamado *O eclético Darcy Ribeiro*, em que ela faz um recorte de textos e entrevistas do autor de *O mulo*. Encontramos também um estudo que Maria Luiza Ramos faz sobre *Maíra*.<sup>14</sup> Seguimos, então, um levantamento em que Haydée Ribeiro Coelho apresenta uma bibliografia sobre Darcy e nos certificamos de que alguns outros textos são relatados, mas que a grande maioria se refere a *Maíra*.<sup>15</sup> Não encontramos muito mais que isso, principalmente em textos acadêmicos que abordem as obras literárias de Darcy Ribeiro.

---

<sup>8</sup> NOBILE. *A estreia do amanuense: a fortuna crítica de O amanuense Belmiro em 1937*.

<sup>9</sup> MILANESI. *Cyro dos Anjos: memória e história*.

<sup>10</sup> SANTIAGO. *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*.

<sup>11</sup> SOUZA. *Cyro dos Anjos: a verdade está na rua Erê*, p. 56-69.

<sup>12</sup> SCHWARZ. *Sobre o amanuense Belmiro*, p. 11-20.

<sup>13</sup> CANDIDO. *Estratégia*, p. 8-12.

<sup>14</sup> RAMOS. *Maíra: leitura-escritura*.

<sup>15</sup> COELHO. *Darcy Ribeiro*, p. 141-146.

Com esta nossa tese estamos propondo, além da realização de estudos em outras obras de Darcy, um trabalho comparativo com livros de Cyro dos Anjos. A escrita desses autores mineiros converge para a temática, principalmente nos livros *O amanuense Belmiro* e *A menina do sobrado*, de Cyro dos Anjos, e de *Migo* e *Confissões*, de Darcy Ribeiro, que comporão o *corpus* do nosso trabalho. Apesar de não apreciarmos apresentar resumo de uma obra literária, ainda mais em reduzidas linhas como aqui – pois sempre seremos injustos com ela e com seu autor –, acreditamos que, nesse momento, isso se faz necessário, principalmente para já verificarmos algumas aproximações pontuais.

O livro *O amanuense Belmiro*, que foi publicado em 1937, é narrado em primeira pessoa por Belmiro Borba, um burocrata solteirão de quarenta anos. Belmiro trabalha em Belo Horizonte, por volta de 1930, e encontra-se melancólico e infeliz com a vida que leva na capital mineira. Ele decide então compor um livro de memórias no intuito de “reconstruir o passado”, mas conclui que isso é impossível, pois tudo o que se refere à sua vida no interior, em Vila Caraíbas, não mais existe da forma como ele conheceu. Isso o leva a uma grande frustração e a um estado de paralisia, pois uma grande dúvida o atormenta: por que escrever sobre um passado que realmente não mais existe ou sobre um presente que não o agrada? Ele passa, então, a refletir sobre a existência humana, sobre os valores da sociedade.

Já a obra *A menina do sobrado*, reconhecidamente autobiográfica, foi publicada em 1979 e é composta de duas partes. A primeira, chamada de “Santana do Rio Verde”, havia sido publicada em 1963, com o título *Explorações no Tempo*. Nesse trecho, o narrador relembra passagens de sua infância na cidade do norte de Minas. As aventuras e brincadeiras de criança, a relação com os pais, as transformações que começavam a surgir, as festas folclóricas, os amores platônicos e os recorrentes fracassos da vida amorosa serão abordados. Na segunda parte do livro, intitulada “Mocidade, Amores”, o narrador tratará da sua ida para a capital mineira, na década de 1920. Nessa metade do livro, serão relatadas as alegrias e desventuras que a vida na cidade grande proporcionou ao jovem interiorano. As dificuldades nos estudos, a difícil vida financeira, a luta para se estabelecer, os

insucessos amorosos, sem perder contato com a cidade natal, suas transformações econômicas e sociais, até conseguir uma colocação em um emprego público e, finalmente, o encontro com a mulher tão desejada.

Publicado em 1988, *Migo* também é narrado em primeira pessoa. Trata-se de um livro de memórias de Ageu Rigueira, um escritor solitário em permanente conflito consigo mesmo, que também vive em Belo Horizonte, na década de 1980. Por trás da narrativa da vida banal do narrador, observa-se o delineamento do retrato de um intelectual, um romancista que parte da cidade interiorana chamada Mangueiral, para a Belo Horizonte de meados do século passado, mas não consegue se desvincular das suas raízes. O narrador fará uma análise de sua vida, emitirá suas impressões sobre o caráter do mineiro e do brasileiro. Alternando nostalgia e ironia, ele questionará o papel do intelectual na sociedade.

O livro *Confissões*, que conta com ilustrações de Oscar Niemeyer e publicado em 1997 pela Companhia das Letras, aborda inicialmente a infância de Darcy em sua Montes Claros natal. Neste trecho, o autor discorrerá sobre particularidades de sua cidade, as festas folclóricas, as famílias tradicionais, a sociedade local, os fatos que marcaram sua infância e a transição para a juventude.

A partir daí, o escritor passa a narrar suas experiências em Belo Horizonte e o impacto que o convívio na cidade grande trouxe para o jovem interiorano. O narrador nos apresenta a capital mineira em franco desenvolvimento no final dos anos 1930 e o amor instantâneo que ele passou a nutrir pela cidade.

Um outro trecho que chama muito a atenção é o capítulo em que Darcy aborda as questões políticas do Brasil, na década de 1950. Com um olhar extremamente crítico, ele emite opiniões fortes sobre o suicídio de Getúlio Vargas, a renúncia de Jânio Quadros e, principalmente, sua visão a respeito do golpe militar contra o governo do seu amigo João Goulart e os interesses envolvidos em tal episódio.

Darcy comentará ainda sua vida no exílio, as aventuras que viveu no Uruguai, Chile, Venezuela e Peru, além de muitas das suas conquistas amorosas ao longo da vida, e a simultânea descoberta do câncer que viria a matá-lo anos mais tarde. Seus encontros com Fidel Castro e com Che Guevara também merecem destaque.



A atuação de Darcy como senador da República também será passada a limpo, inclusive sua batalha e as artimanhas usadas para conseguir implantar em Brasília uma importante universidade, a UnB, e a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Imaginamos que, ao se voltarem para o passado, os olhares dos dois escritores se cruzam no que se refere à busca da reconstrução de um tempo vivido no interior de Minas, em contraposição à angústia que a vida na cidade grande acarreta. Nesses romances, os escritores estruturam suas narrativas em forma de diário, facilitando a exteriorização progressiva e fragmentada de uma memória composta de pedaços.

Nossa pesquisa será desenvolvida, basicamente, em termos bibliográficos e terá um caráter comparatista e transdisciplinar. Os estudos de literatura comparada têm-nos possibilitado a análise de obras literárias sob novos aspectos. A busca de similaridades e de diferenças de estilo, aproximações textuais, visão do contexto histórico sob dois ou mais pontos de vista e a intertextualidade estão dentro dessas novas oportunidades, que abrem para o pesquisador uma visão mais ampliada dos autores e da literatura, como aponta François Jost:

A literatura comparada, portanto, pode ser definida como uma *Weltliteratur* orgânica; é um “relato” articulado, histórico e crítico, do fenômeno literário visto como um todo. O comparatista não somente incorpora as grandes obras de todas as nações à sua lista de livros a serem lidos e analisados; mais do que isto, ele examina a concatenação dos eventos literários significativos e tenta atribuir aos escritores um lugar na história geral das ideias e da estética.<sup>16</sup>

A observação que Jost faz acerca do papel do comparatista nos alerta para a função que, acreditamos, assumiremos nesta tese. A discussão de textos dos dois autores mineiros que estamos propondo tem, dentre os seus objetivos, o correlacionamento entre o contexto histórico e literário em que viveram os protagonistas, a produção literária da época, e por consequência, discutir o lugar que os autores ocupavam no mundo acadêmico e literário.

---

<sup>16</sup> JOST. *Introduction to Comparative Literature*, p. 334.

Busquemos em outro livro, *O que é a Literatura Comparada?*, um posicionamento que nos auxilie nessa procura por possibilidades de discussão. Nessa obra, os autores fazem um levantamento histórico, para, ao final, reconhecerem a dificuldade de uma conceituação precisa. Eles apresentam duas possíveis definições: uma que consideram “mais lapidar que possa figurar num repertório”:

Literatura comparada: descrição analítica, comparação metódica e diferencial, interpretação sintética dos fenômenos literários interlinguísticos ou interculturais, pela história, pela crítica e pela filosofia, a fim de melhor compreender a literatura como uma função específica do espírito humano.<sup>17</sup>

E, outra, que demonstra toda a vastidão que os estudos comparados podem abraçar, o que confirma a dificuldade de uma definição exata:

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de vínculos de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou, para sermos mais precisos, de aproximar os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo ou no espaço, com a condição de que pertençam a várias línguas ou a várias culturas, façam parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los.<sup>18</sup>

Em seu importante *Literatura Comparada*, Tania Carvalhal apresenta um histórico sobre as origens e o desenvolvimento dos estudos comparados de literatura. A autora reconhece a dificuldade de definições precisas, devido à enorme variedade de “orientações” que podem ser seguidas, chegando a chamar essa situação de “babel”, referência ao conhecido episódio bíblico da Torre de Babel.<sup>19</sup> Ao final daquele livro, Carvalhal aponta alguns caminhos para a Literatura Comparada, que considera importante aliada de outras disciplinas que estudam a literatura:

Desse modo, a investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária. Entendido assim, o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em

---

<sup>17</sup> BRUNEL; PICHOS; ROUSSEAU. *O que é literatura comparada?*, p. 141-142.

<sup>18</sup> BRUNEL; PICHOS; ROUSSEAU. *O que é literatura comparada?*, p. 140.

<sup>19</sup> CARVALHAL. *Literatura Comparada*, p. 6.

paralelismos binários movidos somente por “um ar de parecença” entre elementos, mas compara quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente.<sup>20</sup>

A dificuldade para se definir um campo preciso de atuação dos estudos comparados não diminui o fascínio que essa modalidade de análise desperta em nós. A busca por referências de leitura, da formação intelectual, das raízes culturais, enfim, de tudo aquilo que contribui de alguma forma para a construção do autor e a forma como ele articula essa bagagem cultural em seus textos é bastante desafiadora.

O fato de escolhermos para o nosso *corpus* textos com viés autobiográfico se configura, em nossa opinião, um aspecto positivo ao trabalho comparatista. Deixando de lado o “ar de parecença” que esse aspecto possa despertar, buscaremos uma articulação mais ampla, com as relações sociais, a cultura regional, o lugar do intelectual e o espaço da autobiografia.

Observamos, na conclusão de Carvalhal, que ela propõe uma abertura do campo de pesquisas, uma interação maior com outras áreas que buscam interpretar os acontecimentos históricos, enfim, uma disciplina com grande poder de articulação seria um viável direcionamento para os estudos comparados. Acreditamos que, munidos desse poderoso instrumento de análise, teremos condições de buscar soluções para questões – que se desdobrarão em outras ao longo das discussões – como: no difícil processo de reconstrução do passado, a memória pode oferecer subsídios seguros para esse objetivo? Como definirmos uma escrita composta para representar o que aconteceu “de fato”, mas baseada numa estrutura frágil e movediça como a memória, que negocia com a ficção/não ficção, com a lembrança/esquecimento? Como nossos autores viam os intelectuais da sua época e qual o papel vislumbrado por eles para o intelectual? Qual o comportamento dos sujeitos históricos Cyro e Darcy e dos personagens em relação ao processo de cooptação do Estado e como essa cooptação influenciava a produção

---

<sup>20</sup> CARVALHAL. *Literatura Comparada*, p. 85-86.

literária da época? Como os protagonistas se sentiam ante as profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que vivenciaram e os efeitos que aquelas mudanças trouxeram para seus referenciais identitários?

A nossa tese será dividida em três capítulos: Capítulo I – O passado da memória. Nesse capítulo, pretendemos apresentar conceitos sobre memória e autobiografia; Capítulo II – Entre o pensamento e o ceticismo. Discutiremos a função do intelectual a partir da metade do século XX, partindo de afirmações que os narradores dos romances apresentam; Capítulo III – A identidade cultural. Nesse capítulo, discutiremos a questão da fragmentação do sujeito na modernidade que aparece nos livros. Pretendemos, ainda, incluir uma rápida discussão sobre o modo como o erótico é abordado por esses narradores fragmentados. Desejamos, ainda nesse capítulo, explicitar as relações dos dois autores com as tradições, cultura e sociedade da cidade em que nasceram, em contraposição aos valores culturais e sociais de Belo Horizonte na metade do século passado.

Em linhas gerais, este é o trabalho que procuramos desenvolver em nossa pesquisa de doutoramento, pretendemos discutir as estratégias formais e literárias de construção da narrativa (narrador, intertextualidade, pacto autobiográfico, espaço da autobiografia, entre outros), e, além disso, articularemos esses aspectos com a contextualização social, histórica e cultural.

Acreditamos que, ao abordarmos temas fecundos – como o papel do intelectual nas questões brasileiras do século passado e nos dias atuais, a condição fragmentária dos narradores, a autobiografia como gênero literário, a relação memória/esquecimento – sob a ótica desses ilustres escritores, estaremos contribuindo, de maneira bastante interessante, para uma visão mais ampliada, para um leque maior de possibilidades de leitura para as obras em questão.

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que não.

Guimarães Rosa

# CAPÍTULO I

## O PASSADO DA MEMÓRIA

Hoje deu curto-circuito na biblioteca. Encontraram-se aqui, como tantas vezes, a Stela e o Canuto, mas se estranharam demais.

*Migo*

As relações entre os componentes dos grupos de amigos de Ageu Rigueira e de Belmiro Borba – narradores de *Migo* e de *O amanuense Belmiro*, respectivamente – são marcadas por discussões acaloradas, antipatias explícitas, chegando o narrador de *Migo* a se referir a um desses embates como um curto-circuito, como se observa na epígrafe acima. Comparações como essas nos chamam bastante a atenção, pois lançam mão de um termo específico – o curto-circuito – bastante comum em uma outra atividade profissional que desenvolvemos, ligada à energia elétrica. Decidimos, então, propor o desafio de discutir alguns conceitos fundamentais para nossa tese – memória, esquecimento, ficção e não ficção – usando conceitos de eletricidade básica. Trata-se de uma abordagem transdisciplinar, em que tentaremos trazer conceitos da engenharia elétrica – que em um primeiro momento podem ser vistos como completamente alheios aos estudos literários – com o objetivo de discutirmos os temas destacados das obras estudadas. Temos a consciência de que os circuitos elétricos funcionam muito mais em termos didáticos do que como representantes fiéis dos termos colocados em questão. Isso pela impossibilidade de se falar em tópicos “puros”, sem interferências de uns nos outros (por exemplo, não há de se falar em memória completamente dissociada da imaginação).

O capítulo será aberto como um pequeno recorte das leituras desenvolvidas acerca da narrativa autobiográfica. Depois disso, arriscar-nos-emos a desenvolver o desafio apresentado acima. A ideia de lançar mão de analogias com

circuitos elétricos surgiu com mais força durante a participação em disciplinas do curso de doutoramento (apareceu inicialmente em uma disciplina isolada de mestrado, na UFMG), quando, em alguns momentos, surgiam termos ligados à eletricidade e que despertavam dúvidas em alguns colegas. Passamos, então, a buscar formas de explicar a utilização de tais termos por certos teóricos. Dessa tentativa surgiram os circuitos que veremos neste capítulo. A princípio, podem causar estranhamento, que acreditamos desaparecer durante a leitura das explicações que acompanham os esquemas.

Mostraremos, em seguida, como os narradores dos nossos livros apresentam suas reminiscências, os sentimentos despertados por elas e quais os “conectores” serão importantes nesse processo. Importante ressaltar que os narradores estarão lidando com uma fonte de informações não muito confiável, que é a memória, e que aquilo que dela se origina sofre com lacunas, vazios, “filtros”. O que esperar então dessa narrativa? Quais serão seus frutos?

Na construção do mosaico de lembranças, abordaremos ainda o aspecto do “exílio”, que tanto os sujeitos históricos Cyro e Darcy, quanto os seus personagens, vivenciaram de certo modo. Como essa experiência “longe de casa” impactou os envolvidos, como esses momentos são retratados pela escrita e configuram outros pontos que problematizaremos neste capítulo.

### **1.1 – A escrita memorialística**

A busca por subsídios acerca da narrativa autobiográfica nos colocou diante de muitos textos importantes que nos trouxeram esclarecimentos, mas também suscitaram algumas questões. Temas como memória, sujeito e identidade – fundamentais nas narrativas autobiográficas – são tratados sob diferentes enfoques e a nossa leitura buscou subsídios para as discussões que empreenderemos em nossa tese. O fato de apresentarmos o pequeno recorte que se seguirá não significa que a complexidade do conceito para a narrativa autobiográfica estará resolvida. Muitos são os fatores envolvidos num esforço de conceituação, tais como a complexidade

das estratégias textuais, das narrativas envolvidas em contextos diferenciados e a heterogeneidade de suas manifestações.

Apesar de estarmos diante de termos – memória e autobiografia – com definições diferentes, acreditamos poder uni-los num só eixo temático pela exiguidade da fronteira que os separa, como afirma o crítico Wander Melo Miranda:

A distinção entre memorialismo e autobiografia pode ser buscada no fato de que o tema tratado pelos textos memorialistas não é o da vida individual, da história de uma personalidade, características essenciais de uma autobiografia. Nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados. Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém nítida. O mais comum é a interpenetração dessas esferas.<sup>1</sup>

Para Costa Lima as memórias e as autobiografias substituem os espelhos que, implacáveis, “assinalam o desgaste dos traços, o torpor dos olhos, a redondeza do ventre”.<sup>2</sup> Conforme esse crítico, o exercício autobiográfico constitui-se na necessidade de se rever aquela pessoa que tenha sido, como se o percurso das lembranças lhe capacitasse ante a si mesmo, para que o leitor avalie seus atos, ou ainda, a propósito de não transmitir lição alguma, mas apenas “reconstruir” o que se perdeu na distância do passado, cuja matéria é a própria existência.

Como se pode observar nos apontamentos apresentados acima, os dois estudiosos, apesar de reconhecerem a existência de diferenças entre memória e autobiografia, afirmam tratar-se de conceitos flexíveis, que se interpenetram, o que nos possibilitará transitarmos do memorial para o ficcional e do memorial para o autobiográfico e *vice-versa*. Esse movimento entre o vivido e o ficcional é bastante importante para a confecção das obras a serem discutidas, e verificaremos, sem grandes dificuldades, que tanto Cyro quanto Darcy se valerão desse recurso ao longo de suas narrativas.

No livro *O que é um autor?*, de Michel Foucault, um ponto que nos chama a atenção é a ideia que o filósofo apresenta de que o autor deve “apagar-se

---

<sup>1</sup> MIRANDA. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*, p. 36.

<sup>2</sup> COSTA LIMA. *Sociedade e discurso ficcional*, p. 244.



ou ser apagado em proveito das formas próprias do discurso”.<sup>3</sup> Ele vai além ao propor como “ética intelectual o desprendimento de si próprio como forma de auto-reconstrução incessante”.<sup>4</sup> Temos consciência de que Foucault analisava a função do autor de forma bastante geral, e de que ele se propunha a discutir as condições necessárias para um elemento desempenhar a função de sujeito da escrita. Entendemos também que Foucault não está preocupado com o escritor empírico e sim com o autor como estratégia textual, discursiva.

Sérgio Laia, ao discorrer sobre o personagem Mr. Duffy, de James Joyce, aponta que, apesar de o conceito de autor para Foucault se diferenciar daquilo que pensa Barthes, esses conceitos se aproximam quando Foucault desconstrói a ideia de autor como um ser com poderes sobrenaturais para criar um “mundo inesgotável de significações”, passando a assumir um “certo princípio funcional” limitado, impossibilitado de agir livremente na confecção de sua obra.<sup>5</sup>

Mesmo levando em consideração essa limitação criativa imposta ao autor e o distanciamento que ele se impõe, não nos sentimos impedidos de pensar em até que ponto esse distanciamento, esse desprendimento é válido para uma narrativa tão íntima, pessoal, como a autobiografia. Um indivíduo que se propõe a relatar sua existência – com todos os riscos de fracasso em relação à “verdade”, ou melhor, à verossimilhança que essa escrita acarreta, acredita-se estar em contato com aquilo que ele considera mais próximo do que pensa ser ou ter sido. O próprio Foucault, em outro momento do seu livro, ao discorrer sobre a correspondência – tipo de texto que traz uma forte carga autobiográfica – afirma que “escrever é pois ‘mostrar-se’”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”.<sup>6</sup> Com essa afirmação, o filósofo francês dirime a questão inicial que levantamos sobre como acomodar numa narrativa autobiográfica um distanciamento, um “desprendimento de si mesmo”. Temos, então, que esse afastamento de si mostra-se realmente importante para o autor enquanto estratégia textual. Todavia, a função da escrita como meio de

---

<sup>3</sup> FOUCAULT. *O que é um autor*, p. 80.

<sup>4</sup> FOUCAULT. *O que é um autor*, p. 25.

<sup>5</sup> LAIA. *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*, p. 77-112.

<sup>6</sup> LAIA. *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*, p. 150.

mostrar-se ao outro, de se fazer próximo ao outro é, pensamos, decisiva numa narrativa autobiográfica.

Jacques Le Goff, num texto contido em *História e memória*, traça um paralelo entre documento e monumento. O que nos interessa nessa relação é a diferenciação que o autor elabora entre o que ele chama de “materiais da memória”, que podem se apresentar de duas formas fundamentais: os monumentos, que seriam herança do passado, e os documentos, que ficariam a cargo da escolha do historiador.<sup>7</sup> Acreditamos poder extrapolar um pouco essa ideia de documento dependente da escolha do historiador para a narrativa autobiográfica. Neste tipo de escrita, o autor – descontando-se as “traições” da memória, tema a que voltaremos ao longo dessas notas – é quem vai escolher aquilo que é “documento” para sustentar e dar verossimilhança ao seu texto. Essa faculdade de poder selecionar, escolher aquilo que serve e o que é descartável, dá ao autor uma autonomia “perigosa”, pois nesse processo ele pode omitir ou supervalorizar episódios que criem uma imagem, um personagem, que se distancie, e muito, do homem empírico que tenha sido. Mas temos que aceitar que essa é uma das regras desse jogo, essa é uma das particularidades da narrativa que trata do eu, e, provavelmente, nem seja o maior dos desafios que esse autor enfrentará em sua empreitada, pois, como veremos adiante, ele trabalhará numa tênue fronteira entre a memória, a história e o esquecimento.

Outra questão, que nos parece importante nesse texto, é aquela em que Le Goff afirma que o historiador deve partir da premissa de que todo documento é uma mentira, uma montagem, e que cabe a ele desmitificar essa aura de “verdade” que o documento assume.<sup>8</sup> Trazendo essa colocação para o nosso campo da crítica literária, essa desconfiança já é – ou pelo menos espera-se que seja – algo inerente a um leitor crítico. Temos ciência de que trabalhamos com o subjetivo, com o fingimento como queria Fernando Pessoa, em se falando de poesia e de romance. Na autobiografia, essa qualidade crítica fica prejudicada. Estamos diante do texto de

---

<sup>7</sup> LE GOFF. *História e memória*, p. 526.

<sup>8</sup> LE GOFF. *História e memória*, p. 538.

uma pessoa que existiu, que apresenta “provas” de muitas das suas realizações e fracassos, mas que se vale muito da falível e seletiva memória. Não nos parece exagero afirmar que, no caso dessa escrita, a proposta de Le Goff se inverte. Quando nos defrontamos com um texto autobiográfico, a sensação dominante é de estarmos diante de uma narrativa “real” da vida de um sujeito empírico que, descontadas as seleções e falhas da memória, conta sua passagem pelo mundo.

Philippe Lejeune escreveu um dos textos fundamentais para a teorização sobre a narrativa do eu, com o seu *O pacto autobiográfico*, livro que despertou acaloradas discussões entre estudiosos. Lejeune propõe, logo no início da sua obra, uma definição de autobiografia: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.<sup>9</sup> Mais adiante, decreta que “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*”.<sup>10</sup> Era de se esperar que afirmações tão categóricas e que envolvem temas controversos tais como realidade, ficção e identidade, suscitasse discussões e críticas, e até o próprio Lejeune revisitou este seu texto algumas vezes para fazer ajustes.

Dentre os críticos da teoria de Lejeune, os desconstrutivistas são os mais ferrenhos e desse grupo destaca-se o estudioso belga Paul de Man. Em seu texto “Autobiography As De-Facement”, De Man afirma que os textos de Lejeune, e muitos dos seus seguidores, insistem teimosamente que “a identidade da autobiografia não é apenas representacional e cognitiva, mas contratual, fundamentada não em tropos, mas em atos de linguagem”.<sup>11</sup> De Man vai além. Para ele, a autobiografia não pode ser considerada como gênero literário, “mas uma figura de leitura ou de entendimento que ocorre, em algum grau, em todos os textos”, e que o que existem são “momentos autobiográficos”.<sup>12</sup> Isto é, para o crítico

---

<sup>9</sup> LEJEUNE. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet, p. 14.

<sup>10</sup> LEJEUNE. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet, p. 15.

<sup>11</sup> DE MAN. *Autobiography As De-Facement*, p. 71.

<sup>12</sup> DE MAN. *Autobiography As De-Facement*, p. 70.

belga, uma “verdade” autobiográfica poderia estar em qualquer outro tipo de texto, num romance, por exemplo.

Estamos agora diante de um impasse: a autobiografia é uma construção não ficcional, como deseja Lejeune, ou a ficcionalidade é inerente à autobiografia, como propõe De Man? Para complicar um pouco mais essa discussão, o que dizer do livro *Migo*, de Darcy Ribeiro, que ele considerava o mais autobiográfico de todos, mesmo em se tratando de uma ficção?

O último romance que escrevi – *Migo* – é uma espécie de retrato psicológico do intelectual na sua forma de romancista provinciano e mergulhado na mineiridade. É, na verdade, um romance confessional, em que me mostro e me escondo, sem fanatismos autobiográficos. Mais revelador, porém, acho eu, do que sou e do que penso, do que seria possível em primeira pessoa. [...] *Migo* é minha autobiografia inventada, uma vida que eu até poderia ter vivido se tivesse publicado *Lapa grande* e ficado em Minas (*Confissões*, p.515).<sup>13</sup>

Estaria Darcy de acordo com a proposição de De Man? É possível que, em um romance, o autor se exponha mais explicitamente do que em uma autobiografia? Tentaremos, ao final desta discussão que estamos empreendendo, indicar aquilo que entendemos como um caminho para uma solução plausível para essa questão.

José Maria Pozuelo Yvancos, em seu *De la autobiografía: teoría e estilos*, analisa algumas proposições acerca da narrativa autobiográfica, mais detidamente textos de Lejeune e de De Man, e encontra problemas e méritos em ambos. Yvancos propõe que as duas postulações não são incompatíveis, já que para ele a autobiografia estaria consolidando o espaço fronteiro entre não ficção e ficção como seu lugar.<sup>14</sup>

Um dos textos mais interessantes desse nosso estudo é *El espacio biográfico*, de Leonor Arfuch. A autora faz um levantamento sobre as origens da autobiografia e sobre os trabalhos críticos que impulsionaram a afirmação do gênero. A discussão central desse texto para o nosso trabalho é a que trata do pacto e do espaço autobiográfico. Arfuch relativiza o pacto autobiográfico proposto por

---

<sup>13</sup> Em todo este nosso texto, as citações das obras do *corpus* serão seguidas do nome do livro em itálico e a página do trecho citado entre parênteses.

<sup>14</sup> YVANKOS. *De la autobiografía: teoría y estilos*, p. 15-69.

Lejeune, que, para ela, seria muito impositivo por parte do autor, e acredita em uma relação mais negociada, que estaria mais para um acordo entre autor/leitor.<sup>15</sup> Ao falar do espaço autobiográfico, Arfuch o trata como uma “zona de contato entre o público e o privado”,<sup>16</sup> ideia que nos remete, de certa forma, ao posicionamento de Yvankos, citado acima.

Ao abordar a dicotomia público/privado, Arfuch contrapõe os pensamentos de Hannah Arendt e de Jürgen Habermas. Arendt defende que o surgimento do social iniciou um processo de corrosão da esfera privada. Já Habermas considera que o estabelecimento da esfera privada teria um papel decisivo para a conformação da esfera pública. Arfuch traz então Norbert Elias para o debate, que aborda os termos público e privado não como polos oposicionais, mas como participantes de uma relação dialógica. Os sentidos que o público e o privado tinham para Arendt e Habermas foram totalmente deslocados pelas transformações ocorridas nas últimas décadas, tornando complicada a missão de se divisar o que é público daquilo que seria privado na modernidade.<sup>17</sup> Arfuch é mais propensa a acompanhar a visão de Elias, já que para ela “haverá vários espaços públicos e privados, submetidos, a um devir dialógico, a um constante processo de interpenetração”.<sup>18</sup> Arfuch procura associar – e esse é o ponto que mais nos interessa neste momento – aquilo que entende como espaço biográfico à tênue fronteira entre o público e o privado. Seria nessa zona fronteira pública/privada que ocorreriam as negociações para a composição de uma narrativa autobiográfica.

Do texto “La autobiografía como género historiográfico”, de Aguirre Rojas, gostaríamos de resgatar apenas um trecho em que ele trata de uma das missões do gênero autobiográfico que se propõe realmente crítico: “fazer falar os silêncios, a versão dos vencidos, restituir os passados vencidos”.<sup>19</sup> Detectamos a presença dessa missão, principalmente nas *Confissões*, de Darcy Ribeiro. O autor mineiro apresentará sua leitura de fatos históricos brasileiros – como o golpe militar

---

<sup>15</sup> ARFUCH. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, p. 56.

<sup>16</sup> ARFUCH. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, p. 66.

<sup>17</sup> ARFUCH. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, p. 83-110.

<sup>18</sup> ARFUCH. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, p. 340.

<sup>19</sup> AGUIRRE ROJAS. *La autobiografía como género historiográfico*, p. 41.

de 64 e as relações de poder no Senado, só para ficar em dois exemplos – com um olhar diferente daquele apresentado pela história oficial, questão a que nos dedicaremos com maior profundidade ao longo da tese. Não podemos descartar a validade de “fazer falar os silêncios” para *O amanuense Belmiro*, claro que sob uma outra ótica. Não nos parece outra coisa o que Belmiro tenta fazer em todo o seu livro. Uma vida marcada pela melancolia, pela veleidade, por uma vontade sem potência, sem força, que invariavelmente o leva ao silêncio, à inatividade, a ver passar a vida sem dela ter participado. Em outras palavras, podemos considerar que a narrativa da existência de Belmiro pode ser caracterizada como uma versão dos vencidos pela vida.

Seligman-Silva, em “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”,<sup>20</sup> abre espaço para uma discussão fundamental para o nosso estudo: a relação indissociável entre a memória e o esquecimento. Ele pontua que, quando se fala em memória, tem que se levar em conta que o que se apresenta é fruto de um processo seletivo de momentos do passado e não a totalidade do arquivamento, ou seja, “a memória só existe ao lado do esquecimento”.<sup>21</sup> Essa não é uma postulação nova, pois Freud já argumentava que “a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que a memória é apenas uma forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida”, como cita Andreas Huyssen, em *Seduzidos pela memória*.<sup>22</sup>

Trouxemos essas afirmações de Seligman-Silva e de Freud para abordarmos o livro de Paul Ricoeur, *A memória, a história e o esquecimento*, em que ele faz um aprofundado estudo dessa intrínseca relação. Logo no princípio da sua obra, o filósofo francês propõe uma diferenciação entre a imaginação e a memória – a primeira estaria voltada para o fantástico, o possível, o irreal, o utópico; e a segunda, ligada à “realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal da ‘coisa lembrada’”.<sup>23</sup> Aliada a essa proposição, teremos uma

---

<sup>20</sup> SELIGMAN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento.

<sup>21</sup> SELIGMAN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento, p. 77.

<sup>22</sup> HUYSSSEN. *Seduzidos pela memória*: arquitetura, monumentos, mídia, p. 18.

<sup>23</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 26.

outra que direcionará todas as discussões do livro: a memória é passado, se aplica à anterioridade e ao esquecimento como o “avesso de sombra da região iluminada da memória”. Procuraremos, nesta tese, aprofundarmos a análise do nosso *corpus* em relação a essa polaridade memória/esquecimento.

## 1.2 – A memória em curto-circuito

Um ponto que nos chama sempre a atenção – devido a um “vício profissional”, já que possuímos uma formação técnica no ramo da eletricidade – é a utilização de termos daquele campo por estudiosos de literatura e por filósofos. São termos que aparecem pontualmente, mas um deles tem uma recorrência maior: o curto-circuito. Só para ilustrar essa repetição, e sem forçar muito a memória, vejamos três exemplos. Wander Miranda, no texto “Pós-Modernidade e Tradição Cultural”,<sup>24</sup> assim comenta a presença do sertão em dois livros – *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa –: “Em ambos, o sertão é aquele traço residual suficiente para provocar um curto-circuito no processamento regulador das oposições entre civilização e barbárie, moderno e arcaico, cultura e natureza”.<sup>25</sup> Já no livro de Ricoeur, pelo menos em dois momentos ele invoca o referido termo. No primeiro: “a injunção a se lembrar corre o risco de ser entendida como um convite dirigido à memória para que provoque um curto-circuito no trabalho da história”.<sup>26</sup> E, uma outra vez, na nota de orientação do livro: “É sob o signo da associação de ideias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação [...]”.<sup>27</sup>

Se a primeira colocação de Ricoeur nos remete ao senso que a maioria das pessoas tem sobre a ideia de avaria, de acidente que o termo “curto-circuito” carrega, isso não ocorre na segunda proposição do pensador francês, nem na afirmação de Wander Miranda. Imaginamos que essas duas últimas ocorrências podem ser discutidas sob outro viés.

---

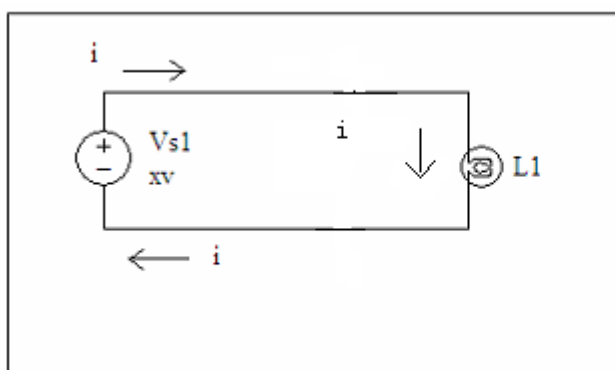
<sup>24</sup> MIRANDA. Pós-modernidade e tradição cultural.

<sup>25</sup> MIRANDA. Pós-modernidade e tradição cultural, p. 20.

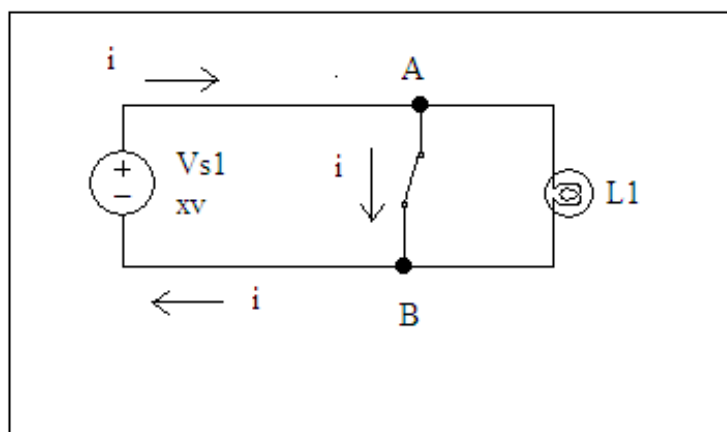
<sup>26</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 100.

<sup>27</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 25.

Iniciemos essa análise com a definição para o termo presente num dicionário: “Conexão de resistência muito baixa entre dois pontos de potencial diferente num circuito elétrico”.<sup>28</sup> Apesar de muito simplista, essa definição pode soar estranha aos leigos, por isso resolvemos traçar alguns circuitos elétricos bastante rudimentares com o objetivo de demonstrar nosso raciocínio. Vejamos um circuito elétrico extremamente básico:



Esse circuito é composto de uma fonte de tensão ( $V_{s1}$ ) (com seus polos positivo e negativo, carregada com uma diferença de potencial de  $x$  volts), que alimenta (acende) uma lâmpada ( $L1$ ). Essa alimentação produz uma corrente elétrica ( $i$ ), de baixa intensidade. Vamos provocar nesse esquema um curto-circuito (entre os pontos A e B):



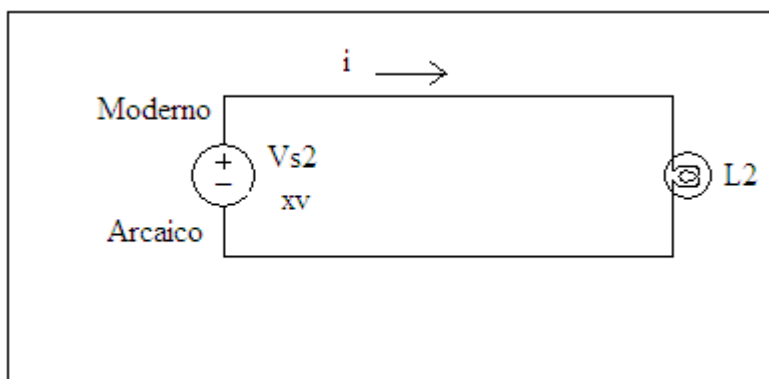
<sup>28</sup> FERREIRA. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, p. 192.



Após o curto-circuito, teremos os seguintes efeitos:

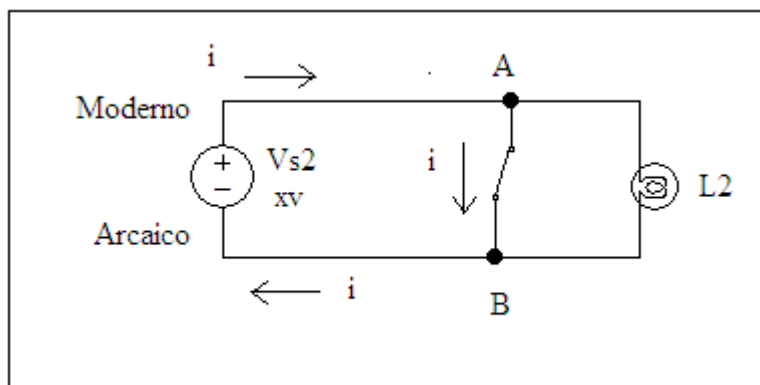
- 1- A lâmpada se apagará, já que a corrente elétrica prefere o caminho de menor resistência;
- 2- Como a resistência é muito baixa, a corrente elétrica se elevará a níveis críticos;
- 3- A fonte de tensão ( $V_{s1}$ ), para alimentar o curto-circuito, que possui baixíssima resistência, ficará sobrecarregada, ocasionando uma queda nos valores de tensão elétrica ( $xv$ ) e um superaquecimento do seu material.

Vejam as relações analógicas que desejamos estabelecer entre esse fenômeno elétrico e a afirmação de Wander Mirada, citada acima:



Nessa condição inicial, fazendo uma analogia entre os termos da proposição de Wander Miranda com os componentes elétricos, teremos uma fonte ( $V_{s2}$ ) com suas polaridades (no nosso exemplo, moderno e arcaico, mas que poderiam ser substituídos por civilização e barbárie, ou cultura e natureza, sem nenhum prejuízo para a análise), carregada com uma diferença de potencial ( $xv$ ). Um fluxo de informações entre os dois polos, que está representado pela corrente elétrica ( $i$ ), e uma lâmpada ( $L2$ ), que, acesa, representa uma situação de equilíbrio entre as duas polaridades. Dizendo de outra forma, entendemos que Wander Miranda verificava um certo consenso entre as teorias explicativas do mundo moderno que conseguiam demarcar com facilidade os limites entre o moderno e o arcaico, e essa situação de fronteiras bem demarcadas representamos com a

lâmpada (L2) acesa. O surgimento de *Os Sertões* e de *Grande Sertão* teria provocado o curto-circuito no esquema:

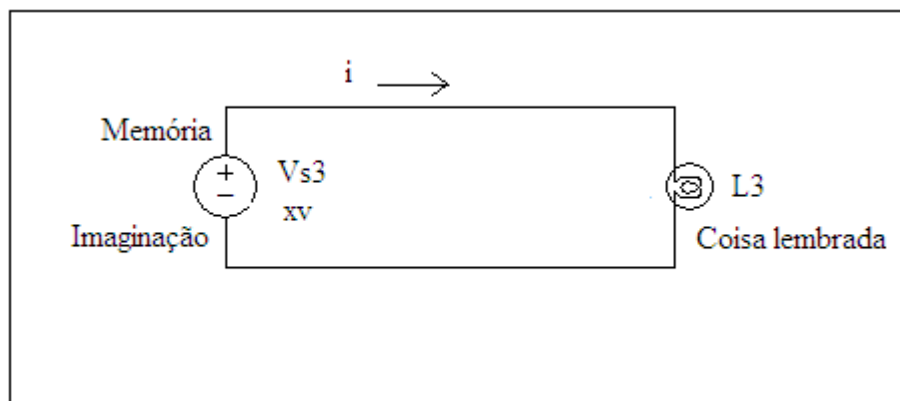


Esse curto-circuito (entre os pontos A e B) ocasionará os seguintes fenômenos:

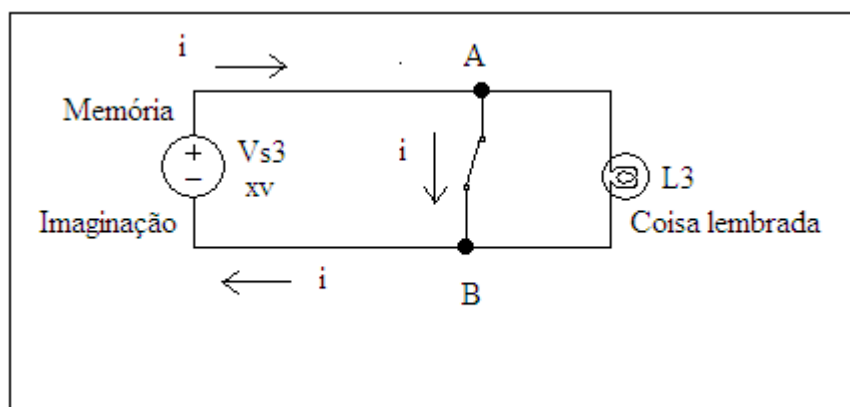
- 1- Não teremos mais a sinalização de equilíbrio do circuito, pois a lâmpada se apagará, já que a corrente preferirá o caminho mais fácil;
- 2- O fluxo de informações (i) entre as polaridades crescerá de forma muito elevada;
- 3- A fonte de tensão ( $V_{s2}$ ) terá sua diferença de potencial (xv) bastante reduzida, para alimentar o curto-circuito, além de um sobreaquecimento que, mantido o problema, pode levar a uma fusão dos polos.

Verificando esses dados, parece-nos muito feliz a utilização desse fenômeno elétrico para ilustrar a importância que aqueles dois livros tiveram para a reflexão crítica dos intelectuais brasileiros. Isto é, o aparecimento dos livros de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa desestabilizou toda uma estrutura que tinha tudo muito bem definido, com seus antagonismos e polaridades delimitadas, o moderno a uma distância segura do arcaico. Aquelas obras articulariam de forma inusitada os antagonismos – que caracterizavam o sertão brasileiro – até ali muito bem definidos. Revisitando o passado, mas retratando o presente, os livros em questão criaram uma nova forma de se analisar aqueles pares oposicionais que passaram a ser vistos como complementares, interdependentes, e não simplesmente como antagonicos.

A situação no caso de Ricoeur é bem parecida:



Teríamos aqui, uma fonte ( $V_{s3}$ ) com suas polaridades (memória e imaginação), com um fluxo limitado de informações ( $i$ ) alimentando a nossa lâmpada ( $L3$ ), que acreditamos poder chamar de “Coisa lembrada”. Em nosso entendimento, o estudioso francês usa a ideia de curto-circuito para criticar uma linha de pensamento bastante recorrente entre estudiosos da memória e filósofos que, frequentemente, confundem memória com imaginação. O circuito ficaria assim, após o curto-circuito:



O curto-circuito (entre os pontos A e B) acarretaria:

- 1- O fenômeno visto por Ricoeur levaria o fluxo de informações ( $i$ ) entre os polos a níveis perigosos, o que relacionamos com uma provável confusão entre o lembrado e o imaginado;

- 2- O sobreaquecimento na fonte (Vs3) poderia levá-la a uma fusão das polaridades, transformando-as em uma única “massa metálica”, aqui a relação que propusemos acima é incrementada, aumentando a confusão entre o lembrado e o imaginado;
- 3- E – talvez o mais importante, considerando nossa hipótese como válida – apagaria nossa lâmpada “Coisa lembrada”, o que pode ser lido como uma invalidação dessa lembrança, como uma memória válida a ser usada numa narrativa autobiográfica.

Observamos que, ao utilizar o fenômeno do curto-circuito para criticar posicionamentos de estudiosos, Ricoeur não descarta que haja um fluxo de informações entre esses pares oposicionais, ainda considerando nossa análise como factível. O que ele não concorda é que essas polaridades sejam tratadas como uma massa homogênea, sem diferença de tensão e com um fluxo ilimitado de informações entre eles.

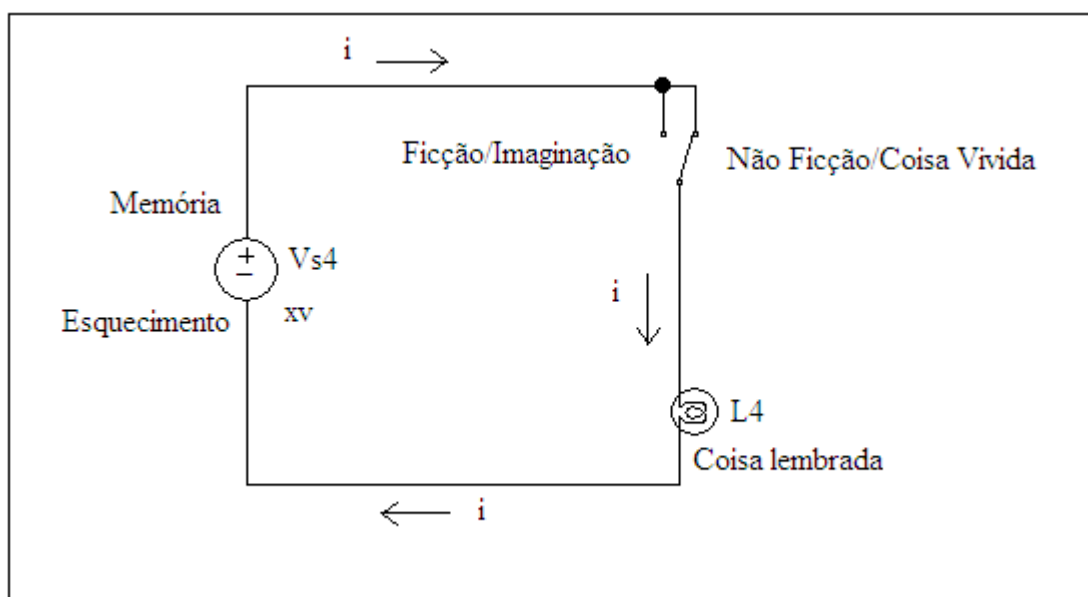
Para finalizar, gostaríamos de retomar a fundamental questão discutida em outro trecho deste trabalho, que diz respeito ao espaço autobiográfico. Parecem-nos muito felizes as colocações de Arfuch (zona de contato) e de Yvankos (espaço fronteiro) ao definirem tal espaço. Talvez fique o questionamento se o termo fronteira seja o mais adequado, mas a possibilidade de um discurso híbrido, de uma narrativa permeada por momentos de realidade e ficcionais leva-nos a um conceito mais amplo para o gênero em questão. Corremos o risco de abrirmos o leque a tal ponto que qualquer narrativa possa ser considerada autobiográfica, situação já levantada por De Man.<sup>29</sup> Se entendemos que a escritura autobiográfica é estruturada pela união lembrança-esquecimento, não podemos deixar de assinalar que se abre espaço para a ficção na narrativa autobiográfica, o que colocaria em xeque a ideia de realidade que o conceito de Lejeune traz. Mas o próprio estudioso francês, vinte anos mais tarde, revisita seu texto inicial, para algumas correções. Isto nos autoriza a fazer um reaproveitamento da proposição de Lejeune.

---

<sup>29</sup> DE MAN. *Autobiography As De-Facement*, p. 68.

Partindo da ideia de fronteira proposta por Yvancos e por Arfuch (não sei se estaríamos forçando muito a nota), poderíamos buscar uma delimitação mais precisa deste local. Será que não poderíamos pensar em algo como o que Silviano Santiago chamou de entre-lugar; ou espaço intersticial, de Bhabha; lugar intervalar, de Glissant; e muitas outras denominações dadas para essas “zonas” de contato, tão discutidas desde o século passado? É claro que teríamos que alargar a ideia inicial de Santiago e dos demais estudiosos – e aqui mora o nosso receio –, que propunham, nos anos 1970, discutir o lugar que ocupava a produção literária latino-americana em relação à europeia. Mas o que nos interessa é a formulação do espaço autobiográfico como uma zona mista, de composição entre o ficcional e o não ficcional. Então, a proposição reaproveitada seria que a autobiografia – ao contrário do que pregava De Man, ao falar da presença de momentos autobiográficos – seria a narrativa que uma pessoa faz de sua própria existência e que admite a presença de “momentos ficcionais”, decorrentes da falibilidade da estrutura lembrança-esquecimento.

Retomando a ideia dos termos da física apresentados acima e conciliando-os com essa concepção de zona fronteira, imaginamos ser possível propor um novo “circuito elétrico” que melhor poderia representar a proposta que acabamos de mencionar:



A nossa fonte (Vs4) não é mais composta pelo par oposicional memória/imaginação. O segundo termo foi substituído pelo esquecimento, já que acreditamos que ele tenha uma relação mais direta com a memória. Além disso, incluímos um par de contatos (que chamaremos de operadores). Esses operadores atuam da seguinte forma: o operador “não ficção/coisa lembrada”, no funcionamento normal do circuito, encontra-se fechado, e a “lâmpada” coisa lembrada está acesa. Em um momento de falha no circuito, o operador que estava fechado se abrirá e, de forma concomitante, será fechado o operador “imaginação/ficção”, mantendo acesa a lâmpada coisa lembrada.

Em outras palavras, o sujeito lírico estaria compondo sua narrativa, baseando-se na memória e em arquivos materiais (fotos, recortes de jornal, cartas), colocando no papel aquilo que considera não ficcional, como “coisa vivida”. Mas, como vimos, a memória é fugidia, falível, e, certamente, haverá momentos de seleção e de esquecimento. É quando entrará em cena, voluntariamente ou não, a imaginação ou a ficção para o preenchimento desses vazios. Assim como Wolfgang Iser, não colocamos ficção e imaginação como sinônimos. Iser diz que a imaginação se colocaria entre o fictício e o real e que a ficção é que possibilitaria a manifestação da imaginação através do texto.<sup>30</sup> Apesar da conceituação distinta, em nosso circuito elétrico ficção e imaginação trabalham de forma orquestrada, em conjunto com a difícil missão de preencher os vazios da memória.

Eneida Maria de Souza, em seu *Janelas indiscretas*, realiza importante análise sobre esse jogo pendular entre realidade e ficção na narrativa autobiográfica. A estudiosa parte do princípio de que realidade e ficção não são pares oposicionais nesse tipo de escrita. Pelo contrário, seriam faces de uma mesma moeda. Os fatos ocorridos teriam uma relação dialógica com a ficção, o que criaria uma dificuldade para aquele que tentasse buscar verossimilhança entre a vida e a obra em uma autobiografia.

Souza retoma o conceito de auto-ficção, apresentada por Serge Doubrovsky, para subsidiar sua linha de pensamento. Esse conceito defende a

---

<sup>30</sup> ISER. *O fictício e o imaginário*, p. 66-70.

narrativa autobiográfica como uma escrita a meio termo entre a ficção e o testemunho.<sup>31</sup> Vale registrar a citação de um trecho de Doubrovsky, que Souza traz para seu texto:

Uma vez mais, nenhuma autobiografia, nenhuma auto-ficção pode ser a fotografia, a reprodução de uma vida. Não é possível. A vida se vive no corpo; a outra, é um texto. (...) A auto-ficção é o meio de ensaiar, de retomar, de recriar, de remodelar num texto, numa escrita, experiências vividas de sua própria vida que não são de nenhuma maneira uma reprodução, uma fotografia... É literalmente e literariamente uma invenção.<sup>32</sup>

Se, por um lado, o conceito de auto-ficção e as ponderações que Souza faz acerca da narrativa autobiográfica tiram qualquer aura de ineditismo que a nossa proposta poderia ter, por outro, a reforçam de modo substancial. O constante chaveamento entre “ficção/imaginação” e “não ficção/coisa vivida” presente no último circuito que apresentamos torna a reconstrução dos acontecimentos passados uma espécie de invenção daquilo que foi vivido. Não é possível se obter um retrato fidedigno daquilo que se viveu, por mais que se conte com fontes confiáveis de dados, de conectores especiais, de colaboração de outros testemunhos.

Retomando Ricoeur, o filósofo francês defende, como citamos, que não se pode tratar memória e imaginação num mesmo plano do conhecimento humano. Concordamos com isto, mas parece-nos que não podemos desprezar a utilidade da segunda, como operador, na materialização da primeira. Importante ressaltar que Ricoeur coloca a relação memória/imaginação como prejudicial à memória, porque a sua argumentação no livro é em defesa desta como estrutura fundamental de referência ao passado, e sua relevância para os estudos da História: “Para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”.<sup>33</sup>

O nosso objetivo difere do buscado pelo estudioso francês. Queremos retratar que, na escrita autobiográfica, estamos lidando com uma exígua região entre a memória e esquecimento, e, quando o sujeito da escrita é levado para o terreno do

---

<sup>31</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*, p. 17-25.

<sup>32</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*, p. 22.

<sup>33</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 40.

esquecimento, o uso da ficção, da imaginação, daquilo que poderia ter sido, torna-se premente na busca pela realização daquela narrativa.

Alguns críticos mais puristas poderiam nos questionar sobre como caracterizaríamos a autobiografia, ficção ou não ficção? E, ainda, esta condição não invalidaria a reivindicação que propõe a autobiografia como gênero literário?

Como já dissemos em outro trecho deste capítulo, acreditamos que sim, que é possível falar de si em uma narrativa autobiográfica. Pensamos também que *Migo* se enquadra dentro da nossa perspectiva do que seja a autobiografia: a narrativa que a própria pessoa faz da sua vida, estabelecida em uma zona de contato entre a ficção e a não ficção e estruturada pela união entre lembrança-esquecimento. Os deslizamentos, omissões e esquecimentos são inerentes à zona fronteira em que os fatos se articulam. Abre-se aqui, em nossa opinião, uma importante possibilidade. Imaginamos ser factível pensar no reconhecimento da existência de uma categoria literária: a autobiografia ficcional ou outra denominação que o valha. É claro que muitos estudos deveriam ser realizados em busca de se estabelecer o que caracterizaria as obras a serem incluídas neste grupo, mas se conseguirmos instituir o espaço autobiográfico como zona de contato, um entre-lugar, uma fronteira entre ficção e não ficção, o passo seguinte seria facilitado, já que as obras que se enquadrassem dentro das definições propostas ganhariam o status de autobiografia ficcional.

Importante ressaltar que essa nossa proposta difere um pouco da apresentada por Arfuch, que situa o espaço autobiográfico como uma região fronteira entre o público e o privado, como uma zona em que se reconheceria uma narrativa como autobiográfica. A nossa fronteira estaria entre a ficção e a não ficção, em que o par lembrança-esquecimento interage constantemente para a construção do texto autobiográfico.

Encontramos em nosso *corpus* passagens que acreditamos corroborar essa proposição em forma de circuito elétrico. Em *Migo*, Ageu Rigueira adverte:

Escrevo como quem vomita o inconsciente às golfadas, pondo para fora o que há lá dentro, no fundo de mim. Tudo metido em palavras e frases legíveis. Verdadeiras? Por vezes. Mas sem nenhum fanatismo de veracidade, misturando passado e presente como me saiam. Espontaneamente. Quando tomo o comando



me envolvo tanto que me atrapalho todo. Se me enrosco até não me metendo, quanto mais (*Migo*, p. 13).

Vejam também um trecho de *A menina do sobrado*:

Protegidos pela bruma, os dias da infância e da adolescência não se rendem às primeiras investidas nossas, ou, antes, nunca se rendem: mostram-se de relance, numa luz cujo rasto logo se desfaz, como as estrelas cadentes que riscavam o céu de Santana em noites de junho, quando, brigado com Risoleta ou com os companheiros, eu me estendia sobre a grama e ficava a contemplar o caminho de São Tiago. Nos momentos extraordinários em que esses mundos remotos se deixam entrever, eu os investigo até onde me guia o instantâneo lume. Quando me fogem, não desespero: vou deslocando a câmera, vou tomando vistas em diferentes posições. Assim, a uma realidade poética exclusivamente minha, posso agregar outra, que se presume objetiva e que, menos particular, mais universal, seria, também a de Loiola ou a de Espínola, se conosco palmilhassem ainda os caminhos da terra (*A menina do sobrado*, p. 44).

No trecho de *Migo*, notamos um narrador que, assumidamente, não tem controle sobre o processo de escrita. Esse processo autômato se faz sem maiores preocupações com a veracidade dos fatos. O aparente descontrole nos remete, com maior clareza, ao conceito de curto-circuito apresentado momentos atrás, na parte que fala da falta de controle sobre os efeitos do fenômeno.

Josefina Ludmer defende uma tese que nos faz refletir acerca do livro *Migo*. Ela discorre sobre a dificuldade para “classificarem” algumas obras contemporâneas em relação às produzidas nos anos 1960 e 1970. Neste período, em sua opinião, o terreno estaria muito bem delimitado, podendo-se, com certa facilidade, separar obras ficcionais das não ficcionais. As transformações ocorridas no mundo, ao longo dos tempos, teriam criado, entre outras coisas, uma relação intrínseca entre o cultural e o econômico, e teriam precipitado o fim de um ciclo de autonomia da literatura. Nesse contexto, teria surgido uma categoria de escrituras que “são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade”.<sup>34</sup> A essa categoria Ludmer chamou de “literaturas pós-autônomas”.

Mas o que o livro de Darcy teria com essa classificação? A questão surge quando Ludmer enumera características daquelas escrituras, as quais podemos detectar sem maiores esforços, em *Migo*. A autora considera que essas escrituras

---

<sup>34</sup> LUDMER. Literaturas pós-autônomas, p. 1.

pós-autônomas seriam diaspóricas, pois ficariam dentro e fora das fronteiras da “literatura” e da “ficção”. Uma obra pós-autônoma criaria sua própria identidade, composta de acontecimentos e de ficções, uma realidade chamada de “desdiferenciadora” por Ludmer, o que afastaria largamente esse tipo de narrativa da ficção clássica e da moderna.<sup>35</sup>

As escrituras pós-modernas sinalizariam de forma incontestável o fim da autonomia da literatura – época em que a literatura teria tido “uma lógica interna” e um poder crucial de nomear-se e referir-se a si própria –, suprimiriam as classificações literárias, romperiam com antigas dicotomias, tais como: nacional/cosmopolita, literatura pura/literatura social. Rural/urbano, realidade/ficção.<sup>36</sup>

Apesar de romperem tantas barreiras, Ludmer adverte que aquelas escrituras podem manter algumas marcas que fazem parte da época em que a literatura tinha sua autonomia:

(...) o marco, as relações especulares, o livro no livro, o narrador como escritor e leitor, as duplicações internas, recursividades, isomorfismos, paralelismos, paradoxos, citações e referências a autores e leituras (ainda que sejam em tom burlesco, como na literatura de Roberto Bolaño). Podem situar-se ou não simbolicamente dentro da literatura e seguir ostentando os atributos que as definiam antes, quando eram totalmente “literatura”. Ou podem colocar-se como “Basura” [lixo] (Héctor Abad Faciolince).<sup>37</sup>

Não se trata de querermos enquadrar o livro de Darcy nessa categoria de escrituras pós-autônomas, todavia *Migo* é uma obra discrepante dentro do nosso *corpus*. O livro realmente rompe com muitas estruturas que poderiam dificultar uma “classificação”, uma “categorização” dentro dos padrões convencionais, não que isso se configure como fator relevante. Por outro lado, a narrativa de Ageu Rigueira mantém algumas características entre as citadas acima, e que o colocam no “espaço literário”. Ou seja, a narrativa “entra” e “sai” do terreno literário, oscila entre a “realidade” e a ficção para criar uma “realidade própria”.

Somos tentados, diante desses indícios, a pensar na inclusão de *Migo* na categoria das narrativas pós-autônomas. Estaríamos forçando uma análise?

---

<sup>35</sup> LUDMER. Literaturas pós-autônomas, p. 2

<sup>36</sup> LUDMER. Literaturas pós-autônomas, p. 3.

<sup>37</sup> LUDMER. Literaturas pós-autônomas, p. 3.

Estaríamos buscando um apaziguamento, mesmo que temporário, para uma narrativa que muito nos tem impactado? A probabilidade de que “sim” seja a resposta para essas duas questões é grande. Entretanto, essa “classificação” pode ser mais um caminho de entrada para as análises da obra.

Em contraposição ao processo “descontrolado” mostrado por Ageu, podemos notar uma importante diferença na construção das lembranças do passado em *A menina do sobrado*. O narrador monta uma imagem da memória que nos remete a um ambiente fechado, escuro, alguns vultos são notados, mas de maneira fugaz. Apesar dessa dificuldade em se conseguir clareza nas imagens fugidias, em alguns momentos as reminiscências se deixam observar. O narrador tem um aparente controle sobre aquilo que quer examinar. Outro aspecto que consideramos importante ressaltar é o modo como o tratamento das imagens lembradas é tratado nesse fragmento. A voz da narrativa constrói uma metáfora muito bem elaborada, em que, para tentar vencer a fugacidade das imagens lembradas, ela as “focaliza” com as “lentes de uma câmera”, para então poder trabalhá-las como lhe convier. Nessa comparação, encontramos apoio para a tese defendida acima, representada pelo último circuito elétrico. Essa “câmera” que possibilita focalizar as lembranças do modo que melhor lhe convier nos remete ao dispositivo de chaveamento mostrado naquele esquema. O narrador de uma autobiografia tem essa “câmera”, tem esse dispositivo que lhe permite chavear (nem sempre conscientemente) entre a “ficção/imaginação e não ficção/coisa vivida”.

A fugacidade das imagens, os lampejos vislumbrados pelo narrador de *A menina do sobrado* num ambiente escuro criam no protagonista uma ansiedade em decifrar algumas lembranças, mas elas não se fixam por muito tempo. O narrador vai se acalmando, se concentrando nos detalhes que se deixam observar. Acreditamos que uma situação similar ocorra com alguém que, vindo de um ambiente iluminado, entre, repentinamente, num amplo e desconhecido galpão, sem nenhuma luminosidade, portando apenas um lampião – antigo instrumento, muito usado no interior, quando não se contava com a energia elétrica. Mesmo com essa pequena fonte de luz, aquela pessoa, a princípio, não conseguirá distinguir os

objetos presentes no ambiente. Passados o receio inicial e os possíveis tropeços, o indivíduo começa a se localizar. Os tropeços vão rareando e alguns objetos começam a ser discernidos à medida que deles se aproxima o fecho de luz do lampião. A situação começa a se tornar controlável. Aquilo que se quer identificar recebe uma atenção com o uso do instrumento de lumiar. Chega-se, então, a uma condição suportável, mas longe da ideal. Os objetos não são decifrados com clareza de detalhes, existem sombras, distorções e a quantidade de objetos e as dimensões do “galpão” são imensuráveis.

Parece ser essa a ideia que o personagem tenta nos passar quando se fala da “câmera” que utiliza para registrar os momentos de lembrança. As recordações são muitas e dispersas no ambiente da memória, que, para piorar a situação, está repleto de “armadilhas”. O protagonista acaba por se contentar com o aparente controle que tem sobre aqueles momentos que se deixam registrar por sua “câmera”.

Por seu turno, Ageu não está muito preocupado em se munir de um “lâmpião” ou de uma “câmera” para entrar em seu “galpão de lembranças”. Ele, simplesmente, entra e, na escuridão, vai tateando e descrevendo as coisas como elas se apresentam nesse voo cego. Ele admite que não tem pretensões de precisão nessas descrições e nos dá a sensação de que, se estivesse portando um “lâmpião”, ele se complicaria mais ainda, pois teria sérias dificuldades para discernir uma coisa (passado) de outra (presente).

Observamos, nos fragmentos destacados, que tanto Cyro quanto Darcy, através de seus narradores, reconhecem a existência desse jogo entre memória/esquecimento na construção de suas narrativas, o que podemos considerar como ponto positivo para a nossa proposição. Verificamos ainda nesses trechos e, de uma maneira geral nas obras estudadas, sentimentos diferentes nos narradores. Notamos que a voz narrativa em Darcy, apesar de ciente da dificuldade de reconstituição do passado, se mostra bem à vontade com a situação, isto é, realiza a tarefa sem grandes preocupações com o resultado nem com a verossimilhança. Observamos um sentimento diferente em Cyro. Sua voz narrativa tem uma preocupação muito grande com a interferência do presente nas relembrações e com a fragilidade das

imagens lembradas. Essas preocupações o fazem interromper o processo de escrita algumas vezes e o levam a questionar a validade da missão.

Walter Benjamin, no texto “Sobre alguns temas de Baudelaire”, aborda os conceitos de memória voluntária e memória involuntária defendidos por Proust, que podem nos auxiliar neste momento. Aquilo que Proust chamava de *mémoire volontaire*, abarcaria as lembranças manipuláveis pela consciência e que não conservavam nada do passado. Já a *mémoire involuntaire* guardaria as impressões daquilo que ocorreu nos tempos idos, tratando-se de manancial particular de cada pessoa. Benjamin, todavia, destaca que, quando ocorre o contato com o outro, com a experiência do grupo, acontece uma junção, uma fusão desses dois tipos de memória, e que, na obra de Proust, as festividades, as cerimônias públicas representam bem esse fenômeno de fusão entre a memória voluntária e a memória involuntária.<sup>38</sup>

No caso dos narradores de *Migo* e de *A menina do sobrado*, observamos o Ageu tentando se valer de sua memória involuntária, objetivando registrar suas lembranças “às golfadas”, enquanto o personagem do livro de Cyro tenta buscar suas recordações de forma mais controlada, de modo mais “consciente”. Ambos falharão, pois suas lembranças estão contaminadas pela passagem do tempo, pelo contato com o outro, pela necessidade de preencher vazios, pelos “filtros” que cada um impõe às lembranças. O pouco que conseguem reconstruir passa pela utilização de conectores, que quase sempre envolverão experiências coletivas. Acabam por construir narrativas mais próximas daqueles momentos de fusão entre as memórias voluntárias e involuntárias a que se referia Benjamin.

### 1.3 – O impossível regresso

Como já dissemos, tanto Darcy como Cyro optam por uma escrita memorialística para comporem seus livros. O exercício rememorativo faz dos narradores analistas minuciosos do passado. Para Calligaris, as anotações que compõem um “diário” “correspondem à necessidade de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Frequentemente, aliás, esses três aspectos se

---

<sup>38</sup> BENJAMIN. Sobre alguns temas de Baudelaire, p. 37-41.

combinam”.<sup>39</sup> Se reafirmarmos, nesse momento, a condição de modernidade dessas personagens, entenderemos que, pelo menos em parte, o diário vai suprir a não coincidência entre indivíduo e mundo, substituindo “a impotência da vida exterior pela intensidade da vida interior”.<sup>40</sup>

Vejamos o que acontece quando Belmiro Borba medita sobre a criação do seu livro. Ele sempre imaginou que o pequeno mundo de Vila Caraíbas merecia um volume de memórias. Assim, sua intenção, a certa altura, era recompor esse mundo, fazendo parte de planos antigos que emergiam do seu espírito, mas que logo abandonava, adiando a tarefa para outro dia. Numa determinada noite natalina, recomeça a escrever, mas o que o pensamento imprime no papel são acontecimentos contemporâneos:

Meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio (*O amanuense Belmiro*, p. 26).

Ageu Rigueira também tem o desejo de recriar acontecimentos do passado, analisar situações vividas, porém reconhece a impossibilidade de tal intento:

Aqui estou, velho ou quase, me lavando nas águas de eu menino. É o melhor que posso fazer. Em lugar de antecipar os achaques que virão, adivinho; retomo, escrevendo, quanto o permita a memória, os ares daqueles idos. Cantar o começo da vida, isto quisera. É impossível. Só uma criança, um jovem, na inocência e no espanto dos sentidos, mal despertos, da razão desarmada, poderia. Mas também não podia. Nem teria para que, ocupada que estaria em viver (*Migo*, p. 28).

Nos dois excertos acima, verificamos que os narradores, apesar de desejarem a reconstrução de um passado vivido no interior, reconhecem que a missão é quase impossível, pois estarão lidando com algo de caráter transitório, instável, falível e, por isso, não confiável e passível de esquecimento. Os narradores então se veem diante de um quadro incompleto, faltando algumas peças, e com isso passam a buscar alternativas para suplantar essas ausências. Além disso, a distância imposta pelo tempo, principalmente nos relatos da infância, contamina o

---

<sup>39</sup> CALLIGARIS. Verdades de autobiografias e diários íntimos, p. 43.

<sup>40</sup> LINS. Notas sobre Abdias, p. 131.

rememorado, conferindo aos fatos um outro colorido, se não um outro significado. Sobre os diferentes valores que se sobrepõem ao vivido, Assmann declara:

Algumas recordações modificam-se juntamente com a pessoa e suas condições de vida, com o correr do tempo, outras desvanecem-se ou perdem-se por completo. Especialmente as estruturas relativas à relevância e aos padrões de avaliação transformam-se ao longo da vida, de modo que o que parecia relevante perde aos poucos a importância e o que era secundário pode adquirir significado, retrospectivamente.<sup>41</sup>

Ricoeur fala da necessidade da construção de conectores – fotos, cartas, familiares, detalhes da casa – para o preenchimento daqueles vazios presentes na memória.<sup>42</sup> Essa ideia da necessidade de conectores de Ricoeur vai ao encontro do que escreveu César Guimarães, ao definir que “a memória é constituída por uma textura de imagens. Retratos, fotografias, descrições, cenas, composições pictóricas, enfim, signos ou conjunto de signos que compõem uma imagem ou conjunto de imagens – esses são os suportes nos quais a memória se inscreve [...]”.<sup>43</sup> Verificamos que os narradores dos romances em questão abusam desses conectores. Vejamos um exemplo da presença desses elementos contido em *Confissões*:

A feira se extravasava para a frente e para o fundo do mercado, onde as mercadorias eram mostradas dentro das bruacas, ao lado dos burros que as trouxeram. E durava o dia inteiro. Tinha quarteirões marcados, como o dos violeiros e cantadores, onde sempre havia desafios em versos, O das oleiras, com seus potes, panelas, pratos e esculturas de brincadeira. O dos curandeiros, oferecendo folhas de lorna, mastruço, sabugueiro, babosa, manjerição, funcho, jurubeba, coentro, alfazema, alecrim e pimentas verdes, maduras e secas. Lá também vendiam a cebola cigantina, que é uma delícia, óleo de pequi e outras maravilhas. Ainda hoje não resisto ver uma feira sem atravessá-la de vendas abertas, procurando as velhas ofertas do mercado de Moc (*Confissões*, p. 18-19).

Exposição semelhante aparece em *A menina do sobrado*, quando o narrador relembra as feiras de Santana do Rio Verde:

Havia de tudo, aos sábados, desde os cereais, os legumes, o toucinho em postas, a carne-se-sol, até os utensílios de cerâmica, as peneiras, as alpercatas, as roupas feitas, as toalhas de crivo. Conforme a estação do ano, ali se veria quanta fruta do mato podiam a chapada, o tabuleiro, as várzeas ou as vazantes oferecer à gulodice infantil. Mas, nem só de paladar tinha com que excitar-se: baianos tocavam sanfona, cegos engrolavam cantigas plangentes, velhas vendiam jinjibirra, e

<sup>41</sup> ASSMANN. A gramática da memória coletiva, p. 2.

<sup>42</sup> RICOEUR. *Tempo e narrativa*, p. 185.

<sup>43</sup> GUIMARÃES. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*, p. 30.

cachorros vira-latas se metiam por entre pernas e bruacas, para abocanhar, aqui, um osso, ali, um pedaço de rapadura (*A menina do sobrado*, p. 69).

A história da cidade de Montes Claros tem sido contada por diversos autores nascidos na cidade, e o acontecimento da feira aos sábados é um tema recorrente. A título de ilustração comparativa, gostaríamos de citar dois desses livros. Uma das citações aparece num livro de Hermes Augusto de Paula, que recorre a um escrito de Antônio Augusto Veloso, de 1892:

O demais comércio ordinário faz-se no município, e principalmente na cidade, onde a cada sábado abre-se a feira em uma intendência expondo-se à venda umas abundantes carregações de gêneros de consumo, feijão, arroz, farinha de milho e de mandioca, goma, farinha de trigo, toucinho, carne seca, açúcar, rapaduras, e todos os gêneros de primeira necessidade. (...) Em certas ocasiões, a feira de Montes Claros, atrai, por vezes, multidão superior a mil pessoas, entre vendedores, negociantes, lavradores, tropeiros, mascates, quitandeiros e curiosos que, em meio de balbúrdia e algazarra, – uns apregoando as suas mercadorias, outros regateando em o que querem comprar, e outros finalmente a conversar em alta voz, a galhofar e a rir, oferecem um quadro original à observação dos costumes sertanejos, que o desenvolvimento da civilização pouco tem modificado.<sup>44</sup>

O outro excerto vem do livro *Montes Claros era assim*, de Ruth Tupinambá Graça:

Aos sábados, tornou-se hábito de todos, era o dia da feira, ou “procissões dos aflitos”, como diziam, todos os moradores nessa cidade antiga, dirigiam-se ao mercado para fazerem compras. (...) Encontrava-se de tudo: arroz com casca ou socado no pilão, açúcar mascavo bem “moreninho”, rapadura cerenta gostosa, doce de cidra, laranja em formas embrulhadas nas palhas de bananeira, batida de Santo Antônio, bem clara. (...) As carnes de porco, carne de sol de “dois pelos” em grandes mantas colocadas em giráus pequenos. Muita linguiça feita em casa com muito tempero, cheirosa... Muita fruta: bananas roxa, mulata, caturra, prata, enormes, lima da pérsia (que hoje não se vê), côco azedinho, muita manga-rosa, sapatinha, umbu, espada, tão bonitas!<sup>45</sup>

Interessante observar a semelhança entre as descrições de feiras ocorridas em tempos passados e em momentos diferentes, como se aquelas imagens tivessem sido cristalizadas numa espécie de inconsciente coletivo. Nesses trechos observamos que, além de ser tema recorrente, a feira e o comércio, como um todo, são representados de formas diferentes por historiadores e por escritores.

---

<sup>44</sup> PAULA. Montes Claros sua história sua gente seus costumes, p. 94.

<sup>45</sup> GRAÇA. *Montes Claros era assim...*, p. 63-64.



A feira se configura para nós como um daqueles acontecimentos relacionados por Benjamin – e citados momentos atrás – em que ocorre aquela fusão entre a experiência individual e a coletiva. Trata-se de uma ocasião de celebração da vida interiorana, que teima em continuar viva em muitas cidades do interior de Minas. Temos um verdadeiro caldeirão cultural em que se misturam as classes sociais, compradores, vendedores, moradores da cidade e da zona rural. Nesse ambiente não é difícil de se encontrar a retomada de antigas relações comerciais, como a troca de produtos (o antigo escambo). É comum a presença de violeiros e de contadores de “causos” que disseminam a cultura sertaneja nas animadas rodas de conversas. A mistura e a fusão são inevitáveis num local como esse. Daí a importância e a recorrência desse acontecimento para a construção do discurso dos nossos narradores. A feira está incrustada em suas lembranças e trazem uma riqueza de detalhes para as narrativas que pode ser relacionada com o conceito de memória coletiva, defendido por Maurice Halbwachs.

*Grosso modo*, o ponto nevrálgico do livro *Memória coletiva*, de Maurice Halbwachs, encontra-se na defesa de que toda a memória individual existiria a partir da memória coletiva. Isto é, os sentimentos, as ideias, os desejos que acreditamos como genuinamente nossos, na verdade seriam inspirados pelas relações com o grupo a que pertencemos, ou com que temos contato.

Reencontraremos, nos livros estudados nesta tese, o uso de experiências coletivas como suporte para as narrativas, o que reforça a importância da memória coletiva na construção de uma escrita autobiográfica. A importância das relações com o outro vai além de uma necessidade humana, elas são decisivas, entre outras coisas, para a confecção de um discurso, para a formação de uma identidade cultural.

A família é outro signo a que recorrem os narradores para recompor suas memórias. Com a intenção de reconstruir a história familiar, eles não apenas resgatam acontecimentos passados, mas fazem da desconstrução, do esmaecimento da imagem memorialística a matéria-prima de seus relatos. O narrador das *Confissões* se refere, da seguinte maneira, aos primeiros acontecimentos de sua vida:

Nasci de Fininha e de seu Naldo. Fui seu segundo filho. O primeiro, Dirceu, morreu de sarampo aos três anos. O terceiro, Mário, anda por aí. É o melhor irmão do mundo. [...] O amor de papai era também fulminante. Fui seu segundo filho e nasci em outubro de 1922. Em dois anos eles tinham casado e gerado dois filhos. [...] Mamãe foi uma brava mulher, com energia e coragem para completar o seu curso normal depois de viúva, enfrentar o trabalho de criar sem ajuda, seus dois filhos. Acabou por criar também seus irmãos mais novos (*Confissões*, p. 24-27).

E o narrador da primeira parte de *A menina do sobrado* assim apresenta sua família, no início da obra:

EM TORNO DA MESA de pereiro branco, larga e comprida, cabiam os quatorze filhos e os parentes que se criavam na casa, mas poucas vezes o clã se reuniu por inteiro. Dos rapazes, alguns viviam fora, a estudar ou tentar a vida, e a primogênita, casada, participava da refeição paterna só em ágapes comemorativos. Contudo, não faltavam hóspedes ou convivas que preenchessem os claros deixados à esquerda ou à direita da venerável peça (*A menina do sobrado*, p. 4).

Todos esses termos conectores – cheiros, sons, personagens, cores – são essenciais para a composição do mosaico de imagens que vão sendo formadas e colocadas no papel. É importante observar que essas recordações da infância – inicialmente compondo um quadro de unidade, de união familiar – vão sendo desconstruídas ao longo das narrativas aqui estudadas. As crises financeiras, as mortes, os estudos na capital, a chegada do progresso (a luz elétrica, a linha férrea), o envelhecimento, vão criando um quadro desolador, de decrepitude.

Tentaremos nos ater a um desses conectores recorrentes nas narrativas: a casa em que passaram a infância. Ricoeur traça a seguinte linha de raciocínio ao tratar dessa relação entre a memória e o espaço habitado:

As lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas: nessas lembranças tipos, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente, fragmento da terra habitável, com suas trilhas mais ou menos praticáveis, seus obstáculos variadamente transponíveis (...).<sup>46</sup>

Ricoeur continua sua análise e diz que dessa memória compartilhada sobre o espaço habitado no passado passa-se então para uma memória coletiva, o que

---

<sup>46</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 156.

facilitaria, em certa medida, a reconstrução das lembranças do passado. Apresenta-se nos bastante coerente tal teoria, o que nos possibilita seguir nosso raciocínio.

Tanto Ageu quanto Belmiro têm clara consciência do lugar de origem, relembram as casas em que viveram na infância e isso contribui para a formulação dos seus textos. Porém, imaginamos, o narrador de *Migo* demonstra uma maior dificuldade para manter os vínculos com suas recordações. A única pessoa que poderia conservar acesas suas recordações – sua irmã Nininha – está em Mangueiral, envelhecida e solitária, e que ele visita raramente. Nas escassas visitas que faz, Ageu, ao encontrar a irmã, experimenta uma espécie de imersão em outra dimensão, paralisada num passado remoto.

Com Belmiro as coisas são diferentes. O convívio diário com as irmãs Emília e Francisquinha funciona como um tipo de âncora que não o deixa abandonar suas raízes. Elas são estranhas numa cidade em que não queriam viver, e podem representar, acreditamos, todo o conflito entre o velho e o novo, o progresso e o atraso, o tradicional e o moderno. Talvez possamos imaginar que o desconforto que Belmiro sente em relação às irmãs, o sentimento de pena ao vê-las tão deslocadas na cidade grande e a tristeza em assistir ao envelhecimento das irmãs em cidade cheia de vigor, possa ter relação com o que ele sente em relação à sua Vila Caraíbas. Belmiro observa com tristeza a derrocada de sua família e da sociedade em que vivia. Sente-se desconfortável quando visita sua terra natal, porém não tem como desligar-se dela, pois a encontra todos os dias em sua casa.

Seguindo a afirmação de Ricoeur, podemos inferir que Ageu não tem muito com quem compartilhar as lembranças do passado, em Mangueiral, e, talvez por isso, sofra um pouco menos. Já Belmiro tem duas pessoas muito próximas para compartilhar – mesmo que de maneira bem particular, pois pouco se comunica com as irmãs – as lembranças, deixando sempre aberta a “ferida” da relembração.

Causa-nos espécie o estado de espírito assumido pelos narradores ao se verem diante de moradias decrepitas, abandonadas, em contraposição ao que viveram na infância:

Com Nininha no coração, sentado aqui no escritório, percorro lentamente, mão na mão de Nininha, nossa velha casa inteira. O corredor comprido, onde vovó vigia para não ganharmos a rua. Do lado de lá a sala de fora, clara, janelas abertas ao sol e ao vento, de par em par. [...] Os quartos de dentro, cada um com uma pessoa dentro, bordando, costurando, conversando. Para onde foram tantas gentes? Na cozinha aquele rebuliço. No quintal, comigo, a meninada toda da vizinhança (*Migo*, p. 44).

Esse sentimento de que as coisas nunca voltarão a ser como antes reaparece com mais força nesse mesmo livro:

Mais ainda que do jardim dos dois lados de casa velha, eu tenho lembranças gratas é do quintal que já não há. Ocupava todo o quarteirão. Lá se foi, desgastado pelo tempo, loteado em casas e garagens demasiadas. [...] Mangueiral não é mais minha ilha verde, alçada, florida, passarineira em que eu cresci. Hoje é uma miragem. Só existe no meu peito. [...] No Mangueiral não sobrou nada. Tudo mastigado, triturado pelo progresso (*Migo*, p. 93-94).

Em *A menina do sobrado* temos, bem no início do livro, uma rica descrição do ambiente em que o narrador foi criado, as reuniões, as festas, as serenatas, tudo concorre para a construção de um quadro cheio de vida, de aromas e sons. Com a passagem do tempo, a imagem inicial vai ficando desbotada, os filhos são mandados para a capital para estudar, a chegada do trem de ferro e da energia elétrica vai transformando a vida dos moradores. As fazendas vão sendo vendidas e loteadas, o comércio passa a mãos mais especializadas, o centro das decisões políticas e econômicas vão se transferindo para as cidades. A situação é muito bem descrita no capítulo “O desmoronamento, a diáspora”:

Enquanto, prosperamente os ventos assoprando, Valdemar e eu navegávamos velas panda – lá, numa Santana que, ensoberbecida com os trilhos da Central, parecia haver-se tornado adversa aos velhos clãs, a máquina da família se desconjuntava toda, estertorando em convulsões como o alquebrado Diesel a quatro tempos da nossa fábrica. No afã de salvar a pequena indústria e cansado de recorrer ao crédito, meu pai acabara por vender a Porteirinha. Holocausto inútil. Torrando gado e fazenda, mal pôde prolongar a agonia daquele empreendimento de bases tão precárias. [...] Tornou-se inevitável parar, entregar tudo. Com a fazenda e a fábrica, também naufragou a Loja (*A menina do sobrado*, p. 386).

Belmiro também compara a Santana atual com aquela dos seus tempos de criança. O narrador, apesar da tristeza, reconhece que o tempo é inclemente. A Santana que conheceu ficou no passado, e é inútil tentar reconstruí-la. Esse sentimento perpassa todo o livro, mas, no capítulo “Ritornelo”, ele fica mais evidente:

Escapou-me ontem, à noite, esta lamentação: acham-se no tempo, e não no espaço, as caras paisagens. Verifiquei esse angustiante fenômeno quando, em 1924, fui à Vila pela última vez. O Borba já havia morrido, a fazenda passara a outras mãos e as velhas já aqui estavam com sua extravagante bagagem. [...] Em vão busquei nas linhas, cores e aromas de cada objeto ou de cada perspectiva, que se apresentavam aos meus olhos, as linhas, cores e aromas de outros dias, já longínquos e mortos. Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se tornou interdito, desde que deixou de existir, como presente, e se arremessou para trás. Vila Caraíbas, a montanha, o rio, o bunital, a fazenda, a gameleira solitária no monte – que viviam em mim, iluminados por um sol festivo de 1910, ou apenas esboçados por um luar inesquecível que caiu sobre as coisas, naquela noite de 1907 – ali já não estavam. Onde pretendi encontrar a alma das épocas idas, não encontrei senão pobres espectros. [...] O que a meus olhos surgiu foi a sombra de um tempo que morreu. [...] A velha fazenda, que foi dos Borbas, exibiu-me apenas a ossatura desnuda daquilo que, em outros tempos, fora um corpo exuberante de vida (*O amanuense Belmiro*, p. 92-94).

Nessa interessante passagem, Belmiro define que a memória estaria ligada ao tempo e não ao espaço. Essa é uma das características da modernidade, que prega a predominância do tempo sobre o espaço. Entretanto, Belmiro insiste em relembrar rios, casas, árvores, enfim, tudo o que se relaciona com o espaço em que viveu. Estaria ele propondo uma espacialização da memória, mesmo entendendo que o vínculo maior seria com a questão temporal?

Ricoeur, novamente, nos auxilia ao afirmar que a espacialidade corporal e a ambiental estão inseparavelmente ligadas à evolução das lembranças. O corpo, como primeiro espaço habitado, criaria vínculos com o ambiente em que se viveu, se relacionou com outras pessoas, o que contribuirá para a criação de uma memória compartilhada.<sup>47</sup>

Portanto, Belmiro não estaria espacializando a memória e sim utilizando-se das recordações espaciais que estariam mais vívidas em sua memória, mas relativizando-as, na medida em que considera o tempo como protagonista para a construção de sua narrativa. Na verdade, tempo e espaço formam uma dupla indissolúvel, que trabalha na montagem do difícil quadro de recordações.

Darcy, no começo de suas *Confissões*, recorda a sua então pequena cidade, composta de casarões, ruas calçadas por pedras, em que passavam as tropas

---

<sup>47</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 157.

de burros e os carros de bois, repleta de árvores. Apesar de não possuir os fortes tons de melancolia como nos trechos anteriores, observa-se que as transformações o incomodam e descaracterizam sua antiga Montes Claros:

Montes Claros de eu menino se orgulhava de ter mais de 20 mil habitantes. Cresceu tanto que supera agora os 200 mil. Coitada. Daqueles vinte, um quarto vive no casco da cidade. O restante nos arredores: Roxo Verde, Cintra e outros. A cidade antiga expandiu-se tanto que esgarçou. Não sobrou nenhum dos prédios mais velhos. Apenas uns sobradões e a catedral velha lembram a antiga grandeza. Quando vou lá fecho os olhos e abro os da memória para ver minha cidade como tal qual era. Montes Claros só existe de fato dentro de mim, como coisa pensada (*Confissões*, p. 15).

No mesmo livro citado acima, Ricoeur aponta que seria na “escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço”.<sup>48</sup> Essa proposição é facilmente ilustrada nos dois últimos fragmentos mostrados. As cidades – a fictícia Vila Caraíbas e a real Montes Claros – registram em seus espaços diferentes momentos históricos. Esses momentos – o “atual” e o “vivido” – são cruciais para a construção das memórias de Belmiro e do narrador de *Confissões*. O primeiro abre os olhos para confirmar a desolação dos locais em que passou a infância. Enquanto o segundo, que também constata as transformações arquitetônicas, prefere fechar os olhos para poder “enxergar para dentro”, para assim viajar no tempo e avistar sua Montes Claros tal como a conheceu.

As semelhanças entre as descrições dos dois narradores são emblemáticas. Ambos guardam recordações muito vivas da cidade natal. Essas imagens são contrapostas ao que encontram no presente e isso os desencanta profundamente. O progresso transformou a cidade em que nasceram em lugar estranho, alheio a suas histórias. Resta-lhes exercitar as lembranças e tentar manter, pelo menos na memória, o ambiente em que viveram importante fase de suas vidas. As transformações pelas quais passaram as suas cidades são, de certa forma, um impulso para que eles as abandonem. Por não se sentirem confortáveis com o progresso e o crescimento, os personagens vão sendo “expulsos” da própria terra onde nasceram.

---

<sup>48</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 159.

## 1.4 – Memórias errantes

Apesar da forte carga polissêmica que o termo exílio carrega, não podemos nos furtar a abordá-lo em relação às obras e autores estudados nesta tese. Antes de se configurar como problema a multiplicidade de significados que a palavra exílio pode assumir, ela nos possibilita a estabelecer algumas relações que consideramos interessantes neste momento.

Antes de entrarmos nas obras e na vida dos autores, recorreremos a um fragmento do livro *Reflexões sobre o exílio*, de Edward Said:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser forasteiro. [...] Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais [...] eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições.<sup>49</sup>

Partindo dessa divisão proposta por Said, podemos sugerir algumas classificações: no sentido restrito de exílio, de banimento, teríamos Darcy Ribeiro, que como dissemos em outro momento desta tese, foi perseguido pela ditadura militar e teve cassados os seus direitos políticos, passando a viver em países da América Latina. Já Cyro dos Anjos também viveu fora do país por um período, porém por decisão própria, ao aceitar convite da embaixada brasileira, o que poderia enquadrá-lo na condição de expatriado. Todavia, desejamos trabalhar com um conceito mais amplo, que possibilitará um processo comparativo entre os protagonistas do nosso *corpus*. Acreditamos que o conceito de “errância”, estudado por Rita Olivieri-Godet, colabore conosco:

Os deslocamentos no próprio conceito de errância aproximam-no das figuras da migrância, da deriva, da viagem, do exílio, da diáspora cada vez mais presentes nos discursos sociais, e na produção literária de nossas sociedades atuais marcadas pelas mobilidades transculturais questionando as noções de afiliações identitárias e culturais. O rico simbolismo da errância e de seus desdobramentos em diferentes facetas manifesta-se tanto na sua dimensão exterior, como deslocamento físico, quanto na dimensão interior e ontológica que a ela se sobrepõe: errância como busca de um alhures, viagem existencial imprevisível em busca da alteridade reveladora, do “estrangeiro que nos habita”

---

<sup>49</sup> SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, p. 52.

(KRISTEVA, 1998), parte errática do eu não assimilável; errância que associa o processo de reconstrução do eu à experiência do diverso, do Outro, da diferença cultural em textos que abordam a temática das migrações.<sup>50</sup>

Considerando o conceito mais amplo de exilado exposto no início da citação de Said, acima, como “toda pessoa impedida de voltar para casa”, e reforçado pelo conceito de errância, acreditamos estar autorizados a estender a ideia aos livros *Migo*, *O amanuense Belmiro* e *A menina do sobrado*. O exílio em questão estaria na relação que os narradores possuem com a antiga terra natal e a impossibilidade de a ela retornar. Todos os protagonistas desses livros deixaram a vida no interior para se aventurarem na cidade grande. Pode parecer que estamos abrindo excessivamente o conceito para exilado, o que possibilitaria encaixar a qualquer um nessa condição. Não é nossa intenção, entretanto, a ideia de errância, não só na perspectiva exterior, física, mas principalmente na dimensão interior, na busca de uma identidade cultural, escancara a possibilidade de sermos todos “errantes”, e por que não, exilados.

Belmiro, em uma das suas divagações, toma uma decisão:

Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço, leitor; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal. Mas não me refiro à perda da matéria, no domínio físico, e quero apenas dizer-lhe que, assim como a matéria se esvai, algo se desprende da coisa, a cada instante: é o espírito cotidiano, que lhe configura a imagem no tempo, pois lhe foge, cada dia, para dar lugar a um novo espírito que dela emerge. Esse espírito sutil representa a coisa, no momento preciso em que com ela nos comunicamos. Em vão o procuramos depois: só veremos outro, que nos é estranho. Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está é dentro de nós (*O amanuense Belmiro*, p. 94).

Chama-nos a atenção a opção que Belmiro faz em abdicar-se da sua terra natal, tão amada, mas tão distante. Como se pode depreender, essa distância não é mensurável em quilômetros, não se trata de afastamento geográfico, mas sim, temporal. A passagem do tempo tornou sua terra algo muito diferente daquilo que conheceu.

Dentre as variadas conceituações acerca da temporalidade, uma que poderíamos utilizar, sem grandes prejuízos, para representar a relação que os

---

<sup>50</sup> OLIVIERI-GODET. Errância/migrância/migração, p. 190.



protagonistas têm com a passagem do tempo na construção de suas narrativas, seria aquela defendida por Benedito Nunes:

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de **tempo psicológico** ou de **tempo vivido**, também chamado de **duração interior**. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. Variável de indivíduo para indivíduo, o **tempo psicológico**, subjetivo e qualitativo, por oposição ao **tempo físico** da natureza, e no qual a percepção se faz ora em função do passado, ora em função de projetos futuros, é a mais óbvia expressão temporal humana.<sup>51</sup>

É na busca pela apreensão do “tempo vivido”, para poder retratar suas relembrações que os personagens – e mais especificamente, Ageu e Belmiro – se angustiam, se decepcionam, pois tudo é muito subjetivo, as lembranças lhes escorrem entre os dedos e aqueles tempos não mais voltarão. Entretanto, a noção defendida como “terceiro tempo”, por Ricoeur, parece-nos mais apropriada. Esse terceiro tempo – diferente do imutável tempo cósmico de Aristóteles, e do tempo *psicológico*, interior, apresentado nas *Confissões*, de Santo Agostinho (assim como o defendido por Benedito Nunes) – surgiria da interseção entre a ficção e a história e seria configurado no relato, na narrativa.<sup>52</sup>

Voltando ao tema da errância, Ageu Rigueira busca, em alguns momentos do livro, uma definição para a questão do pertencimento. Ele não é de Mangueiral, não é de Belo Horizonte. Seu país, sua pátria, é Minas Gerais:

Meu país, minha patrinha, pra valer, é Minas. [...] Minas é minha patrinha, minha nação, meu gene, minha etnia. Mineiro sou, apesar de mim. Isto que é que sou: mineiro. [...] Onde quer que nasça um mineiro, e nascemos por toda parte, é também um pouco mineira pátria minha. Patriazinha. Para mim, todo brasileiro é mesmo, vendo bem, um disfarçado mineiro (*Migo*, p. 148).

Ao longo do livro, essa convicção de que pertence a Minas é relativizada com novas incursões pelo mundo das palavras ao qual o personagem julga pertencer. Contudo, não conseguimos captar um apaziguamento em relação às suas origens. Assim como Belmiro, Ageu gostaria de retornar à sua Mangueiral, porém

---

<sup>51</sup> NUNES. *O tempo na narrativa*, p. 18-19.

<sup>52</sup> RICOEUR. *Tempo e narrativa*, tomo III, p. 435.

não a que existe no presente, mas àquela em que passou a infância. Acreditamos ser importante ressaltar que os narradores não expressam seus sentimentos – pelo menos, não em nossa opinião – com saudosismo, pelo contrário, eles demonstram ter plena consciência da impossibilidade de retorno ao passado.

Também em *A menina do sobrado*, o narrador deixa a sua Santana do Rio Verde tão amada e vai para Belo Horizonte em busca de oportunidades de crescimento. Toda a primeira parte do livro, chamada de “Santana do Rio Verde”, trata de suas aventuras, suas relações sociais, enfim, de toda a sua infância e adolescência vivida naquele lugar. Na segunda metade – “Mocidade, amores” – discorrerá sobre a chegada do personagem na cidade grande, as desilusões e conquistas obtidas:

Por certo me haveria aguentado em Santana, se os companheiros tivessem permanecido lá. A ideia de viver num centro grande me excitava, mas eu queria bem à terra e doía-me o pensamento de deixá-la. Foram-se os marotos, um após outro; fiquei sozinho. Mais que sozinho, perdido, pois Santana, para receber os trilhos da central, deixava despedaçar-se a moldura que eu amava, moldura velha, do fundo dos tempos. Fizera-se pó e caliça. A princípio, seduzido pela imagem da urbe nova, eu, como toda a gente, me acumpliciara com os demolidores. Depois, percebi que, do mesmo golpe com que a derruíam, as picaretas me derruíam também. Vi-me desterrado dentro da própria terra, vagando entre destroços (*A menina do sobrado*, p. 225-226).

A decisão de ir para Belo Horizonte, se é que se pode considerar esse ato como uma decisão, é quase que compulsória. Todos os amigos se foram, portanto, ele se achava na obrigação de fazer o mesmo, mas é importante ressaltar a parte final da citação. A chegada do progresso vai descaracterizando a terra amada a tal ponto que o narrador passa a não reconhecê-la como sua. Essa descaracterização vai se acentuando ao longo do livro, até chegar a um desfecho nada feliz para a família do narrador. Seu pai perde todo o patrimônio e acaba se transferindo para Belo Horizonte: “Após o desmoronamento, a Diáspora” (*A menina do sobrado*, p. 390).

O progresso com sua força, sua velocidade, acelera o processo de dissolução das lembranças que o protagonista tinha de sua cidade. Como observamos, o espaço (cidade) armazenaria diversos momentos históricos da região. Santana do Rio verde não seria diferente, todavia, à medida que as novas construções se instalavam, e, em muitas oportunidades, substituindo os antigos

casarões, o protagonista vai perdendo referências, os conectores que mantinham vivas certas recordações vão sendo dizimados e, por consequência, dificultando o trabalho da memória do narrador.

São muitas as similaridades entre as condições de errantes apresentadas nos três livros. Todos os narradores deixam sua cidade no interior à procura de melhores condições de vida. Estabelecem-se em Belo Horizonte, conseguem emprego e certa estabilidade econômica. Todavia, sentem-se sozinhos, órfãos de um sentimento de “ter raízes”, de pertencerem a algum lugar, mesmo que por alguns momentos se sintam resignados com a condição em que vivem. Essa resignação, reiteradamente, é rompida por desejos de voltar às origens, de reencontrar suas raízes nas cidades em que nasceram. Mas aqui é que se pode reforçar a condição de exilados desses personagens. Eles não podem voltar para “casa”. Ela não mais existe como eles a vivenciaram. Ela está apenas na memória, nas lembranças, ou como melhor definiu Belmiro, ela está é no tempo, e não se pode voltar no tempo.

Consideramos importante retratar também o sentimento dos sujeitos históricos Cyro dos Anjos e Darcy Ribeiro. Relembrando o que dissemos, dentro da divisão proposta por Said, Cyro se enquadraria na categoria de expatriado, já que esteve fora do Brasil a serviço da embaixada brasileira. Darcy assumiria um papel mais clássico de exilado político. Contudo, seguiremos adotando um conceito mais amplo de exílio, de errância, assim como o fizemos ao analisar os romances.

Apesar do tom confessional, até mesmo autobiográfico, presente em *O amanuense Belmiro*, e, mais ainda, em *A menina do sobrado*, não podemos fazer associações diretas entre os protagonistas e o sujeito histórico Cyro dos Anjos. Cientes dessa limitação, encontramos subsídios para o debate na já citada correspondência entre o autor montes-clarense e Carlos Drummond de Andrade. Como nos alertam os organizadores do livro, Cyro esteve cumprindo atribuições ligadas à cultura junto à embaixada brasileira no México e em Portugal, na década de 1950. Mesmo distante, o autor de *Montanha* não perdeu contato com os amigos brasileiros e, em especial, com o compadre poeta. Os sentimentos despertados naquele período são delineados em cartas e cartões postais enviados a Drummond,

dos quais retiraremos alguns fragmentos na tentativa de montar um mosaico ilustrativo de tais sentimentos:

Mas, nem as preocupações do curso, nem as fadigas para a procura de casa, nem as dificuldades dos primeiros contatos no país me livram de grandes crises de melancolia. Acho absurdo que tenha vindo parar nestas remotas plagas, e minha vida me parece mais inútil que aí.<sup>53</sup>

[...] De qualquer modo, tirando as saudades dos amigos e da terra, não tenho agora outros motivos para lamentar a viagem. Eu estava bastante cansado e com os nervos esfrangalhados pela guerra fria que sofri aí, desde o início do novo governo.<sup>54</sup>

[...] Estando parado, sofre-se mais fortemente a saudade da terra, dos amigos e de uma porção de coisas que se valorizam, à medida que a gente envelhece. Encarava, com melancolia, a perspectiva de permanecer mais um ano no México, apesar de haver gostado do país e de ter tido, aqui, uma vida tranqüila – coisa difícil nestes tempos.<sup>55</sup>

[...] Provavelmente, darei a Brasília os meus ossos. Quatro dos filhos estão se arrumando por aqui: assim, o centro de gravidade da família impõe-me o Planalto. Há compensações: vida compassada, novidades poucas, releituras em vez de leitura, como convém a um coronário cauteloso. Mas, a solidão, às vezes pesa demais. No Rio, eu sentia a solidão moral; aqui, esta é agravada pela solidão física, pelos grandes espaços vazios.<sup>56</sup>

Nesses trechos destacados, observamos, apesar da saudade da terra e dos amigos, um Cyro adaptado à vida longe do Brasil. Ele chega a mostrar-se um pouco aliviado em estar distante do país em um momento politicamente conturbado. Ocupando a cadeira de estudos brasileiros na Universidade do México e, mais tarde, na Universidade de Lisboa, manteve contato com escritores e intelectuais importantes da época. Registra-se, naquele período, apenas o ensaio “A criação literária”, de 1954. No último excerto, temos um Cyro já de volta ao Brasil, porém em outro momento de errância. Ele está estabelecido em Brasília, os filhos começam a se encaminhar na vida, todavia o autor não se sente confortável. A solidão que o acompanhava na sua estada no exterior não o abandonou. O retorno ao Brasil não preencheu os vazios que o acompanharam mundo afora.

Merece destaque, porém, o fato de que a melancolia dos personagens de Cyro aparece também nas suas correspondências com Drummond. O

---

<sup>53</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 129-130.

<sup>54</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 145.

<sup>55</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 199.

<sup>56</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 263-264.

distanciamento da pátria desperta em Cyro uma relação mais sentimental com as coisas de seu país, “o menor sambinha assume para a gente uma importância enorme, no estrangeiro”.<sup>57</sup> Ou seja, na condição de errante, Cyro, e para a grande parte das pessoas que se encontram nessa posição, parece ter o seu mecanismo de relembração mais sensível, e que pode ser disparado por fatos que passariam despercebidos se ocorressem no país de origem.

Em síntese, Cyro se adaptou bem à vida no exterior, apesar das saudades do Brasil. Dedicou-se à vida acadêmica e a conhecer os países em que esteve, não tendo realizado obra literária relevante, além do ensaio citado, no período em questão. Não que isso se mostre significativo, dado que a carreira literária do autor mineiro não foi marcada pela proficuidade.

Darcy Ribeiro, após o golpe militar de 1964, foi obrigado a deixar o Brasil, passando a viver como exilado no Uruguai, Venezuela, Chile e Peru. Em suas *Confissões*, encontramos uma significativa parte dedicada ao período, da qual retiramos alguns trechos que consideramos emblemáticos:

O exílio é uma experiência terrível, sobretudo para os brasileiros. Temos um país tão grande e variado, tão cheio de sumos, seivas e cores que ser tirado daqui é um desterro. Para todos os exilados, exílio é sofrimento (*Confissões*, p. 361).

[...] Como se vê, meu longo exílio uruguaio, se não foi de flores, também não foi de espinhos. Nunca vivi um período tão fecundo na minha vida. Entrei logo em convivência com intelectuais uruguaiois, sobretudo o grupo da revista *Marcha* e os amigos de Angel Rama e de Eduardo Galeano, um meninão já jornalista profissional. Junto com eles planejei e produzimos uma bela e lúcida *Enciclopédia da cultura uruguaia*, que me permitiu tomar o pulso da intelectualidade do país (*Confissões*, p. 363).

[...] O Uruguai foi para mim um exílio fecundo. Lá, nas longas horas que o exílio nos dava, estudei e escrevi muito. [...] Lá escrevi a primeira versão de *O povo brasileiro* [...] Completei no Uruguai *O processo civilizatório* e *Os índios e a civilização*, livro que eu me devia fazer muitos anos. Lá também, para descansar do duro trabalho de elaboração desses livros teóricos, escrevi a primeira versão de *Maíra* (*Confissões*, p. 372-373).

[...] Depois de anos de exílio, minhas chegadas ao Rio foram as grandes alegrias de minha vida. A maior de todas foi, afinal, aquela em que vim para ficar, para aqui me plantar e para aqui viver o resto de meus dias (*Confissões*, p. 454).

---

<sup>57</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 162.

Ao contrário de Cyro, Darcy viveu intensamente os anos que passou no exílio. Muitos amores, engajamento nas questões locais, elevada produção de textos teóricos e o início da carreira literária. Foi um período de sofrimento, porém fundamental para a formação de uma consciência crítica acerca dos problemas da América Latina, como aponta Haydée Ribeiro:

Como exiliado, Darcy Ribeiro comenzaba su destino de errancia, pero también de conocimiento de América Latina, apoyado por sus amigos uruguayos y estimulado por las conocidas cualidades de Ángel Rama: inteligencia, espíritu integrador, apertura al otro, crítica ética y política. Creo que el asilo uruguayo le propició al autor de *As Américas e a Civilização* intercambios culturales importantes y definitivos.<sup>58</sup>

Encontramos, em outra obra de Darcy, *Testemunho*, um trecho em que ele fala do período em que esteve exilado. Neste fragmento que citaremos abaixo, poderemos confirmar o que foi dito até aqui:

Em abril de 1964 me vi no exílio junto com Jango no Uruguai. Durante os primeiros anos pensei sempre que aquele seria um exílio de seis meses. Na verdade, foi longuíssimo, alongando-se pela Venezuela, Chile e Peru e me levando também em viagens de trabalho a muitos países europeus. A opção de ficar na América Latina, recusando as oportunidades de ir para Paris ou Roma, foi a decisão mais sábia que fiz na vida. Ela me possibilitou a reconstrução de mim mesmo como intelectual. Na Europa teria continuado minha etnografia indígena como um mero etnólogo de gabinete e viveria sempre sob o risco de me converter num basbaque, como aconteceu com tanta gente. Em lugar disto, no Uruguai, me fiz um brasileiro mais consciente e aprendi a ser latino-americano. Em consequência, hoje sou mais lido nos países da América Latina do que no Brasil. O exílio me foi mais leve do que para muitos companheiros de desterro. Na semana em que cheguei ao Uruguai fui contratado pela Universidade como professor de tempo integral. Desde então vivi entrosado com os colegas e com a intelectualidade uruguaia. Colaborei no planejamento e na realização da Enciclopédia Cultural Uruguaia, dirigida por Ángel Rama, e dirigi um Seminário da reforma da Universidade do Uruguai, de que resultou seu programa de reestruturação, o Plano Maggiolo. Nos dez anos seguintes, com base na minha experiência na Universidade de Brasília e na Universidade do Uruguai, andei por toda a América Latina dirigindo seminários de reforma universitária e elaborando planos de reestruturação. Isto é o que fiz para as universidades nacionais da Venezuela, do Peru, e para a criação de novas universidades na Argélia e na Costa Rica. No exílio prossegui também na militância política, tanto com meus companheiros brasileiros, especialmente Jango e Brizola, como junto aos governos latino-americanos que mais se esforçavam para romper com a dependência e o atraso.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> COELHO. Ángel Rama y Darcy Ribeiro: compartiendo la amistad, los textos y el exilio, p. 195.

<sup>59</sup> RIBEIRO. *Testemunho*, p. 119-123.

Esse fragmento corrobora a ideia de que, longe de ser um período de melancolia e saudades da terra natal, o exílio para Darcy, principalmente no Uruguai, foi responsável por uma tomada de consciência em relação às questões relativas à educação na América Latina, além de não impedi-lo de continuar suas lutas políticas.

O fato de sair da terra natal, voluntária ou involuntariamente, mostra-se ser fonte de sofrimento e melancolia. Porém, conforme pudemos observar, o exílio traz consigo outros desdobramentos. Nos romances, verificamos personagens resignados com a condição de não mais poder voltar aos locais de origem, pois eles não mais existiam como gostariam e nem mesmo os protagonistas são as mesmas pessoas depois de transcorrido tanto tempo. Os narradores optam, então, pela escrita, talvez na tentativa de captar e registrar lembranças que se tornam cada vez mais esmaecidas. Imaginam que, ao colocá-las no papel, conseguiriam mantê-las “vivas”, de algum modo. Porém, malogram na tentativa, conformando-se com a inclemente passagem do tempo, que a tudo e a todos modifica.

Cyro e Darcy enfrentam o exílio de formas distintas, até mesmo pela diferença de temperamento já citada nesta tese. Cyro, que esteve no México e na Europa a trabalho, limitou-se a ministrar seus cursos e a conhecer a cultura e os pontos turísticos dos países em que esteve. Darcy buscou misturar-se com as questões e populações dos locais em que residiu e, ainda, fez daquele período um dos mais produtivos de sua carreira como etnólogo e romancista. O exílio não foi um fardo insuportável para nenhum dos dois escritores mineiros. Houve, sim, momentos de melancolia, porém, nada que não pudesse ser transposto. No último dos fragmentos retirado das *Confissões*, Darcy manifesta sua alegria pelo retorno à sua pátria. Com Cyro, como falamos acima, isto não acontece. Depois de sair de Minas, suas passagens pelo exterior, pelo Rio de Janeiro e por Brasília acentuaram seu sentimento de solidão, de melancolia.

Encontramos, em *Migo*, um trecho em que Ageu analisa a condição de exilado pleiteada por seu amigo Elmano, e que bem pode ilustrar o fechamento

desta parte do nosso trabalho. O narrador usa o exílio de Darcy e de um Fernando (provavelmente, Fernando Henrique Cardoso) para ironizar o desterro de Elmano:

A glória de Elmano é ter vivido uns anos no exílio, que ele chama de desterro, para se equiparar aos mineiros que acabaram na África. Ele, ao contrário, se deu foi muito bem no tal desterro. Fez amigos e publicou desbragado. O sofrimento dele, como o do Darcy e do Fernando, foi comerem o amargo caviar do exílio. Isso eles dois reconhecem, reconhecem e proclamam. Elmano não, quer passar por mártir (*Migo*, p. 118).

Ageu, ao criticar a postura de mártir que Elmano quer assumir, usa a imagem do “amargo caviar” que Darcy e Fernando comeram no exílio. Dificuldades aconteceram, é claro, entretanto trouxeram também crescimento e conquistas aos “desterrados”. Tanto Ageu quanto Darcy falam do sofrimento do exílio, e deixam no ar a ideia de que ele foi mais duro para uns do que para outros. Especificamente para Darcy, como vimos, muitos foram os frutos, a comida era amarga, porém era caviar.

Como pudemos observar, o exílio, ou a errância, dentro do conceito por nós adotado, por mais produtivo que possa ser, é fonte de angústia e de melancolia. Todavia, Edward Said não o enxerga sob esse prisma. Said entende que o exílio é o lugar onde melhor se encaixa o intelectual, na condição de *outsider*. Nessa posição de isolamento, de distanciamento da cooptação do Estado e das forças dominantes, o intelectual teria liberdade para analisar e criticar a ordem estabelecida em seu país de origem. Said chega a comparar o intelectual exilado a Marco Polo – o viajante eterno, o desbravador – em contraposição a Robinson Crusóé, preso em sua ilha.<sup>60</sup>

Cyro, em seu período de errância foi um *outsider* bastante comportado, limitando-se a algumas considerações acerca do Brasil em um fórum bastante restrito, registradas em suas correspondências com o compadre Drummond. Darcy se aproximou bastante da ideia do intelectual *outsider*, perturbador do contexto político em que viveu. Além de participar de atividades políticas nos países que o acolheram, não perdeu contato com os companheiros perseguidos no agitado período político brasileiro, à época da ditadura. A diferença é que Said acredita que essa condição de intelectual *outsider* deve ser voluntária e definitiva. No caso de

---

<sup>60</sup> SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993, p. 67.



Darcy, ela foi temporária e compulsória. Além do mais, tanto Cyro quanto Darcy sempre ambicionaram retornar ao Brasil, e voltaram a se relacionar com as forças de cooptação dos grupos dominantes.



As fotos que acabamos de inserir neste tópico – presentes no livro *Testemunho*, de Darcy Ribeiro – são interessantes por retratarem dois momentos que bem ilustram o que dissemos acerca do exílio de Darcy Ribeiro: as duas, à esquerda, o mostram no exílio, na Venezuela, e as outras duas, à direita, registram seu retorno ao Brasil. Nas fotos em que ele está no exílio, nós o encontramos instalado em um modesto, porém confortável, escritório, fazendo suas leituras e, no retrato menor, fumando, com expressão carregada. Como dissemos, o período em que esteve fora do país foi realmente bastante produtivo para o autor de *O mulo*. O detalhe da foto de Pelé na parede parece funcionar como uma bandeira, indicando que ali se encontra um brasileiro. Talvez como forma de reafirmar sua brasilidade, de não perder definitivamente os vínculos com a terra natal.

As duas fotos, entretanto, do seu retorno ao Brasil – em que se reencontra com a Praia de Copacabana, em 1976 – são ainda mais emblemáticas. Na primeira, Darcy sentado na areia, sapatos nas mãos, parece absorto, como que não acreditando que estava novamente em terras brasileiras, sem perseguições políticas. Na segunda – que serviu de capa para suas *Confissões* – braços abertos, olhando para o alto, como se estivesse agradecendo aos céus o desejado retorno. Todavia, gostaríamos de explorar um pouco mais a eloquente imagem. Temos um Darcy com roupas e sapatos sociais, que podem ser indícios de vestimenta de uma pessoa importante, de um intelectual ligado às questões acadêmicas. Por outro lado, ele já retirou o calçado e o paletó, além de dobrar as barras da calça. Esse aparente arranjo para acessar a areia da praia, associamos a uma outra postura de Darcy. Postura do intelectual engajado, ligado às questões indígenas, que viveu anos em tribos variadas, que buscou uma explicação para uma identidade cultural brasileira. Sua imagem concilia a força acadêmica com sua postura de “pés no chão”, ligada ao envolvimento com as questões nacionais.<sup>61</sup>

### **1.5 – Luz e sombras**

Ao longo deste nosso primeiro capítulo, discorreremos sobre algumas posições teóricas acerca da memória e sua íntima relação com o esquecimento. Parece-nos óbvio que existe uma intransponível barreira para que se consiga apreender todo um passado e colocá-lo num texto sem “vazios”, sem alguns buracos que são criados em nossa memória. Assim aquela discussão que envolveu textos de Paul De Man e Lejeune, apesar de fundamentais para o desenvolvimento da teoria das narrativas autobiográficas, perdeu, para nós, muito da sua força, ao analisarmos a questão como chegamos a fazer.

Pensamos que a coexistência das duas fontes: ficcional e não ficcional é fundamental para a confecção desse tipo de narrativa. O que chamamos de zona mista, zona de contato e que tentamos representar em circuito elétrico é o que

---

<sup>61</sup> As fotos apresentadas encontram-se no livro *Testemunho*, de Darcy Ribeiro, p. 128-129.

acreditamos ser bastante aplicável neste momento em que escrevemos. Aquilo que falta na coisa vivida é preenchido pela ficção.

Esta ideia se comprova válida na medida em que avançamos nas leituras das obras de Cyro e de Darcy. Os narradores daquelas obras chegam a admitir a impossibilidade de se representar com perfeição o tempo passado. Então, o que eles fazem é lançarem mão de conectores, de fotos, de cartas e, quando nada disto é suficiente, simplesmente reconhecem a impotência diante dessa missão. O passado é algo que não lhes pertence mais. E, por mais que queiram, não irão conseguir remontar tão complicado mosaico.

Observamos, ao final de cada tentativa de reconstrução, uma frustração, um sentimento melancólico nos narradores. O narrador de *O amanuense Belmiro* afirma: “Vejo que, sob disfarces cavilosos, o presente se vai insinuando nestes apontamentos e em minha sensibilidade, e que o passado apenas aparece aqui e ali, em evocações ligeiras, suscitadas por sons, aromas ou cores que recordam coisas de uma época morta.” (*O amanuense Belmiro*, p. 34). Ageu Rigueira, de *Migo*, adota postura similar, ao dizer: “Aqui estou eu, velho ou quase, me lavando nas águas de eu menino. É o melhor que posso fazer. Em lugar de antecipar achaques que virão, adivinho; retomo, escrevendo, quanto o permita a memória, os ares daqueles idos. Cantar o começo da vida, isto quisera. É impossível” (*Migo*, p. 28).

Ora, se remontar ao passado é tarefa impossível, por que a narrativa autobiográfica desperta em tantos escritores o desejo de fazê-lo? Outra pergunta, se não se consegue reconstruir aquele tempo ido, o que se obtém ao final desses textos? Estas são questões que, provavelmente, não possuam respostas definitivas, universais, que sirvam para todos que se propõem a realizar tal missão. No caso dos nossos dois autores, encontramos pistas que possam nos levar a algumas hipóteses.

Logo nas epígrafes deste nosso texto, encontramos o que poderia responder à primeira das questões: o desejo de se mostrar como gostaria de ser visto pelos seus leitores, desejo narcísico, de vaidade humana. No caso de Darcy, esse desejo de se mostrar nos é apresentado explicitamente no decorrer de seus textos. Seus narradores querem continuar a existir através desses escritos, querem lutar

contra a indefectível passagem do tempo e de suas consequências para o corpo cada vez mais envelhecido. Os narradores de Cyro são menos diretos quanto a esse aspecto. Poucos são os momentos em que notamos um desejo premente de se mostrar, pelo contrário, mesmo falando diretamente de si (como em *A menina do sobrado*), seu narrador é extremamente contido. Mas, pelo menos em um momento, o citado na epígrafe, ele manifesta esse interesse.

Esses posicionamentos quanto às motivações para se fazerem autobiografias vão ao encontro do que pensa Sylvia Molloy, em seu *Vale o escrito*, quando ela ressalta o desejo do autor de “ver sua existência” contada naquela narrativa:

Um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa. A vida é sempre, necessariamente, uma história: história que contamos a nós mesmos como sujeitos, através da rememoração; ouvimos sua narração ou a lemos quando a vida não é nossa. Podemos dizer que a autobiografia é o mais referencial dos gêneros. A linguagem é a única maneira de que disponho para “ver” minha existência. Em certo sentido, já fui “contado” – contado pela mesma história que estou narrando.<sup>62</sup>

Como se pode observar, Molloy valoriza a narrativa autobiográfica como forma de se fazer notar, de marcar sua passagem através da linguagem, pensamento comum aos narradores do nosso estudo, além de enfatizar que o eu naquele tipo de narrativa é fruto da invenção, da construção da linguagem.

Em relação ao outro questionamento, limitamos-nos a tentar levantar uma hipótese: diante da convicção da dificuldade de se lograr êxito na missão proposta, parece-nos que os narradores em questão não estão preocupados com a veracidade dos fatos lembrados. Vejamos um trecho de *Migo*: “Escrevo como quem vomita o inconsciente às golfadas, pondo para fora o que há lá dentro, no fundo de mim. Tudo metido em palavras e frases legíveis. Verdadeiras? Por vezes. Mas sem nenhum fanatismo de veracidade, misturando passado e presente como me saiam (*Migo*, p. 13). Outro vestígio aparece no prólogo das *Confissões*, de Darcy: “Muito relato será, talvez, equivocado em alguma coisa. Acho melhor assim, para que meu retrato do que fui me saia tal como me lembro” (*Confissões*, p. 11). Por seu turno,

---

<sup>62</sup> MOLLOY. *Vale o escrito*: a escrita autobiográfica na América hispânica, p. 19.

os narradores de Cyro dos Anjos não apresentam posições muito distantes das que foram mostradas acima. Observemos o que escreve Belmiro:

Não sei bem o que me sairá das entranhas. Comecei contanto o Natal que acabou e falando nos amigos e na parentela. Meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano. Que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio (*O amanuense Belmiro*, p. 26).

Nos momentos finais de *A menina do sobrado*, encontramos um trecho em que o narrador “dialoga” com seu espelho:

- Por que, então, escrever?

- Em certos indivíduos, não muito normais, escrever é compulsão, programação genética. Extravagância da Espécie! Ou escrevem ou estouram. E, afinal, não há porque vincular memórias à dimensão dos acontecimentos de que o herói participou. Podem brotar, e brotam, da simples ressonância lírica produzida em nós por fatos triviais da vida.(...) No fundo, nada é trivial, todo acontecimento é único, singular. Sucede, também, que certo eflúvio das coisas a que chamamos beleza, colhido por nós de passagem, por vezes aspira à permanência, quer ser escrito, pintado, esculpido, musicado (*A menina do sobrado*, p. 418-419).

Podemos notar que o objetivo dos narradores se concentra em registrar, em fazer uma fotografia de momentos passados da forma como eles os enxergaram, os entenderam, com um distanciamento que impede qualquer compromisso com a verossimilhança. Outro aspecto que emerge dos excertos citados é o desejo de, remontando ao passado, se conseguir a reconstrução de uma identidade pessoal que parece perdida. Uma clara tentativa de reencontrar-se, através da escrita das memórias, ou pelo menos, deixar registrado um retrato, um perfil de como gostariam de serem lembrados.

Um sentimento que se pode extrair das leituras de *Migo* e, principalmente, de *O amanuense Belmiro* é uma sensação de vazio, uma frustração diante da inclemência da passagem do tempo, da convicção da impossibilidade de se reconstruir um passado distante. Reinaldo Marques aponta esse sentimento no livro de Cyro, mas que pode ser estendido ao de Darcy:

Também não se pode dizer que, no espaço autobiográfico construído em *A menina do sobrado*, formula-se uma tranquilizadora modelagem do eu. Ao contrário, ela é marcada por angústias e inquietações frente às perdas acumuladas, por um sentimento de vazio, de inutilidade das coisas. Perdas

amplificadas pela passagem do tempo, pelos deslocamentos no espaço, impondo separações, descontinuidades. O sentimento de vazio, intensificado pelo deslocamento para a Capital mineira, pela experiência da solidão, pelo travo da melancolia, se materializa no texto através da imagem eloquente de uma “enorme e desolada cratera” (p.312).<sup>63</sup>

Além dessa sensação de vazio, de “enorme e desolada cratera”, a análise dos personagens Ageu Rigueira e Belmiro Borba nos leva ainda a duas linhas de raciocínio na comparação de como eles enfrentam a missão de compor suas memórias. A primeira delas, que não se trata de nenhuma novidade, é a comparação do narrador de Cyro dos Anjos com o narrador machadiano, mais especificamente a ideia da existência de um “homem subterrâneo” nos romances do autor de *Dom casmurro* sobre a qual alguns estudiosos já se manifestaram. Na crítica machadiana, possivelmente, coube a Augusto Meyer o pioneirismo em apontar vestígios da existência desse aspecto na obra de Machado de Assis, fazendo comparações com o livro *Espírito subterrâneo*, de Dostoievski. Meyer acredita que exista nas narrativas machadianas um “homem subterrâneo”, responsável pelo desencanto com as coisas do mundo, que “fala, fala, fala, mas não sai do lugar, não troca o seu lugarzinho de espectador por nada deste mundo. É incômodo, mas é dele”.<sup>64</sup> Esse homem subterrâneo às vezes sai do seu ambiente, observa os acontecimentos, com um distanciamento absoluto, o que lhe possibilita julgar a tudo e a todos, destacando o que há de pior no ser humano, suas fraquezas, hipocrisias, miséria moral e depois “dá as costas ao leitor e volta para o subterrâneo, resmungando com vivo prazer [...]”.<sup>65</sup>

Segundo Meyer, a figura subterrânea machadiana sempre retorna para seu obscuro *habitat*, mas antes deixa no ar, para nós leitores, uma mensagem de cunho pessimista e irônico, que nos coloca em dúvida se devemos rir ou chorar. De certo modo, isso também acontece na narrativa de Cyro dos Anjos. Belmiro elege como seu local de conforto a Rua Erê e mantém o máximo de discrição nas suas relações pessoais e profissionais. Esse narrador difere um pouco do personagem de Dostoievski, já que a maior parte de sua insatisfação é consigo mesmo. Na maioria

---

<sup>63</sup> MARQUES. Sujeito, identidade e autobiografia em Cyro dos Anjos, p. 97.

<sup>64</sup> MEYER. *Machado de Assis*, p. 15.

<sup>65</sup> MEYER. *Machado de Assis*, p. 19.

das vezes, ele destaca as fraquezas próprias. É a si próprio que julga e condena. Além disso, não conseguimos notar nenhum prazer nesse ato. Ressaltadas as diferenças, acreditamos ser válida a proposição da existência desse “homem subterrâneo” em *O amanuense Belmiro*. Um homem que fala, fala, mas somente a si próprio, se esconde da vida e das relações através da tentativa frustrada de se reencontrar através da escrita.

Ageu Rigueira, em suas memórias, nos leva a outra relação crítica. A forma destemida como o narrador se expõe, se manifesta, critica, e até choca o leitor, nos remete ao texto de Leiris – “Da literatura como Tauromaquia”, incluso em seu livro *A idade viril* – em que ele traça algumas analogias entre o ato de se escrever uma autobiografia e a disputa entre o toureiro e o animal. A comparação é bastante interessante, pois o autor aponta que, quanto mais o atleta se expõe ao perigo, às fatais estocadas do touro, mais a plateia o admira. Isto ocorreria também com um autor. Quanto mais ela retira as amarras, quanto mais ele explicita suas entranhas, mais valorosa será sua obra.<sup>66</sup> Fazendo um exercício de imaginação, pensemos em como poderíamos analisar a relação do narrador de Darcy Ribeiro com esse seu “touro”, num momento em que o envelhecimento se manifesta fortemente. A imagem que nos vem à cabeça, ainda usando a comparação de Leiris, é a de um toureiro sem capa, sem espada, querendo pegar o touro de mãos vazias.

Dentre os conceitos de memória verificados nas leituras desenvolvidas, talvez o que se aproxima do que acabamos de dizer seja o de “memória feliz” formulado por Paul Ricoeur. Para ele, toda recordação obtida com sucesso, após o esforço para a lembrança, é uma figura da memória feliz. Além disso, ele afirma que, mesmo tendo se esforçado em demarcar a cisão que deve haver entre memória e imaginação, reconhece que a missão é praticamente impossível, o que reforça a ideia por nós defendida neste capítulo.<sup>67</sup> O que se poderia questionar é o que o estudioso francês considera como “recordação obtida com sucesso”. Tentamos ressaltar, ao longo do capítulo, a impossibilidade de uma “recordação perfeita”, pois

---

<sup>66</sup> LEIRIS. Da literatura como Tauromaquia, p. 13-26.

<sup>67</sup> RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 502-503.

sempre existirão os vazios, as imprecisões, as falhas, a seletividade, enfim, toda uma gama de vetores que podem colocar em xeque a ideia de sucesso nas recordações. Mas, considerando que aquilo que foi lembrado é fruto de um complexo processo que trabalha com a lembrança e o esquecimento e, como propusemos, com a interferência da imaginação para preencher os tais vazios, pode-se propor que a “coisa lembrada” seja, sim, uma recordação com sucesso.

O conceito de autoficção, de Doubrovsky, discutido por Eneida Maria de Souza, parece-nos bastante pertinente para as propostas que apresentamos ao longo deste capítulo. Aquilo que representamos de maneira inusitada, através de circuitos elétricos, vai ao encontro daquilo que Doubrovsky chamou de autoficção. Uma narrativa a meio termo entre a ficção e o testemunho bem pode definir a escrita autobiográfica. Variações ocorrerão, umas mais ficcionais, outras mais baseadas em documentos e conectores comprováveis historicamente, todavia, chegaremos sempre ao mesmo resultado: a reconstrução daquilo que foi possível, ou daquilo que o narrador em primeira pessoa gostaria que ficasse registrado como “verdadeiro” em sua história de vida. Uma mescla entre o vivido e o “preenchido” pela ficção, nos momentos em que a memória falha, ou que o narrador a faz esquecer.

Os protagonistas das obras analisadas nesta tese tentarão preencher os vazios existentes nas lembranças e contarão com uma ferramenta diferencial nessa missão. Todos eles desempenham (Cyro e Darcy) ou representam (os personagens) papéis de homens cultos. Estamos diante de protagonistas da vida intelectual (fictícia ou histórica), que carregam em si diferentes bagagens culturais e lançarão mão delas para a construção de suas narrativas autobiográficas.

Essa visão do intelectual acerca do contexto em que viviam os protagonistas estudados, sobre sua função na sociedade e a forma que essa posição de pensadores impactou a construção de narrativas autobiográficas serão temas importantes nas discussões que empreenderemos no capítulo que se segue.



## MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da  
janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para ilhas nem serei raptado por  
serafins.  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os  
homens presentes,  
a vida presente.

Drummond

## CAPÍTULO II

### ENTRE O PENSAMENTO E O CETICISMO

Nosso desejo, com este capítulo, é debater o papel do intelectual na sociedade, centrando nossas atenções naquilo que Cyro e Darcy deixaram transparecer em suas obras acerca da importância de um intelectual. Procuraremos evidenciar, através de recortes das obras em estudo, posicionamentos, ideias, críticas, sentimentos, enfim, tudo o que estiver relacionado com a figura do intelectual presente nos livros, com o objetivo de delinear uma imagem daquilo que os narradores imaginavam como forma de atuação do intelectual. Em busca de uma imagem melhor definida, procuraremos em outros textos dos dois autores, posições que fortaleçam ou contradigam a opinião expressa nos romances. Partindo desse mosaico, procuraremos discutir e propor algumas hipóteses para questões como: que papel o intelectual ocupava no Brasil do século passado na visão dos nossos dois autores? Esse lugar tem se alterado desde então? Que caminhos tomaram nossos dois autores frente à cooptação do Estado e à participação nas decisões políticas?

Dentro desse debate, tendo como substrato teórico o livro *In the shadow of the state*, de Nicola Miller, buscaremos ressaltar as ligações do intelectual brasileiro com o Estado em relação com seus contemporâneos latino-americanos, e as opções que são oferecidas aos pensadores. Aceitando a cooptação do Estado, é possível um desempenho político sem um alinhamento cego à ideologia estatal? Existe a possibilidade de se obter vantagens para a população, estando o intelectual participando da vida pública?

## 2.1 – Cyro e Darcy no Governo JK

Como dissemos em outro momento deste texto, a diferença de idade entre os dois autores pode ser encarada como um problema para a nossa análise comparativa de suas participações políticas, além de críticas que possam ser levantadas em relação aos políticos com que eles tiveram estreita relação.

Um dos aspectos que pode ser questionado é a participação ativa que Cyro dos Anjos teve no Governo de Getúlio Vargas. O próprio Darcy, em *Migo*, faz um apontamento que pode ser entendido como uma crítica à adesão de alguns intelectuais à ditadura de Vargas, citando, entre outros um “Ciro”, que pode tratar-se de Cyro dos Anjos:

Nesse convívio acabei por descobrir e distinguir as tribos políticas que se digladiavam aqui. O patriciado mineiro com seus dois bandos. O dos desapeados do poder que ruminavam ressentimento: Virgílinho, Afonsinho, Miltinho, Pedrinho, Zezinho, Biazinho. E o outro, o dos alçados ao poder, uns áulicos de boca presa nas tetas da ditadura: Benedito, Chico Campos, Capanema, Alkimim, Ciro, Casassanta (*Migo*, p. 88).

Em relação a Darcy, não se pode omitir sua adesão e fidelidade ao político Leonel Brizola, que possui uma trajetória política criticada por muitos. Independentemente de julgamentos históricos, faz-se necessária uma ligeira visita aos períodos em que Cyro e Darcy militaram na vida pública, nos governos de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek.

Sérgio Miceli, em seu *Intelectuais à brasileira*, aponta que, no chamado período populista (1945-64), houve um grande incremento no número de carreiras destinadas aos intelectuais. Para Miceli, aquele período definiu o controle de tudo aquilo que a cultura poderia produzir como um “negócio oficial”. Isso se traduzia em investimento do governo em busca de uma hegemonia sobre todo o trabalho intelectual e artístico.<sup>1</sup>

Miceli diferencia os que chama de “anatolianos” – que seriam polígrafos para satisfazer diferentes interesses da imprensa e dos políticos que os

---

<sup>1</sup> MICELI. *Intelectuais à brasileira*, p. 197-198.

apadrinhavam – dos intelectuais que se limitavam às atividades estritamente administrativas, tendo com isso a liberdade para se dedicarem a seus projetos intelectuais. O crítico afirma que, apesar de não ter havido uma monopolização dos cargos públicos por parte dos intelectuais, criou-se uma espécie de nicho específico para eles, composto de cargos com salários elevados e que contavam com regalias que facilitavam sua dedicação à produção intelectual. Miceli, então, traça um quadro hierárquico da ocupação de cargos públicos pelos homens da cultura. Eles se dividiriam entre uma elite intelectual e burocrática do regime que assumiram cargos-chave na cúpula do executivo: os “homens de confiança”, que assessoravam internamente os núcleos executivos; os administradores da cultura e companhia, que faziam valer seu conhecimento especializado para monopolizar os meios culturais regionais; as carreiras tradicionais, que ocupavam a maior parcela dos intelectuais em cargos burocráticos, como corpo diplomático e magistério superior. Cyro é incluído no grupo dos administradores da cultura, por ter sido membro e Presidente do Departamento Administrativo do Estado de Minas Gerais.<sup>2</sup>

Gostaríamos de destacar de maneira especial o período do governo JK e suas relações com os intelectuais pelo simples fato dos nossos dois autores estudados terem tido atuação importante naquele período, chegando inclusive a trabalharem juntos em prol da criação da Universidade de Brasília, o que, em nosso entendimento, mitigaria o problema que a diferença etária entre eles pudesse sugerir. Isto é, possuíam idades diferentes, podem até ser enquadrados em gerações diferentes, mas o fato de atuarem em conjunto minimizaria tal diferença, se é que isso tem alguma importância.

O governo de Juscelino Kubitschek é tido por parte dos historiadores como um período de relativa estabilidade política e com forte desenvolvimento industrial, além da histórica mudança da capital do país para Brasília, conforme podemos observar neste trecho de um artigo de Maria Victoria Benevides:

---

<sup>2</sup> MICELI. *Intelectuais à brasileira*, p. 198-273.

Governo Kubitschek (1956-61), a imagem esmaecida de um tempo marcado pelo impulso industrializante e pela mudança da capital para Brasília, num contexto de relativa liberdade política e cultural. (...) O governo de Juscelino encrava-se, pois, num período extremamente crítico, entre o suicídio de Getúlio Vargas (agosto de 1954) e a renúncia de Jânio Quadros. No entanto, essa experiência resultou num governo politicamente estável, apesar de marcado por crises militares no começo e no fim do período, como levantes de Jacareacanga e de Aragarças; pelas crises provocadas por conflitos entre as três armas militares; por uma intensa atividade sindical e partidária; pela ascensão dos movimentos camponeses; e pela crescente intervenção da Igreja na área político-social, sobretudo no nordeste.<sup>3</sup>

Conforme afirmamos há pouco, o nosso interesse sobre a era JK justifica-se pela participação conjunta dos dois autores mineiros estudados. Em dado momento, Cyro recorre a Darcy para comporem uma mensagem que seria enviada ao Congresso Nacional.<sup>4</sup>

A história deste convite que Cyro fez a Darcy, e mais, os fatos que antecederam a criação da UnB e a relação que Juscelino tinha com os intelectuais são abordados por Autran Dourado em seu livro de memórias intitulado *Gaiola aberta*, do qual consideramos bastante pertinente apresentar alguns trechos que tratam dos escritores estudados:

JK, que tinha mania de escritor (no Governo de Minas, praticamente todo o seu gabinete, a começar do chefe, o contista Murilo Rubião, era de escritores: Alphonsus de Guimarães Filho, Nilo Aparecida Pinto, Fábio Lucas e Afonso Ávila), nunca teve problema de corrupção com qualquer dos seus escritores de estimação. Mesmo para a função de redigir a mensagem anual, o romancista e subchefe do gabinete civil Cyro dos Anjos, na Presidência da República, seguindo o mesmo espírito de JK, chamou um intelectual, Darcy Ribeiro, para ajudá-lo na feitura da mensagem ao Congresso Nacional.<sup>5</sup>

[...] Às vezes como tivesse de esperar por algum serviço que a datilógrafa batia para mim, passava pelo gabinete do Sete Câmara ou pelo do Cyro dos Anjos. O Cyro tinha uma boa prosa e era muito malicioso, conhecendo como poucos a história humorística dos políticos mineiros meio malucos da era dos antigóricos. Quando entrei, ele me disse foi bom ter vindo, carecia mesmo falar com você. Você conhece o Darcy Ribeiro? Ele é lá dos meus Montes Claros. Mais ou menos, estive com ele umas três vezes, em Belo Horizonte, disse eu. Ele é muito competente, chamei-o para trabalhar comigo na mensagem, disse ele. Vou pedir a ele que venha aqui, tem uma boa sugestão para fazer ao presidente. Aliás, ele é um homem de muitas ideias, apesar de que é preciso dar um certo desconto no que ele diz, tanta maluqueira há nele. Mas a sugestão que ele tem me parece muito interessante. Eu já disse umas duas vezes ao presidente que o

<sup>3</sup> BENEVIDES. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento, p. 22-23.

<sup>4</sup> Ver documentação no anexo 1, no final desta tese.

<sup>5</sup> DOURADO. *Gaiola aberta*: tempos de JK e Schmidt, p.13.

recebesse, ele não quer nem me ouvir falar, mas continuo achando a sugestão muito boa. Cyro chamou o contínuo, mandou que viesse o Darcy. Quando o Darcy entrou, o Cyro me apresentou a ele. [...] Sobre o que vai falar? Sobre uma universidade moderna em Brasília, moderna não só nos prédios, mas no espírito, na organização, disse Darcy, e começou a expor com muito entusiasmo o seu projeto. De tal maneira que em pouco tempo eu passei a me interessar pelo assunto. [...] Fui buscar o Darcy, ele veio no maior entusiasmo. Começou a falar, não falou muito, apenas o necessário; em nenhum momento o presidente perdeu o interesse. [...] O Darcy era muito falante o que espantava e encantava um tanto JK, que pouco queria saber de organização e currículo, o lado cultural da universidade; o que interessava mesmo a ele era dizer que estava erguendo a mais moderna universidade do Brasil. O Darcy percebeu logo esse lado de JK e era sobre o que ele mais falava. [...] Foi (sobre a ida de Darcy para Brasília), mas acabou se dando mal; meteu-se em política, foi chefe da Casa Civil de Jango, ministro da Educação, conheceu o sofrimento e o exílio. Depois voltou, publicou um bom romance, *Maíra*. Publicaria outro, que não presta. Apressado e inquieto, ele voltaria a se afogar na política e escrevia velozmente: não seguiria o conselho bíblico de que é impossível servir a dois senhores.<sup>6</sup>

Eneida Maria de Souza, em seu *Janelas indiscretas*, comenta esse livro de Dourado, destacando que os acontecimentos históricos que ali aparecem passam pelo filtro pessoal do escritor, ganhando tons de ficcionalização.<sup>7</sup> Apesar dessa ressalva, acreditamos na validade dos trechos que estamos destacando, por envolverem acontecimentos que são abordados por historiadores e pelos dois escritores mineiros. O que poderia ser uma ressalva torna-se para nossa pesquisa um elemento positivo, pois temos acesso à perspectiva íntima de um intelectual que viu de perto fatos de grande importância para a história do país, envolvendo nossos pesquisados.

Ao longo de suas memórias, Autran Dourado trata das suas estreitas relações com JK, que é retratado como um homem de difícil definição, que congestionava seu governo com intelectuais, mas não se sentia bem quando tinha de se relacionar com eles. No trecho destacado acima, observa-se como eram importantes as relações pessoais entre os homens da cultura e destes com o governo. Um sistema de favores bem estabelecido e que se tornou imprescindível para o sucesso de projetos, mesmo para aqueles de relevante importância como no caso da criação de uma moderna universidade na nova capital do país.

---

<sup>6</sup> DOURADO. *Gaiola aberta*: tempos de JK e Schmidt, p. 139-141.

<sup>7</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*: ensaios de crítica biográfica, p. 131-132.

Outros aspectos nos chamam a atenção no texto de Dourado. Primeiro, pela definição que faz dos nossos dois autores. Para sermos mais coerentes, talvez o termo correto seria “escritores”, pois estamos lidando com imagens e representações que Cyro e Darcy assumiram ao longo da vida, como defende Eneida Maria de Souza: “A figura do autor cede lugar à criação da imagem do escritor e do intelectual, entidades que se caracterizam não só pela assinatura de uma obra, mas que se integram ao cenário literário e cultural recomposto pela crítica biográfica”.<sup>8</sup>

O Darcy falante e cheio de projetos não é nenhuma novidade, mas um Cyro de boa prosa, “malicioso” e sarcástico com as histórias de políticos mineiros foge um pouco daquela imagem de homem tímido que acompanha o nome do escritor mineiro. Em segundo lugar, a crítica que Dourado faz sobre o envolvimento de Darcy com a política, o que só teria trazido problemas para o escritor, como as perseguições políticas e o exílio, além de terem atrapalhado sua produção literária. *Maíra* (publicado em primeira edição em 1976) é tratado como “um bom romance”, e “um outro, que não presta”, possivelmente referindo-se ao livro *O mulo* (que foi publicado em 1981). Apesar de respeitar a posição de Dourado – mesmo que não concordemos com tal julgamento da obra de Darcy –, causa-nos espécie a declaração da incompatibilidade entre atuação política e produção literária, já que não se poderia “servir a dois senhores”. A conclusão a que se chega ao final da leitura do livro de Dourado é que um intelectual pode, e até deve buscar uma ocupação junto à administração pública, mas em posições que não tomem muito do seu tempo, para que tenha dinheiro e liberdade para suas criações. Parece-nos uma postura muito confortável, porém incompatível com aquilo que esperamos de um componente da elite intelectual, postura essa que retomaremos adiante.

O terceiro ponto que destacamos relaciona-se com a opinião que Cyro tinha acerca de Darcy, que seria “muito competente”, dotado de “muitas ideias”, porém não muito confiável devido ao excesso de “maluqueira” que havia nele. Curioso observar que a recíproca era verdadeira, isto é, Darcy também admirava

---

<sup>8</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 110.

Cyro, mas também tinha suas reservas em relação ao conterrâneo. Numa entrevista que faz parte do projeto “História da Ciência no Brasil”, Darcy, em dado momento, fala dos encontros com Cyro no governo JK, deixando transparecer o que pensava do autor de *A montanha*, além das práticas que Juscelino adotava para governar:

Eminelidades no meio. As eminelidades são o Chefe da Casa Civil do Juscelino, o Vitor Nunes Leal, que era da Faculdade de Filosofia, onde era professor, então, de Etnologia. E era mineiro. Tem importância ser mineiro, no caso. Era importante, porque era meu colega na Faculdade de Filosofia e meu amigo. E o Subchefe da Casa Civil para Cultura e Educação, o Ciro dos Anjos, que é da minha cidade. A minha família fala mal da família do Ciro, e a família do Ciro fala mal da minha família. [...] Se bem que o Ciro dos Anjos não seja peça, não é flor que se cheire. É gente meio extravagante. E o Ciro dos Anjos é um escritor excelente, escreve muito bem, mas o Ciro dos Anjos é a prova de bala contra ideia. Ideia não entra nele nem à bala. E eu sou o contrário. Não escrevo bem mas tenho ideia pacas! Me sobra ideia por cada poro. Então, a gente tinha que fazer a mensagem presidencial. Eu injetava as ideias e o Ciro dava a forma. Então, as minhas ideias mais a forma do Ciro deram uma coisa muito bonita no governo do Juscelino, que qualquer dia vai espantar os historiadores, que é o seguinte. O governo do Juscelino fez Brasília, essas coisas bonitas todas, mas evidentemente deixou apodrecer o resto, os Ministérios. A tática do Juscelino foi deixar os Ministérios, inclusive o da Educação, apodrecerem e pôr todo o dinheiro que ele podia no Programa de Metas, para fazer fora da administração alguma coisa.<sup>9</sup>

Observa-se que Darcy admirava o romancista Cyro, ressaltando sua condição refratária às ideias para a criação de novos projetos. Já Cyro se encantava com a criatividade do autor de *Maíra*, porém o achava meio maluco. Dessa relação entre admiração e desconfiança surgiram alguns frutos, e em especial a criação da UnB.

## 2.2 – O papel do intelectual na sociedade

A nossa pretensão aqui é, em primeiro lugar, discutir o papel do intelectual ao longo do século XX, relacionando-o com alguns momentos em que esse tema é abordado por Darcy Ribeiro, em *Migo*, e em *Confissões*, e por Cyro dos Anjos, em *O amanuense Belmiro* e em *A menina do sobrado*. Traremos para este debate alguns trabalhos críticos que também analisam o papel desse indivíduo que busca respostas para questões relativas à sociedade. Ao final, imaginamos que

---

<sup>9</sup> RIBEIRO. Darcy Ribeiro (*Depoimento*, 1978), p. 16-17.



estaremos habilitados a esboçar um quadro inicial sobre o pensamento desses escritores mineiros acerca da sua atuação como intelectuais.

Desde que o homem passou a viver em grupos, sempre existiu a figura do detentor de um maior conhecimento, de uma visão mais ampliada da situação em que se vivia. Chamados de escribas, artistas, clérigos, letrados, esses homens formavam uma espécie de “reserva de conhecimento” e eram os responsáveis pela transmissão do espólio da cultura do seu povo para as gerações futuras, atuavam na montagem das estratégias de batalhas, no tratamento de enfermidades, enfim, possuíam uma posição de destaque no seu grupo.

O termo intelectual surge em 1898, no conhecido caso Dreyfus, quando Émile Zola defendia a revisão do processo em que o judeu Dreyfus havia sido condenado injustamente por alta traição. O movimento iniciado por Zola ganhou grandes proporções e a adesão de uma série de assinaturas de pensadores, cientistas, professores, etc. Então Maurice Barres, um adversário do judeu condenado, chamou aquele movimento de “protesto de intelectuais”, com clara intenção pejorativa. A partir dali, o termo intelectual passou a designar “aquele que transforma uma autoridade intelectual em autoridade política em nome de uma autoridade moral”.<sup>10</sup>

Encontramos atualmente um número excessivamente elevado de trabalhos que buscam estabelecer o papel do intelectual na sociedade e tratar de todos não nos parece factível; portanto, usaremos os livros *Representações do intelectual* e *Cultura e Imperialismo*, ambos de Edward Said, como base teórica inicial.

Partamos de uma afirmação de Said a respeito da atuação do intelectual no século XX, que parece ser uma ideia basilar para seu livro *Representações do intelectual*: “uma das principais atividades do intelectual do século XX tem sido questionar, para não dizer subverter, o poder da autoridade”.<sup>11</sup> A colocação do intelectual do século passado em uma posição de denúncia, de subversão, cria para nós um gancho para falarmos de Darcy Ribeiro e Cyro dos Anjos, dois

---

<sup>10</sup> WOLFF. Dilemas dos intelectuais, p. 47.

<sup>11</sup> SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993, p. 94.

reconhecidos intelectuais mineiros que viveram naquele período. A atuação dos homens públicos que foram não deixa dúvida em relação a essa combatividade, principalmente no caso de Darcy. O problema surge quando saímos da “vida real” e entramos em suas obras literárias. Seriam os narradores engajados e com ideais de participação social tanto quanto os sujeitos empíricos? Vejamos alguns trechos dos romances selecionados para tentar responder a esse questionamento.

Ambos, de forma irônica, desmerecem a utilidade de seus romances, tratando-os como relatos de uma vida banal:

Me perdoe você, que me lê, mas o livro que quero escrever está dando nisso que tem nas mãos. Um relato dos viveres vagos, insossos, dessa casa e do grupinho que me frequenta, aqui no escritório. Meu quarto, pra outras funções, além de dormir, está aposentado. Ao invés de escrever um romance enredado como os meus outros, o que faço aqui é pousar de juiz para passar e repassar presente e passado, criticamente. Julgar as vidinhas dos meus sócias (*Migo*, p. 169).

Que tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: minha vida tem sido insignificante, e no seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba. Habituei-me às coisas e seres que incidem no meu trajeto usual da Secretaria para o café e do café para a Rua do Erê. Tais seres e coisas pertencem, por assim dizer, ao meu sistema planetário, e, entretido com eles, na sua feição mais ou menos constante, vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo (*O amanuense Belmiro*, p. 29).

Por trás desse aparente desprezo pelo que estão produzindo, acreditamos poder encontrar algo com sentido mais profundo. Em uma leitura mais acurada, verificamos que o eu autoral dos escritores parece denunciar um estado de letargia, de ceticismo, diante de um mundo em transformação, o que poderia nos levar a pensar o papel do intelectual da metade final do século XX. Estaríamos diante de uma completa dissociação entre a figura política e a figura intelectual dos pensadores da época? Senão, vejamos o que cada um deles pensa sobre sua atuação no mundo das ideias:

Fiquei melancólico e cívico, pensando neste Brasil, onde a civilização poderia ter, certamente, um sentido mais cordial, sem cruentos conflitos que andam pelo mundo. Talvez algumas leis, alguma compreensão... Mas sou apenas um falido poeta lírico e rir-se-ão de algumas idéias, que me vêm, sobre o problema. Elas não são, aliás, muito claras e comumente se manifestam contraditórias. Ao final de uma das páginas que ficaram para trás já lhes contei o que se passa em mim,

sempre que começo a meditar: perco-me num labirinto de antinomias (*O amanuense Belmiro*, p. 70-71).

Só sei que moro é na ilusão. E dentro dela, tanto faz, é igual estar lá, estar cá. Meu mundo real é este aqui, vago mundo da alucinação. A vida corriqueira, cotidiana, rotineira, não me interessa. Vejo e passo, mergulhando outra vez no meu reino de mentira. Só atolado nele, imaginando, participo realmente emocionado de um caso escabroso, de um conflito sangrento. As coisas pra mim só assim, pensadas, são em sua inteireza, sem as contaminações do real, sempre tão cheio de impureza (*Migo*, p. 122).

Nesses dois trechos, conseguimos detectar alguns posicionamentos, ou a falta deles, que serão reiterados de maneiras diferentes no transcurso das narrativas. Depararemos muitas vezes com a insegurança e a resignação do Belmiro por um lado e, por outro, com uma abdicação da “vida real” por parte de Ageu, em nome da leitura e da escrita. Claro que essas posturas serão relativizadas à medida que as discussões avancem, mas as consideramos suficientes para começarmos os debates. Belmiro até imagina um país melhor, diz ter algumas ideias para a melhoria das condições de vida do povo, mas ele é um literato, pior ainda, é um poeta fracassado, o que em sua visão o descredencia completamente para ter alguma participação política importante. Ageu, pela passagem mostrada acima, não estaria preocupado com as questões de seu tempo, pois optou por viver em um mundo paralelo, um mundo de imaginação, criando seus personagens, escrevendo seus romances. Essa visão, como veremos, não se confirma no restante do livro. O narrador discutirá bastante a situação do povo mineiro e brasileiro, além de criticar duramente alguns aspectos da sociedade em que vivia.

Os narradores recorrem aos acontecimentos do passado em busca de subsídios para o entendimento do presente, fato que Edward Said aponta como postura corriqueira nessa tentativa de junção entre o passado e o presente:

A invocação do passado constituiu uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas [...].<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> SAID. *Cultura e Imperialismo*, p. 33.

Dessa forma, esse estudioso nos diz que a evocação do passado é um fator de extrema importância na interpretação do presente, uma vez que, a partir de sua existência e de sua repercussão no presente, permite estabelecer estratégias para maior compreensão do que significa ou significou esse passado na história contemporânea. Nessa perspectiva, Said acentua que, para se compreender o passado e reescrevê-lo, é necessário que o intelectual evoque o passado, reinterpretando-o e analisando-o a partir de um olhar crítico, utilizando-o como subsídio para interpretar o presente, uma vez que “ambos se modelam mutuamente, um inclui o outro [...]”.<sup>13</sup>

O sentimento que salta dos fragmentos dos romances parece levar os narradores a uma posição de resignação, de silenciamento, o que configuraria o que Said considera como aquilo que é mais repreensível para o intelectual, que é a abstenção.<sup>14</sup> O tema do silêncio dos intelectuais também é abordado por alguns estudos e, segundo o já citado Wolff, ele apareceu na França, em 1983, quando a esquerda tomou o poder.<sup>15</sup>

Marilena Chauí faz uma importante reflexão a respeito da evolução do intelectual brasileiro entre os anos 1950 e 1980, que ela descreve como momentos de grande engajamento e enfrentamento dos poderes então estabelecidos. Ela reconhece, no entanto, que houve um arrefecimento deste ímpeto combativo entre os anos 1980-1990. Chauí apresenta as seguintes justificativas para esse silêncio:

Por um lado, porque a figura do intelectual brasileiro como letrado-especialista encontrou um novo lugar: os meios de comunicação de massa, os quais, como a velha figura do letrado-burocrata, tendem a erguer obstáculos à instituição da esfera da opinião pública, impondo suas próprias opiniões. Por outro, porque o verdadeiro silêncio dos intelectuais não tem como origem [...] o fortalecimento da cidadania e da participação, mas a mudança na forma de inserção das artes e do saber no modo de produção capitalista e o refluxo do pensamento de esquerda ou da ideia revolucionária de emancipação do gênero humano. O saber e a arte como crítica do presente e expressão do novo, a política como ação que se inventa a si mesma, e a história como campo do possível parecem sufocados pelo conformismo.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> SAID. *Cultura e Imperialismo*, p. 34.

<sup>14</sup> SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993, p. 102.

<sup>15</sup> WOLFF. *Dilemas dos intelectuais*, p. 45.

<sup>16</sup> CHAUI. *Intelectual engajado: uma figura em extinção?*, p. 41.

Estamos diante de um novo problema. Se o silêncio do intelectual o descaracteriza como tal, mas, por outro lado, esse silêncio pode ser “imposto” por circunstâncias alheias a sua vontade, o que fazer? Antes de tentar responder, gostaríamos de expor aquilo que acreditamos ser o papel do intelectual, independentemente de se no século passado ou se no atual. Vamos considerar, por enquanto, que a nossa proposição para a função do intelectual está muito próxima daquela descrita como “intelectual orgânico”, por Gramsci. Stuart Hall, ao falar do intelectual orgânico de Gramsci, aponta que aquele pensador deveria trabalhar em duas frentes: estar na vanguarda do trabalho teórico intelectual (saber mais do que os intelectuais tradicionais) e transmitir conhecimentos, ideias aos que não pertencem, profissionalmente, à classe intelectualizada.<sup>17</sup>

A própria Chauí acredita que esse tipo de intelectual está em vias de extinção, diante do quadro que se apresenta.<sup>18</sup> É claro que o poder das grandes corporações tende a cooptar as cabeças pensantes para suas equipes, o mesmo acontece com os governos, que desejam ter em suas fileiras vozes que formem a opinião pública. Mas é fundamental para a sociedade, e mais especificamente para as classes menos favorecidas, que existam intelectuais que questionem, que reivindiquem, que busquem soluções para as desigualdades sociais e que lutem contra as “verdades” impostas pelos grandes grupos econômicos.

Antonio Candido observa que Belmiro Borba representa a figura do intelectual cooptado pelo estado, preso a uma função burocrática pouco relevante e incapaz de transformar seus pensamentos em algo útil:

E assim Cyro dos Anjos nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade, que até aqui tem movido uma conspiração geral para belmirizá-lo, para confiná-lo nas esferas em que o seu pensamento, abortido nas donzelas Arabelas, nas Vilas Caraíbas do passado, na autocontemplação, não apresenta virulência alguma que possa por diretamente em xeque a ela, sociedade organizada.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 195.

<sup>18</sup> CHAUI. *Intelectual engajado: uma figura em extinção?*, p. 29.

<sup>19</sup> CANDIDO. *Estratégia*, p. XII.

Roberto Schwarz tem posição parecida a esta, pois para ele o “pequeno burocrata, Belmiro é beneficiado a um tempo, de modo que a sua gratidão deve ser melancólica, a sua crítica amena e sua posição incerta”.<sup>20</sup>

John Gledson é outro crítico que analisa a postura de Belmiro – e a relaciona com a de Luís da Silva, narrador de *Angústia*, de Graciliano Ramos – considerando que ambos “sofrem de uma angústia intensa acerca da própria identidade”:<sup>21</sup>

A escolha de funcionários públicos insignificantes como narradores tem um interesse específico, entretanto. Tal figura – se é afligido por uma consciência social mesmo num grau mínimo, como é o caso de Belmiro e Luís – deve sentir algum sentimento de culpa ou alienação da sociedade em que ele é, com toda probabilidade, um parasita, tendo conseguido seu emprego da maneira habitual, graças a um favor ou por influências. É inevitável que isso afete a confiança em sua habilidade de refletir a verdade toda.<sup>22</sup>

Em relação a *Migo*, de Darcy, não se encontram muitos estudos que analisem a obra. Haydée Ribeiro Coelho, na apresentação do livro *Darcy Ribeiro* que ela organizou, considera que:

Ageu critica, através do personagem Belém, o intelectual mineiro cuja obra acaba ficando inédita. Segundo o personagem, o defeito de Belém “era não confiar em suas forças. Morreu inédito. Coisa comum nessas Minas. Altos intelectuais jamais puseram o nome na lombada de um livro”.<sup>23</sup>

O próprio Darcy assim descreve seu livro: “O último romance que escrevi – *Migo* – é uma espécie de retrato psicológico do intelectual na sua forma de romancista provinciano e um mergulho na mineiridade” (*Confissões*, p. 515).

Em linhas gerais, temos dois narradores intelectuais que discorrem sobre suas vidas em Belo Horizonte, vidas essas marcadas pela inexorável passagem do tempo e pela incapacidade de realizar algo que considerem importante. Cientes de sua impotência, tentam encontrar na literatura algum sentido para suas existências. Pode-se justificar o desencanto que ambos apresentam pela convicção de que a passagem do tempo trouxe grandes transformações, o interior em que passaram a

---

<sup>20</sup> SCHWARZ. Sobre *O amanuense Belmiro*, p. 169.

<sup>21</sup> GLEDSON. O funcionário público como narrador, p. 205.

<sup>22</sup> GLEDSON. O funcionário público como narrador, p. 228.

<sup>23</sup> COELHO. *Darcy Ribeiro*, p. 20.

infância não mais existe como conheceram, com a decadência da economia rural e o crescimento dos centros urbanos. Ou então, pelo ostracismo da vida na cidade grande, somado a uma acomodação frustrante com uma existência medíocre. Como parece claro nos fragmentos dos textos críticos apresentados acima, os narradores procuram denunciar a situação dos intelectuais no século passado. Acomodados em uma função burocrática pouco importante, caso de Belmiro, e infeliz com a ineficácia da literatura para a mudança dos rumos da sociedade, caso de Ageu, nossos narradores parecem personificar aquilo que Cyro e Darcy entendiam como situação do literato no Brasil à época.

Vejamos alguns outros trechos em que nossos narradores demonstram seu desencanto com sua atuação na vida prática, a falta de sincronia do intelectual com os anseios da população. Neste primeiro excerto, Belmiro justifica sua falta de posicionamento político em uma discussão com o amigo Redelvim:

– Afinal, que é que você é, na ordem das coisas? Perguntou-me.

– Talvez um “individual-socialista”, respondi, para lhe satisfazer. Você achará absurdo, mas não encontro vocábulo que me defina. Talvez esses dois juntos sirvam para isso. Se vier a revolução, não é preciso, porém, que me deportem ou me fuzilem. Sou um sujeito inofensivo, para todos os regimes... [...]

[...] Sou apenas um poeta lírico, em prosa, e só desejo que me deixem sossegado. Façam os outros o que lhes convém, ou o para que estejam destinados. Farei o que me é próprio, isto é... (*O amanuense Belmiro*, p. 110-112).

O narrador de *Migo* também evidencia esse descompasso entre as letras e a ação:

Sobre nada escrevo. O tudo, oposto a este nada, é a punção que, hoje, me lanceia: Minas. Sonho, quem não sonha? Sonho outra patrinha mineira, brasileira, aquela que pode ser. Há de ser: madrinha. O diabo é que ela não será feita de palavras, que é meu tijolo; nem de sonhos que é meu cimento. Se fará de atos, fortes atos, que reneguem esse mundo de pobres verdades e tristes mentiras misturadas. Que sobre o caos dele construa outro mundo de fortes, belas verdades. Um mundo sem tantos donos, de todos participado (*Migo*, p. 78).

Chama a atenção, nesses dois excertos, a dificuldade de Belmiro em assumir um posicionamento ante o questionamento do amigo por um lado, e, por outro, a “Minas imaginada” por Ageu. Cada um a seu modo aponta para uma mesma direção. Para Belmiro, um posicionamento seu não vai alterar em nada os rumos que a política tomará. Aspira então a uma posição mediana, conciliadora,

“inofensiva”. Ageu, mesmo que possua posicionamentos mais definidos, acaba por abdicar-se deles, pois sabe que com “apenas” sonhos e palavras nada será alterado. Emoldura-se, dessa forma, um quadro que vai representar, de forma definitiva, a completa dissociação entre o que pensam os intelectuais mineiros e os anseios da população. O povo necessitaria de um outro tipo de intelectual, de posições firmes, de atos fortes, características muito distintas das desenhadas pelos dois narradores.

Na tentativa de aprofundar um pouco mais no pensamento dos dois escritores mineiros, gostaríamos de buscar, em outros romances, posturas diferentes das apresentadas nos fragmentos de *Migo* e de *O amanuense*. No caso de Cyro dos Anjos, em seu *A menina do sobrado*, retiramos um trecho em que o autor denuncia as dificuldades em exercer sua atividade como intelectual ao ser cooptado pelo governo:

Rebelava-me, por dentro, contra aquela dissipação das energias do espírito em tarefas tão desencontradas, sufocantes e, sobretudo, alheias às minhas inclinações naturais. Dizia-me que, aceitando, resignado, tal imposição das circunstâncias, eu me atraçoava, como clérigo, eu me prostituía como intelectual (*A menina do sobrado*, p. 380).

Darcy Ribeiro, em suas *Confissões*, é bem mais direto ao expor suas opiniões. Vejamos o trecho em que ele se declara ser de esquerda e denuncia alguns fatos que ocorriam quando a globalização e o projeto neoliberal começavam a dominar a agenda política e econômica:

Sou de esquerda e acho que ela é a salvação do mundo. Fora da esquerda só há indiferença, que é imbecil demais, ou a direita, que é sagaz demais. [...] Tudo isso é tanto mais grave porque tem em suas mãos (nas mãos da direita política) e controla toda a mídia. Através dela, faz a cabeça de quase toda a classe média influente, convencida, pelo bombardeio diário dos jornais, das rádios e das televisões, de que o mundo inteiro se está globalizando alegremente, e em benefício dos pobres. De que, se os ricos enriquecerem muito mais, distribuirão suas riquezas com os pobres. De que a privatização é o caminho do progresso, mesmo quando se faz pela doação dos bens públicos (*Confissões*, p. 298-299).

Essa constatação da corriqueira cooptação dos intelectuais pelas esferas do poder, sejam elas públicas ou privadas, tem sido fartamente discutida ao longo dos tempos. Ora, um intelectual precisa de algum meio de subsistência, já que o “pensar” a situação de um povo, seus problemas, conflitos e apontar possíveis



caminhos não remunera ninguém, e a possibilidade de ter “formadores de opinião” em seus quadros é uma ideia muito sedutora para os poderes estabelecidos. Mas a questão, como vimos nos fragmentos mostrados, pode levar o estudioso a situações problemáticas, ou pior, pode forçá-lo a alinhar-se com o discurso oficial.

Diante disto, sentimo-nos forçados a buscar em textos de Cyro e Darcy, inicialmente exógenos ao nosso *corpus*, alguns subsídios para a discussão. Procuraremos posicionamentos que representem, de forma mais coesa, aquilo que os dois autores pensavam sobre a figura do intelectual e que comprovem ou contradigam o que encontramos nas obras efetivamente estudadas e que comporão o próximo tópico deste capítulo.

### 2.3 – Cyro e Darcy: outras abordagens

Entre as mais diversas e numerosas publicações acerca do papel do intelectual na sociedade – para não nos perdermos entre as mais variadas correntes de pensamento – propomos nos ater, inicialmente, a duas que nos parecem compor polos opostos de um imenso painel de definições. O primeiro seria o pensamento de Julien Benda, que apontava para o fracasso do ideal artístico para os que se engajavam em lutas políticas:

O clérigo moderno deixou completamente de admitir que o laico desça sozinho à praça pública; ele considera ter-se imbuído de uma alma de cidadão e da necessidade de realizá-la com vigor; sua literatura está plena de desprezo por aquele que se fecha em sua arte e em sua ciência e se desinteressa das paixões da cidade. Entre Michelangelo, que repreende Leonardo por ser indiferente com as desventuras de Florença, e Leonardo, que responde afirmando que o estudo da beleza preenche na realidade todo o seu coração, ele se alinha violentamente ao lado do primeiro.<sup>24</sup>

No polo oposto, temos Antonio Gramsci, como cita Norberto Bobbio, que julgava inútil a obra de um artista desprovida de uma preocupação com a sociedade onde vivia:

A falta de vontade de se engajar a fundo, a distinção entre o que deve fazer um intelectual e o que deve fazer o político (como se o intelectual não fosse também um político, e não só um político ... da “intelectualidade”) e, no fundo,

---

<sup>24</sup> BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, p. 19.

toda a concepção histórica croceana, estão na origem desta difusão. Vê-se que ser partidário da liberdade em abstrato não conta nada, é simplesmente uma posição de homem de gabinete que estuda os fatos do passado, mas não de homem atual que participa das lutas de seu tempo.<sup>25</sup>

Sem ainda tomarmos partido de uma ou de outra opinião, destacamos que essas seriam as duas possibilidades que se apresentavam aos intelectuais: o alheamento total das questões cotidianas, fixando-se exclusivamente na arte pela arte, e, no outro extremo, a participação efetiva do pensador nas situações do seu tempo. Há de se reconhecer que viver a arte pela arte, sem envolvimento com a realidade a sua volta, soa quase como uma condição utópica para a produção artística. Se esse desprendimento das situações do homem em seu tempo pode ser tido como favorável ao artista, por outro lado, ele se mostra pouco provável de acontecer. É difícil imaginar que um artista, de modo geral, dotado de grande sensibilidade, consiga se manter totalmente alheio aos acontecimentos da sua época. Acreditamos que o que se possa desejar é certo grau de distanciamento em relação aos fatos, capaz de tornar a análise mais objetiva e crítica. No polo oposto, o do engajamento total do artista, pode-se argumentar que essa seria a postura mais elogiável, mais produtiva para a sociedade. Mas aí outras questões se levantam: o utilitarismo da arte não a desvaloriza como tal? Uma produção artística com grandes preocupações sociais, políticas ou de quaisquer outras espécies não estaria fadada a se tornar panfletária, ideológica ao extremo? Talvez o caminho ideal se encontre num meio termo entre as duas posturas: distanciamento estratégico da realidade sem perder a noção do contexto em que aquela obra estiver sendo produzida. Por ora, avancemos um pouco mais em nossa linha de raciocínio.

Colocados esses dois pontos extremos que consideramos ser os limites de todo um painel de opiniões sobre a participação do intelectual na sociedade – que iria do total alheamento das mazelas político-sociais ao engajamento integral nessas questões – pensemos então: como se comportavam, ou melhor, como nossos dois autores se posicionavam dentro desse quadro que delimitamos? Poderíamos

---

<sup>25</sup> BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, p. 22.

elaborar, de maneira mais satisfatória, a nossa proposição citada acima, partindo do que foi levantado em nosso *corpus* inicial? Eis as questões que passaremos a discutir a partir desse ponto, começando pelo autor de *Maíra*.

Darcy Ribeiro, de modo majoritário, reconhece a dificuldade de se desenvolver um trabalho intelectual efetivo junto às esferas do poder. Em seus *Ensaios insólitos*, no texto “Três Pragas Acadêmicas”, ele afirma que “evidentemente nós, os intelectuais, não somos nenhuma maravilha, somos de fato, uma frágil matéria corruptível”.<sup>26</sup> Nesse texto, Darcy aponta aquilo que considerava como pragas para a formação de um pensamento coerente: a entrega da direção das universidades a “reacionários e incompetentes”; a invasão das universidades brasileiras por estudantes norte-americanos para “nos entender e nos explicar” e os chamados cavalos-de-santo, que seriam acadêmicos que só repetem o que já foi dito.<sup>27</sup> Ao final, propõe “três ordens de compromisso” que o intelectual deveria assumir: “ninguém pode ser perseguido como subversivo pelas ideias que defende; ninguém pode ser premiado pelo que diga ou pelo que cale e denunciar todas as formas de colonialismo cultural”.<sup>28</sup>

Em outra obra – *Os brasileiros*, que consideramos fundamental para nossa discussão –, Darcy fala da sua experiência, ao ser convidado para participar das políticas brasileiras:

A terceira ordem das experiências, que começa quando sou chamado a participar dos órgãos de decisão da estrutura de poder, operou como uma dupla desmistificação. Por um lado, radicalizou minha postura ao revelar-me a impotência do reformismo e a fragilidade das instituições políticas chamadas a defender os interesses nacionais e populares, em face do poderio dos interesses patronais e de alienação do patriciado político e militar que sempre governaram o Brasil. Por outro lado, demonstrou a futilidade do trabalho a que nós, cientistas sociais, nos dedicamos. Geralmente mais empenhados em escrever uns para os outros sobre temas socialmente irrelevantes, do que contribuir a elucidar a natureza da revolução necessária. Mas, operou, sobretudo, como um repto a fundir minhas consciências díspares.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> RIBEIRO. *Ensaios insólitos*, p. 259.

<sup>27</sup> RIBEIRO. *Ensaios insólitos*, p. 261-262.

<sup>28</sup> RIBEIRO. *Ensaios insólitos*, p. 264.

<sup>29</sup> RIBEIRO. *Os brasileiros*: Livro I – Teoria do Brasil, p. 10.

Apesar do reconhecimento da pouca eficácia da participação dos intelectuais nas decisões políticas, nesse mesmo texto, ele mostra um possível caminho para que essa participação apresente resultados positivos para a população:

Somente no plano erudito, porém, se pode formular explicitamente uma consciência crítica pela exploração exaustiva e sistemática dos limites da consciência possível em cada conjuntura histórica. A consciência crítica brasileira é encarnada, presentemente, pelos intelectuais que, percebendo o caráter circunstancial e erradicável do atraso, indagam as causas reais do subdesenvolvimento formulando estratégias revolucionárias e prefigurando o modelo de sociedade que convém ao Brasil. Entretanto [...] a consciência crítica da intelectualidade mais avançada está sempre sujeita a alienar-se. [...] Um alto nível de consciência crítica, no plano intelectual, só pode ser alcançado mediante uma combinação do esforço teórico com a militância revolucionária que permita estabelecer vínculos entre a consciência crítica, embora arcaica, das classes subalternas e a formulação científica dos caminhos da revolução.<sup>30</sup>

Verificamos, nesses dois excertos de textos de Darcy, opiniões que nos fazem refletir. No primeiro, ele demonstra grande decepção com a inutilidade de um pensador dentro de um governo, diante do poderio das forças econômicas, além de considerar inúteis a produção acadêmica dos cientistas sociais para a solução de problemas efetivos da população, postura que se equipara à demonstrada em *Migo*. No segundo trecho, essa posição é totalmente relativizada. O valor dos intelectuais na formação de uma consciência crítica na população é muito valorizada, acrescentando que somente com essa consciência solidificada, aliada a formulações teóricas exequíveis, poderão ser encontrados os caminhos para as transformações na sociedade. Verifiquemos, agora, se o aparente desencanto com a atuação do intelectual como força transformadora, manifesto nos fragmentos dos romances de Cyro dos Anjos, confirma-se em outros escritos.

Em busca de subsídios para nosso trabalho, recorreremos ao Acervo de Escritores Mineiros, da Universidade Federal de Minas Gerais, onde encontramos outros textos que nos parecem muito representativos da postura do autor de *Montanha*.

---

<sup>30</sup> RIBEIRO. *Ensaio insólitos*, p. 164-165.

No primeiro deles – retirado de uma entrevista concedida a Wilson Figueiredo e Luiz Paulo Horta, presente nos *Cadernos de Teoria e Crítica Literária* – Cyro, ao ser questionado sobre a missão da literatura, responde:

Não me parece que haja uma missão. Eu acho que a arte, quando tem um objetivo fora de si mesma, ela deixa de ser arte, ela serve então a outros interesses. A serviço da política, por exemplo, ela é propaganda política, torna-se ideologia e deixa de ser arte. Agora, a arte literária pode, sem dúvida, embeber-se, impregnar-se de ideias políticas, quando isso entra naturalmente, como ar que se respira. A política, como a religião, pode entrar pelos poros do escritor e, devidamente metabolizada, pode se transformar em obra de arte. Agora, se a obra de arte denuncia flagrantemente essa influência, acho que ela se desconceitua como obra de arte. A política e a religião estão presentes na *Divina comédia*, mas através de uma impregnação natural.<sup>31</sup>

Com base nesse fragmento, poderíamos imaginar que o escritor norte mineiro acreditava que a dissociação da arte em relação a outros aspectos (social, político, religioso) era algo desejável. Entretanto, continuando nossa pesquisa, detectamos outros dois escritos em que ele relativiza sensivelmente tal opinião. Em outra entrevista, dessa vez cedida a Otto Lara Resende, Cyro afirma que “um escrito não pode viver fora de sua época”, pois “a questão social é um tema de todos os tempos”.<sup>32</sup>

O outro momento, apesar de não tratar especificamente da presença de temas políticos ou sociais em obra de arte, está contido num recorte de um artigo de jornal não identificado, mas escrito por Cyro, encontrado dentro do livro *Les mythes de l'amour*, de Denis de Rougemont, intitulado “A Europa é a casa desse intelectual”. Esse artigo nos chamou a atenção por demonstrar, de forma indireta talvez, aquilo que Cyro enxergava como a função de um intelectual e sua responsabilidade com o mundo em que vive:

Denis de Rougemont pertence a uma espécie rara, a dos intelectuais europeus cuja cultura e interesse ultrapassam todas as fronteiras que a história deixou cruelmente traçadas no Velho Continente. [...] Amplas varandas que se abrem sobre pérgolas e jardins; grandes cômodos cheios de livros, tudo exala paz e equilíbrio, serenidade; e, entretanto, Denis de Rougemont não tem nada de um escritor solitário com sua sabedoria. Desse lugar tranquilo no coração da Europa, é sobre a Europa, sua grandeza e sua tragédia que ele medita com uma espécie de angústia, às vezes. É sobre a história das ideias europeias que

<sup>31</sup> ANJOS. Entrevista concedida a Wilson Figueiredo e Luiz Paulo Horta, p. 15.

<sup>32</sup> ANJOS. Abdias, o novo romance de Cyro dos Anjos: Entrevista concedida a Otto Lara Resende, p. XX.

ministra cursos em Genebra. E é dali que ele se expande sem parar para todas capitais do Continente, para comissões a presidir e iniciativas a organizar. [...] E ninguém melhor que Denis de Rougemont seria indicado para refazer a gênese da ideia europeia, para indagar sobre seus enigmas e promessas.<sup>33</sup>

Observamos, nessa citação, um grande respeito que Cyro nutria por Denis de Rougemont. O escritor mineiro se impressiona com a beleza e a tranquilidade da morada do escritor e ecologista suíço. Todavia, adverte que o sossego da residência representa um profundo contraste com a combatividade do pensador. Estaria Cyro criticando a conhecida postura do intelectual isolado, com todo o seu conhecimento, em sua “torre de marfim”? Ou estaria sugerindo que o intelectual pode até possuir sua “torre”, seu local de sossego para pensar as questões importantes para a nação? Ou seria simplesmente uma admiração por Denis de Rougemont apresentar um comportamento tão díspar do seu? Não sabemos. Talvez, pelo que temos discutido até este momento, estejamos diante de uma postura – a de Rougemont – que intermedeia a dos nossos dois escritores. Cyro assumiria uma condição mais próxima da “torre de marfim”, mais ligado às questões da arte, da academia, enquanto Darcy representaria a função mais combativa, engajada do intelectual.

Na já referenciada coletânea de correspondência entre Cyro e Drummond – organizada por Wander Melo Miranda e Roberto Said –, verificamos alguns importantes pronunciamentos dos dois autores acerca dos acontecimentos políticos da época, além de posicionamentos críticos sobre a participação do intelectual na vida pública. Drummond parece mais incomodado com a incapacidade de participação dos intelectuais nas decisões políticas, apesar de ter consciência de que “nascemos (os intelectuais) todos incapazes para a política, mas fadados a sofrer no lombo suas transformações.”<sup>34</sup> O tom das cartas de Cyro demonstra uma dificuldade maior para expor seus posicionamentos políticos, talvez até por não ter nenhuma esperança de melhoria através dos políticos que bem conhecia, como podemos notar nestes trechos de carta a Drummond, em 12 de julho de 1935:

---

<sup>33</sup> ANJOS. Em recorte de jornal encontrado dentro de um livro – *Les mythes de l'amour*, de Denis de Rougemont – que tivemos acesso no Acervo de Escritores Mineiros, da UFMG.

<sup>34</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 119.

Essa sondagem, que foi demorada, apurou, em mim, aquilo que eu sempre suspeitei existir: uma absoluta falta de fé. Falta de fé política, fé religiosa e fé filosófica. Verifiquei que, decididamente, não acredito em nada e que será vão qualquer esforço para acreditar. Se, por um lado, sinto, como você, toda a pressão espiritual e sentimental dos problemas da época, por outro lado, falta-me fé na solução dos mesmos. E esta ausência de fé determina, em mim, uma invencível perplexidade. [...] Quem não acredita, como eu, só pode ser espectador. Não me faltam impulsos generosos, e o que me está faltando é a convicção de que possamos servir à massa, seguindo esse rumo.[...] Receio que eu seja um anêmico de sentimentos e que o meu ceticismo seja anemia intelectual. O certo é que me falta força de espírito para crer, e força de coração para agir. Tudo isso vai dito com a maior pureza de espírito e coração e eu o digo para preservar a nossa amizade da ação, lentamente destruidora, de uma desinteligência de rumos. Essa desinteligência não existe senão quanto ao que há, em você, de dinâmico e, em mim, de estático. No fundo sentimos juntos a mesma necessidade de retificação da vida. Mas você tenta a retificação e eu me sinto sem forças para tentá-la, por falta de fé no êxito da tentativa. [...] Não me vejo à direita. Estou simplesmente à margem, sem pontos cardeais, e espero que você não pense mal de minha indecisão de espírito.<sup>35</sup>

O fragmento destacado dessa carta é muito significativo para a análise do pensamento de Cyro dos Anjos sobre a participação do intelectual nas decisões políticas. Ao justificar-se perante o amigo e mentor, Cyro confessa uma enorme desconfiança sobre o peso que poderia ter sua participação na mudança de rumos na sociedade. Sua falta de fé justificaria sua apatia, seu não comprometimento com as causas da “massa”. Ele acha louváveis atitudes de intelectuais que busquem as transformações sonhadas, e elogia esse comportamento que enxerga em Drummond, porém reconhece que o seu ceticismo o impede de agir como o admirado amigo. O desencanto com a política, e de resto com a participação do intelectual nas questões do seu tempo, é relativizado em outros momentos, como quando Cyro faz um balanço da visita que Drummond fez a Montes Claros, e o modo como o poeta impressionou a todos com a forma como ele teria captado todo o ambiente político da cidade, atitude que surpreendeu a muitos, que esperavam uma figura mais “contemplativa”, alheia às coisas do cotidiano popular: “Expliquei-lhes que um poeta moderno não é meramente contemplativo (salvo o Emílio) e sabe se integrar em outras paisagens que não as exclusivamente líricas”.<sup>36</sup> Acreditamos que Drummond tenha tido influência em alguns posicionamentos mais firmes que Cyro

---

<sup>35</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 70-75.

<sup>36</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 49.

demonstrou em alguns momentos. O poeta, apesar de considerar Cyro como “o mais suave dos humanos”,<sup>37</sup> chega a criticar seriamente uma postura do escritor norte-mineiro, bem como a de intelectuais que vivem alheios aos acontecimentos à sua volta, que querem colocar sua produção artística completamente fora do contexto histórico em que foi produzida:

Li seu artigo sobre o vate Emílio e teria muita coisa a dizer sobre ele. Mas... um dia conversaremos. Estou convencido de que o poeta não pode se alhear do espetáculo do mundo e que também ele tem uma missão social a cumprir no momento. É a grande objeção que faço ao livro do Emílio: estar fora do tempo. E, por outro lado, reconhecendo como você a falência da literatura bolchevista, acredito entretanto na possibilidade de uma mensagem poética que contribua para a solução dos conflitos humanos da nossa época. Vale a pena trabalhar nesse sentido. Mas seu artigo nega tudo! Fiquei um pouco triste mas tenho fé em que havemos de voltar a nos entender nesse particular.<sup>38</sup>

A amizade entre Cyro e Drummond autorizava um “puxão de orelhas” como esse. O poeta se decepciona com a crítica que Cyro fez a um livro de poesia, elogiando o afastamento da realidade que o autor empreendeu na obra. Drummond aponta que aquilo que Cyro viu como qualidade, na verdade era o maior defeito do livro. O alheamento dos fatos, o desligamento do contexto social e histórico seriam uma falha imperdoável numa obra poética, pois ela teria de ajudar, de alguma forma, o homem a resolver suas dificuldades.

Retomando os nossos autores, pelo que pudemos observar até aqui, tanto Cyro quanto Darcy reconhecem a dificuldade de atuação do intelectual de maneira eficaz na sociedade. Cyro acredita que a obra de arte não é o espaço ideal para o debate de questões políticas, sociais, ou religiosas, apesar de admitir que esses temas possam surgir naturalmente dentro da obra. Reconhece, ainda (isso numa inferência nossa diante dos trechos apresentados), que o intelectual deve buscar uma atuação ativa na sociedade. No caso de Darcy, temos posições mais radicais. Ele, a despeito dos mais variados interesses dos governantes em cooptá-lo, buscará se inserir no processo político. Seja em seus escritos, seja na aceitação da cooptação do Estado, o autor de *O mulo* se coloca de forma integral no debate político. Esses

---

<sup>37</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 58.

<sup>38</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 91-92.



posicionamentos nos levam ao próximo tópico deste capítulo que tratará das relações dos intelectuais com o Estado.

## 2.4 – A arte em gestação

No tópico desenvolvido acima, encontramos alguns posicionamentos acerca da produção literária e suas relações com posturas políticas de seus escritores. Essa discussão suscitou em nós o desejo de buscar, nas obras estudadas, indicações sobre como os dois autores vislumbravam seus processos de escrita. Uma curiosa coincidência foi detectada: ambos recorrem à figura da gestação para falar de seu processo criativo. Não que esta relação se trate de uma grande novidade. Muitos são os escritores que se utilizam dessa imagem, como Pirandello, ao falar do processo criativo em uma das suas mais conhecidas obras:

Acaso será que existe um autor capaz de indicar “como” e “por que” uma personagem lhe nasceu na fantasia? O mistério da criação artística é idêntico ao do nascimento natural. Uma mulher que ama poderá desejar muito ser mãe, porém, o desejo apenas, embora profundo e intenso, não é o suficiente. Entretanto, um dia ela se tornará mãe, sem contudo ter-se apercebido do momento em que isso se deu. O mesmo acontece com o artista: vivendo, ele reúne em si um sem-número de germes de vida e nunca poderá afirmar “como” e “por que”, num determinado momento, um desses germes vitais penetrou a sua fantasia para tornar-se, também ele, uma criatura viva, num plano da vida superior, acima da volúvel existência de todos os dias.<sup>39</sup>

Como apontamos, nossos dois personagens ligam o ato da criação literária à gravidez, como podemos observar em momentos como os que se seguem:

“Por que um livro?”, foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. “Já não há tantos? Por que você quer escrever um livro, *seu* Belmiro?” Respondi-lhe que perguntasse a uma gestante por que razão iria dar à luz um mortal, havendo tantos. Se estivesse de bom humor, ela responderia que era por estar grávida. Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. E isso é razão suficiente. Posta de parte a modéstia, sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia no espaço. Ai de nós, gestantes. O melhor seria vivermos sem livros, mas o homem não é dono do seu ventre [...] Não sei bem o que me sairá das entranhas (*O amanuense Belmiro*, p. 25-26).

Escritor escrevendo é como fêmea prenha. Fazemos livros como elas fazem suas crias, com a barriga, sem meter cabeça nisso. Imagine o desastre que seria

---

<sup>39</sup> PIRANDELLO. *O falecido Matia Pascal*. Seis personagens à procura de um autor, p. 326.

uma mulher, ou uma cadela, decidindo que coisa vai comer para fazer o pé do filho do jeito que ela quer. Ou que comerá tal outra coisa para que o olho dele seja preto ou verde. Decidindo tudo assim, detalhe por detalhe, só podia dar na maior bestagem. Monstruosidades seriam. Assim é que eu escrevo, parindo minhas crias, tal como elas me saem brotadas do fundo de mim, sem qualquer plano de intenção. Se razão há, explicável, entendível, para que elas sejam assim ou assadas isto não é assunto meu (*Migo*, p. 212-213).

A ideia da gestação e do parto é explorada de maneira similar pelos dois personagens. Ambos engravidam de forma compulsória, independentemente de suas vontades. São “os germes da vida” a que se referiu Pirandello acima, que se encontram adormecidos no interior de cada um deles, e quando menos esperam, descobrem-se grávidos, sem a menor noção do que é que lhes saíra da “barriga”. A analogia pode ser estendida aos “filhos” dessa gestação. Cada filho/personagem, na visão dos narradores, ganhará vida própria –, autonomia que já buscam dentro do ventre –, seguirá seu caminho sendo observado pela “mãe”, que pouco pode fazer, a não ser esperar que cada um encontre a sua trajetória.

Essa ligação maternal com seus filhos/personagens é explicitada por Ageu em determinado momento em que diz que “amo a meus personagens mais que a qualquer gente vivente” (*Migo*, p. 135). Esse amor se justificaria pela confiabilidade que eles representariam, e, além do mais, podem passar pelos piores infortúnios, prazeres e até morrer, mas logo poderiam ressurgir para viverem novas aventuras.

No caso de Belmiro, a situação é um pouco diferente. Sua relação com o produto de suas gestações é conflituosa, levando-o inclusive a cometer alguns “abortos”. Como suas procriações são frequentemente abortadas, ele não trata das suas relações com seus personagens. A sua admiração, seu desejo criativo direciona-se para o ato criativo em si. É escrevendo que ele procura se enxergar uma pessoa melhor: “Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico” (*O amanuense Belmiro*, p. 197).

Cyro retoma essa questão da sua produção literária em pelo menos mais um momento, no livro *A menina do sobrado*. Ao final do livro, quando o narrador faz um balanço de sua vida, sempre presa a repartições públicas, ele não lamenta o tempo despendido nos locais de trabalho. Acredita que tudo o que havia para ser

escrito por ele foi feito. Para o narrador: “Com razão se pretende que, nas artes como nas letras, o parto é tão compulsivo quanto entre as gestantes. Chegado ao termo da concepção, o objeto, que dentro de nós se criou, de nós se desprende, favorável ou adversa que seja a conjuntura” (*A menina do sobrado*, p. 417). Indiretamente, o narrador do livro corrobora a posição de Belmiro, que aparece na última página do romance, de que “a vida parou e nada há mais por escrever”.

Na citada coletânea de correspondências entre Cyro e Drummond, encontramos outra referência que Cyro faz aos seus personagens. Nessa carta, direcionada ao escritor Rubem Braga, que havia feito uma análise do livro *Montanha*, Cyro agradece os comentários, mas ressalva a inexatidão em relação à crítica sobre os personagens:

Perdoe-me se me estendo, mas o esclarecimento é útil para prevenir mal-entendidos, e, por outro lado, preservar o autor da incômoda situação de pintor de retratos. Você sabe o que acontece: chega um cavalheiro, olha o retrato, não o acha parecido com o modelo, sai resmungando – “Não presta!”. É o que sucederia, Braga, quando o leitor confrontasse o personagem com a pessoa que você supôs havê-lo inspirado. Quando Flaubert exclama: “Madame Bovary sou eu!” está proclamando uma verdade válida para o geral dos escritores, em relação a seus personagens. Os tipos que circulam no meu livro são todos eles carne e sangue do autor, com o mal e o bem que obraram ou pensaram – mal e bem que em potência existem na alma de todo cristão.<sup>40</sup>

Constatamos que, na retificação que faz da análise feita por Braga, Cyro não aceita o papel de “pintor de retratos” ao construir seus personagens. Para ele, essa tarefa vai além disso. Retoma a ideia de maternidade, ao tratar os seus tipos como se fossem “carne da sua carne e sangue do seu sangue”. Suas criações saíram de suas entranhas, ganharam vida, porém nunca terão como negar suas origens.

Enquanto Ageu admira seus personagens, suas aventuras e se realiza através deles, pensando em um prolongamento de sua existência por meio das vidas das suas criações, Belmiro tenta, com a literatura, fugir de sua existência melancólica e solitária. Ao final das narrativas, tem-se a impressão de que ambos falharam. Ageu, de certo modo, reconhecendo que sua decadência física é irreversível e que seu tempo não voltará, mesmo que por meio de algum

---

<sup>40</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 228.

personagem, e Belmiro, restrito ao seu mundo de “caramujo”, desistirá mais uma vez de seu projeto de composição de livro, reconhecendo a insignificância de sua existência.

## 2.5 – O intelectual domesticado

“Sou um animal doméstico. Enclausurado aqui nesta casa, recebo as poucas pessoas que o destino jogou em cima de mim”

*Migo*, 86.

“Minha vida se reduz a Emília, Carolino, Giovanni e Prudêncio. Isto é: encolhe-se na Rua Erê, como dentro de um caramujo”

*O amanuense Belmiro*, p. 210.

Nesses dois excertos, Ageu e Belmiro continuam a expressar o recorrente sentimento de resignação que permeia suas narrativas. Ageu, vivendo uma espécie de “solidão dentro de sua família”, que quase sempre ignora, discorre sobre sua condição de viver isolado, “enclausurado” em sua casa, junto a Nora e Zeca e com as poucas visitas que recebe. Essa “domesticação” é reiterada ao longo do livro. O personagem se fecha em seu escritório, zona de conforto, onde desfruta dos prazeres que ainda lhe restam: a escrita, a leitura, a música e as recordações.

A vida de Belmiro não difere muito da situação de Ageu. A casa da Rua Erê é um símbolo muito forte do “encolhimento” das suas relações sociais. Seu antigo grupo de amigos se dispersou, restando-lhe apenas sua irmã e alguns poucos amigos. É naquela casa que o personagem se sente seguro para tentar escrever o malgrado livro de memórias, para devanear amores irrealizáveis, para recordar seu passado na Vila Caraíbas, enfim, para passar a limpo sua existência.

Essa é, certamente, uma leitura coerente das passagens citadas. A solidão, a melancolia, o desencanto com a vida são traços marcantes nas narrativas em questão. Mas gostaríamos de propor um aprofundamento dessa primeira constatação, utilizando duas imagens – do “animal doméstico enclausurado” e do “caramujo” – para falarmos do sentimento do intelectual em relação à sociedade em que viviam Cyro e Darcy.

Os dois escritores mineiros, retomando suas atuações no período do governo de JK, foram destacadas personalidades na vida pública. Mas, em relação às práticas intelectuais, como eles vislumbravam suas atuações como pensadores? De que forma se relacionavam com seus pares? Que visão tinham acerca da importância da participação do intelectual na formação de uma consciência crítica no país? Estas questões estão sendo discutidas e continuarão a ser ao longo deste capítulo. Mas que relação pretendemos estabelecer entre a atuação do intelectual e o “animal doméstico e enclausurado” ou, mais inusitado ainda, entre o intelectual e o “caramujo”?

A ideia do animal domesticado e preso nos parece clara em relação à situação do intelectual à época em que viviam nossos dois autores. Darcy, em grande parte dos seus escritos, aborda as dificuldades que um intelectual encontra para apresentar seus pontos de vista, propor transformações para a sociedade, uma vez que, via de regra, contrariariam as forças hegemônicas. Essa dificuldade acaba levando o intelectual a uma vida confinada em meios acadêmicos, produzindo textos para seus poucos pares, teorizando sobre temas importantes, porém com exíguas possibilidades de aplicação prática. Ageu aponta diferenças irreconciliáveis entre seus amigos, mas destaca também a irrelevância dessas discordâncias, dado que o grupo nada produz:

Esse meu bando de amigos – amigos? – é uma fauna esquisita. Aqui tenho cara de todo bicho. [...] Sou democrata jurado, socialista convicto, até comunista sou, conforme a definição. Mas tudo isso com o povo lá e eu cá, sem confluências. Que intelectualidade é esta nossa? De quem ela é? Supostamente somos a inteligência do povo brasileiro e do mineiro também. Mas como é, se só nos identificamos, de fato, conosco mesmo e com os ricos que dizemos detestar? Se só servimos aos donos da vida? Esse povo está é perdido se espera alguma coisa de nós. Os educados, os lidos, os competentes, os bonitos, entre nós, são serviçais fiéis da ordem. Nós intelectuais, nos pagando com palavras de discursos literários, somos esquerdistas pra inglês ver. O desencontro é total. Nossa vanguarda lúcida, fiel a seu povo, não existe. O povo brasileiro está órfão. É um corpo sem cabeça. Nós, intelectuais, sem um povo com que nos identifiquemos, com horror do povo de verdade que aí está, somos uma cabeça decepada. A revolução que pregamos é para outra gente, eu não sei qual; de fato, para gente nenhuma. Mentindo, disfarçando, servimos é ao sistema, fielmente. Viva a ordem. Merda! (*Migo*, p. 218-219).

O grupo de amigos relacionado a um bando de animais, apesar de soar um pouco acima do tom, parece representar o sentimento de Ageu em relação à hermética intelectualidade mineira. A despeito da virulência da comparação feita, a consideramos interessante. Um animal em seu estado natural tem seus instintos aguçados, ataca em busca de alimentos, foge quando em perigo, reage com violência ao ser atacado. Em contrapartida, quando domesticado, passa a ser um “amigo do homem”, acomoda-se a conviver com seu “dono” em troca de comida e de segurança. Ageu chega a se referir a essa “domesticação” na passagem acima, quando afirma que os intelectuais seriam “serviçais fiéis da ordem”, que “servem aos donos da vida”, que “servem fielmente ao sistema”. Essa fidelidade extrema estaria intimamente ligada ao conceito de intelectual domesticado que estamos observando, e nos leva para o caminho da domesticação do intelectual através da cooptação feita pelo Estado. Aquela voz dissonante do pensador que vai contra os desmandos do poder é constantemente tentada a se alinhar ao discurso oficial. Quando essa voz sucumbe à sedução do poder é como se houvesse uma domesticação daquele “animal pensante”, que passará a defender as ideias do “seu dono”.

Ao se referir ao povo, Ageu parece tratar de uma massa unificada, homogênea, o que nos lembra o conceito que Hommi Bhabha apresenta para essa categoria. Bhabha define povo como uma massa homogênea, funcionando como uma categoria discursiva, porém fundamental para a legitimação do poder dos governantes.<sup>41</sup> Ageu aponta para a importância do intelectual para esse povo, e, numa via de mão dupla, o fundamental papel que o povo tem na concretização da figura do intelectual. Porém, existe uma distância muito grande entre o intelectual e o povo. Numa visão romântica e pertinente para a época em que vivia, Ageu acredita que o intelectual deveria ser o guia do povo, entretanto, parecem viver em mundos diferentes. A cabeça (o intelectual) foi arrancada do corpo (o povo), e Ageu não vê possibilidades de um “reimplante”.

---

<sup>41</sup> BHABHA. *O local da cultura*, p. 206.

A imagem do “caramujo” para tratar da questão do intelectual pode parecer, a princípio, mais complexa. O grupo de amigos de Belmiro também é bastante restrito e repleto de diferenças:

Finalmente, as dissensões de pensamento, agravadas pela atmosfera pesada deste fim de ano, lhe apressam a dissolução. Redelvim, anarquista; Jandira, socialista; Silviano, o homem da hierarquia intelectual e da torre de marfim; Glicério, com tendências aristocráticas; Florêncio, tranquilo pequeno burguês, de alma simples, que não opina. Será certamente impossível uni-los de novo (*O amanuense Belmiro*, p. 181-182).

Com a iminente dissolução do grupo, a vida social de Belmiro vai se reduzindo até chegar ao ponto em que ele faz a comparação com o caramujo. Tomemos então esta imagem. É possível que alguns de nós tenhamos – na infância, em tempos de chuva – brincado com um daqueles curiosos moluscos. Lento, carregando uma pesada carapaça, para dentro da qual se encolhe ante qualquer ameaça. Aqui podemos esboçar a ligação entre o pensador e o molusco. Não o independente pensador, não o questionador, mas aquele que já foi “domesticado” pelo poder. Aquele que “carrega” nos ombros a pesada engrenagem da dominação, que pouco se expõe e, se confrontado, se refugia sob a sombra do cooptador. A lentidão não é de ideias, mas de atitude frente aos abusos perpetrados pelos poderosos, o que deixa aquele intelectual em total descompasso com os anseios da população e com a dinâmica das transformações sociais.

Gostaríamos de recorrer a duas outras passagens, sendo que parte de uma delas foi citada no princípio deste capítulo, mas que merecem ser lembradas para reforçar o que estamos apontando:

Revoluções sempre as houve e haverá. Silviano acha, mesmo, que revoluções ou guerras são reajustamentos, operações da economia da espécie. Quando há, por exemplo, uma superpopulação, vem uma guerra para destruir o excesso de indivíduos que perturba a economia coletiva. [...] Os indivíduos nada significam, segundo seu modo de pensar. [...] Fiquei melancólico e cívico, pensando neste Brasil, onde a civilização poderia ter, certamente, um sentido mais cordial, sem cruentíssimos conflitos que andam pelo mundo. Talvez algumas leis, alguma compreensão... Mas sou apenas um falido poeta lírico e rir-se-ão de algumas ideias, que me vêm, sobre o problema. Elas não são, aliás muito claras e comumente se manifestam contraditórias. [...] Também jamais levarei a sério as declarações que me fez (Redelvim) pela manhã. Jamais acreditei no seu comunismo. Sua inclinação é, antes, para o anarquismo. Mas um anarquismo lírico, que não dá para atirar bombas nem praticar atentados. Este nosso

anarquista tropeçará sempre no seu coração, que é grande, *malgré lui* (*O amanuense Belmiro*, p. 70-71).

Minha geração literária se foi. Estão curtindo seus talentos à beira-mar. Desconfio, às vezes, que o ofício verdadeiro deles, inconfesso, secreto, é de inspetor de bundas da praia de Copacabana. Mas todos se publicam, são gabados, elogiados. [...] Eu fico aqui morrendo de inveja deles todos, me curtindo nas águas de meus rancores, bebendo os óleos rançosos dessas Minas. Eles terão mesmo partido? Ou, como eu, estão fadados pela maldição de quem nasce neste chão: aqui ficar por mais que fuja. Todos eles, o velho Carlos, principalmente, carregam no exílio, montada na cacunda, sua mineiridade indelével. Eu cá, nesse contexto, cercado de murrarias; eles lá, naquele mundo arrombado de mar aberto; nós todos somos bichos desse chão, mazombos macambúzios, com menos arte de viver que indústria de romancear ou poetar (*Migo*, p. 176).

O isolamento, mesmo entre seus pares, as discrepâncias de opiniões, o sentimento de impotência vêm sendo explicitados neste texto, mas agora aparecem reforçados por um componente que já havíamos sinalizado: o descompasso entre o que pensa o intelectual e as necessidades e anseios da população. Os grupos, ilhas de seres desiguais unidos por motivos diversos ( vaidade, formação acadêmica, literatura, etc.) não conseguem alinhar os discursos, chegar a posições consensuais internamente. Pior ainda, desconsideram aquele que deveria ser o beneficiário de seus projetos, pois, teoricamente, era de conjuntos de pensadores como aqueles, da elite cultural mineira e, por extensão, brasileira, era que poderiam surgir as propostas para a melhoria da vida do povo.

Os narradores, cientes dessa impossibilidade, passam a criticar seus pares, suas ideias, suas discussões improdutivas. Mas a insatisfação se estende a seus próprios comportamentos. Ageu e Belmiro também não acreditam naquilo que pensam ou propagam. A indignação e o desejo de transformações não ultrapassam os limites dos locais de reunião. Domesticado em seu desejo de revolucionar a situação estabelecida, enclausurado em seus pequenos nichos, o intelectual mineiro tem sua postura questionada, porém nenhum caminho para mudanças é apontado. Restam a acomodação e a resignação. Mesmo ao tratar de intelectuais que romperam as fronteiras mineiras, Ageu ressalta que, apesar do sucesso literário de alguns, a participação ativa nas transformações sociais é bastante acanhada. Eles deixaram Minas, mas o comportamento do típico intelectual mineiro não os



abandonou. Ageu chega a falar que todos os intelectuais mineiros, incluindo um certo Carlos (em clara referência a Drummond) “carrega, montada na cacunda, sua mineiridade indelével”. Temos a volta da imagem do “caramujo” a que se referiu Belmiro. Os benefícios e defeitos da mineiridade não são fatores fáceis de se desvencilhar. A segurança só é satisfatória estando sob os domínios mineiros, na casa do “caracol”, que nos dois romances pode ser representada pela casa da Rua Erê e o escritório de Ageu.

As comparações feitas até aqui entre as imagens do animal domesticado e do caramujo e a figura do intelectual cooptado podem ser consideradas pertinentes ou não, mas o fato é que a atuação dos dois intelectuais estudados possui intensa ligação com as forças hegemônicas e o processo de cooptação do Estado.

## **2.6 – Os intelectuais e o Estado**

Como já mostramos em alguns fragmentos das obras dos nossos autores, ambos reconhecem o poder de cooptação que o Estado exerce sobre os intelectuais e como esse fato os incomoda: Cyro se sente como um “boi de carga” e Darcy fala da dificuldade de se trabalhar para o governo e conseguir algo de útil para a população. Essa cooptação era tão comum àquela época que Drummond, certa vez, chegou a afirmar que “quase toda a literatura brasileira, no passado como no presente é uma literatura de funcionários públicos”.<sup>42</sup>

Colocados diante desse cenário, nos propomos a discutir um pouco mais essa literatura, usando como subsídios a atuação pública dos nossos autores, já que tanto Cyro quanto Darcy fizeram carreira junto a órgãos governamentais. Cyro foi Diretor da Imprensa Oficial e Presidente do Conselho Administrativo do Estado de Minas; Diretor do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores da União, no governo de Dutra, no Rio de Janeiro; Sub-Chefe do Gabinete da Presidência da República, durante o governo de Juscelino Kubitschek, também no Rio, e Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, em Brasília, cargo em que veio a se aposentar em 1976. Darcy, entre outras funções públicas, foi Ministro da Educação,

---

<sup>42</sup> ANDRADE. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*, p. 113.

em 1962, e Ministro-Chefe da Casa Civil, ambos no governo de João Goulart; Vice-Governador do Rio de Janeiro, em 1982, e Senador da República, de 1991 até sua morte em 1997. Para nos auxiliar nessa discussão, buscaremos algumas posições no livro *Os intelectuais e o poder*, de Bobbio, e em *In the shadow of the state*, de Nicola Miller.

Em *In the shadow of the state*, Nicola Miller desenvolve um estudo sobre a participação do intelectual – definido como crítico social independente – na formação de uma identidade nacional popular na América hispânica. Ela centra seus esforços nos casos de Argentina, Chile, Cuba, México e Peru. O Brasil, apesar de citado em alguns trechos, fica de fora da análise, porque, segundo a autora, tem diferente tradição intelectual e cultural em relação à América hispânica.<sup>43</sup> Nossa pretensão neste momento é tentar, após apresentar as proposições de Miller acerca dos intelectuais nos países vizinhos, fazer aproximações e verificar diferenças em relação aos nossos dois escritores.

Miller, ao comentar o caso mexicano, aponta que a revolução (entre 1910-20) ocasionou a consolidação de um Estado fundamentalmente anti-intelectual, mas com flexibilidade suficiente para acomodar intelectuais que se alinhassem a seus interesses. Ao contrário do que se pensa, o intelectual mexicano só consegue influir decisivamente nas políticas governamentais se renunciar ao seu papel de opositor e passar a ocupar um cargo burocrático como especialista, *expert*. Mesmo uma figura reconhecida internacionalmente como Octavio Paz teve seu discurso menosprezado pelo governo. A autora sustenta a tese de que a influência dos intelectuais na política mexicana é mais exceção do que a regra.<sup>44</sup>

No caso da Argentina, Miller considera que os intelectuais daquele país mantinham uma relação mais conflituosa com o estado e com a sociedade civil do que os demais casos estudados. Os argentinos veem com desconfiança a atuação de intelectuais na política, como os mexicanos e brasileiros, apontando que esses não

---

<sup>43</sup> MILLER. *In the shadow of the state: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America*, p. 1-7.

<sup>44</sup> MILLER. *In the shadow of the state: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America*, p. 43-45.

aprovam somente uma base institucional relativamente estável, mas também o acesso ao poder estatal. Uma diferença crucial entre o México e a Argentina é que, ao contrário do governo argentino, o mexicano investiu na criação de uma base institucional para seus intelectuais e também ofereceu atrativos para cooptá-los. Negada a oportunidade para influenciar nas políticas públicas, os pensadores argentinos descobriram que precisavam de condições institucionais para se concentrarem na sua função de intelectuais. Como isso lhes foi fortemente negado pelo governo ao longo do século XX, criaram-se condições estruturais para um estado anti-intelectual e pavimentou-se o caminho para a radicalização e militância de muitos deles nos anos 1960-1970.<sup>45</sup>

O Estado peruano praticou uma política interessante de cooptação e, ao mesmo tempo, de contenção do pensamento de seus intelectuais, essa é uma das conclusões a que chega Miller ao estudar o caso do Peru. A estratégia dos ditadores, segundo a autora, é basicamente a mesma que foi usada pelo governo de Obregón, no México: indicar o mais influente intelectual do país para um cargo de prestígio e aguardar que os demais se contentem em ocupar posições menos importantes na administração pública da cultura, e viverem na esperança de que algo de bom acontecerá. Aqueles que não conseguiam cooptar eram enviados para o exílio. Miller conclui que os intelectuais peruanos têm sido protagonistas na política daquele país e cita como exemplos Mariátegui, que lançou o Partido Socialista Peruano (PSP), em 1928, e Vargas Llosa, que quase se elegeu presidente em 1990, entre outros.<sup>46</sup>

O governo revolucionário cubano, inicialmente, mostrou-se propenso a investir nas instituições culturais. Fidel Castro estava convencido de que, naquele contexto de crescimento econômico e isolamento político, promover contatos culturais com a política poderia render dividendos. Mas logo a esperança de tolerância estatal com os intelectuais foi enfraquecida, a partir da metade dos anos

---

<sup>45</sup> MILLER. *In the shadow of the state: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America*, p. 55-65.

<sup>46</sup> MILLER. *In the shadow of the state: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America*, p. 65-70.

1960, quando o Estado começou a invadir cada vez mais a vida cultural. Em 1968, o governo fechou todas as publicações privadas e colocou as editoras sob controle estatal. Dali para frente era impossível para qualquer autor publicar em Cuba sem a aprovação do Estado. A posição oficial do governo cubano deixou claro que se esperava que os intelectuais contribuíssem para o esforço coletivo, atuando como propagandista contra o imperialismo norte-americano. O estado revolucionário cubano, ao contrário do mexicano, mostrou-se incapaz de absorver a crítica política dos intelectuais.<sup>47</sup>

Em relação ao caso do Chile, Miller considera que muitos historiadores têm, habitualmente, distinguindo aquele país de seus vizinhos em virtude da continuidade institucional de seu sistema político-partidário, com aparente capacidade para acomodar as atividades de partidos marxistas. O Chile tentou colocar o poder do intelectual dentro de especialidades bem antes do que fizeram outros países da América hispânica. Até o golpe de estado de Pinochet, o país era o menos coercitivo dos cinco estados analisados em relação a políticas para intelectuais, mas mesmo naquele período não foram implantadas políticas de cooptação importantes. Antes de 1973, intelectuais chilenos gozavam de uma melhor base institucional – em universidades, partidos políticos, nos meios de comunicação de massa e em rede de instituições não universitárias – do que seus colegas de qualquer outro país hispano-americano.<sup>48</sup>

Seguindo a linha do estudo de Miller, imaginamos ser interessante verificar a situação do intelectual no Brasil, tentando apontar possíveis semelhanças e diferenças. Não temos, obviamente, a intenção de fazer uma revisão histórica do período em que nossos dois autores envergavam cargos públicos, mas julgamos válido ressaltar alguns acontecimentos da época.

O governo de João Goulart (1961-1964), após a renúncia de Jânio Quadros, apresentava claros sinais de uma possível guinada à esquerda, isto é,

---

<sup>47</sup> MILLER. *In the shadow of the state: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America*, p. 70-76.

<sup>48</sup> MILLER. *In the shadow of the state: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America*, p. 76-80.

apontava para uma linha de governo socialista. As organizações sociais eram muito valorizadas e, com seu estilo populista, o presidente começou a acumular inimigos muito poderosos, incluindo-se aí os Estados Unidos, que temiam que o Brasil aderisse ao comunismo. A situação transformou-se em um barril de pólvora prestes a explodir, com a insubordinação dos militares já ganhando as ruas. Jango, temendo uma guerra civil, renunciou ao cargo e se exilou no Uruguai. Começava ali (1964) aquele que é considerado o mais sombrio e cruel período da nossa história.

Viveríamos, então, de 1964 a 1985, uma época marcada por supressão de direitos constitucionais, perseguição política, exílio de políticos e de artistas, tortura e assassinato de quem ousava questionar o governo militar. Analisando esse contexto, não é difícil imaginar a situação do intelectual e, de resto, de todos aqueles tidos como inimigos do regime. Muitos se exilaram ou foram mandados para o desterro. Aqueles que não conseguiram, ou não puderam sair do país, foram perseguidos de forma implacável. A qualquer mínima manifestação eram submetidos a interrogatórios, prisões arbitrárias e torturas. A censura à imprensa e às atividades artísticas completava o quadro de total isolamento a que estava submetido o intelectual brasileiro da época, levando-o a atuar na clandestinidade, em grupos revolucionários e, aqueles que estavam exilados, com discursos e textos que denunciavam a situação no país.

Encerrada a ditadura militar, iniciou-se o período de redemocratização brasileira, com intensa participação dos intelectuais na busca da consolidação da nossa democracia, na luta por eleições diretas para presidente da república e pela garantia dos direitos constitucionais. A participação do intelectual tornou-se tão efetiva que alguns deles alcançaram posições de grande destaque político, como Darcy (vice-governador do Rio de Janeiro e depois senador da República) e, principalmente, Fernando Henrique Cardoso (FHC), que se elegeu presidente do país por dois mandatos consecutivos (de 1995 a 2003). Sociólogo, formado pela Universidade de São Paulo, onde também viria a lecionar, Fernando Henrique, por seus ideais considerados subversivos pelo regime militar, teve de exilar-se no Chile e na França, depois do golpe de 1964. Voltou ao Brasil em 1968, mas a perseguição

continuou, e naquele mesmo ano teve cassados os seus direitos políticos pelo Ato Institucional Nº 5 (AI-5), sendo aposentado compulsoriamente do cargo de professor da USP.<sup>49</sup>

Apesar do que foi dito nesta parte do trabalho, acreditamos ser importante a participação do intelectual na vida pública e, para exemplificarmos tal importância, listaremos abaixo alguns dos feitos conseguidos por Cyro e Darcy por meio dos cargos que exerceram. Parece-nos claro que, alcançando o poder, o intelectual não terá condições de colocar em prática tudo aquilo que deseja, mas, renunciando à atuação política, suas ações correm o risco de serem mais inócuas ainda. Nos casos de Cyro e de Darcy, muitos foram os benefícios para a população obtidos durante suas vidas públicas. Cyro participou do planejamento de Brasília e da criação da UnB; foi fundador da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais; participou ativamente da instalação do sistema de energia elétrica, vinda da Usina de Santa Marta e da Rádio Telefônica do Estado, em Montes Claros. Enquanto Darcy criou universidades, centros culturais, Centros Integrados de Educação Básica (os CIEPs), idealizou a Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro e o Sambódromo, além de elaborar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Portanto, longe de ser inócua, a participação desses dois intelectuais na vida pública produziu um bom número de obras importantes para a população, o que nos auxilia na defesa da nossa proposição acerca da validade de tal participação.

É importante ainda que o intelectual saiba reconhecer os reais interesses do Estado ao tentar cooptá-lo, e se será possível utilizar-se da função para implementar suas ideias. Como foi dito, governantes, via de regra, julgam importante ter a presença de intelectuais em seu governo. Muitos desses governos querem apenas usar a imagem do intelectual, em cargos decorativos, sem o menor poder de decisão. Um exemplo claro dessa exploração de imagem foi vivido por Darcy Ribeiro, em Minas Gerais, no governo de Newton Cardoso:

---

<sup>49</sup> Dados sobre Fernando Henrique Cardoso retirados do site do Instituto Fernando Henrique Cardoso, [www.ifhc.org.br](http://www.ifhc.org.br).

Tive então insistentes convites do governo de Minas Gerais para assumir a Secretaria de Educação daquele estado. Bem sabia que Newton Cardoso me queria como azeitona da sua empada, mas eu precisava de uma empada para minha azeitona. Assim é que recusei a Secretaria de Educação, mas fiz criar uma Secretaria de Desenvolvimento Social, cuja tarefa básica seria a implantação de cem CIEPs, financiados pelo estado e por órgãos internacionais. [...] Estava com esse programa em andamento quando verifiquei que o governador desistira dele, sem ter a honestidade de dizer-me isso. Aproveitei um programa longo de televisão que me foi oferecido para denunciar de público que saía de Minas porque ali regia um governo de moleques irresponsáveis (*Confissões*, p. 480).

Para Edward Said, “o intelectual encontra-se sempre entre a solidão e o alinhamento”.<sup>50</sup> Mas, ao observarmos a atuação de intelectuais, principalmente de Darcy, passamos a vislumbrar o surgimento de uma terceira via de relacionamento com o poder. Participar de um governo, mesmo sabendo que suas intenções não são as melhores e, alcançando uma posição de comando, passar a tentar implementar as medidas que desejava. Não se estaria na solidão, no mundo das ideias, nem tampouco estaria alinhado com o poder constituído. Como observamos acima, pode-se não conseguir alcançar os objetivos desejados, mas não deixa de ser uma opção interessante, em nossa opinião, de um homem da cultura atuar junto aos órgãos de administração pública.

Pelo que pudemos notar, apesar de Nicola Miller apresentar bons argumentos para não incluir o Brasil em seu estudo, ela aponta que a relação entre o Estado e o intelectual brasileiro sempre foi mais amistosa do que em outros países latino-americanos e que, mesmo em momentos de exceção – Estado Novo (1937-45) e Regime Militar (1964-85) –, o Governo não excluiu o intelectual das discussões de questões nacionais. Miller afirma também que a cooptação, além de facultar tal participação, possibilitava ao intelectual tirar o seu sustento, o que arrefecia pensamentos oposicionistas mais radicais na maioria daqueles pensadores.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993, p. 35.

<sup>51</sup> MILLER. *In the shadow of the state*: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America, p. 254-256.

Os narradores dos nossos livros se manifestam algumas vezes sobre essa situação incômoda, mas fundamental para as suas vidas. Belmiro suspira diante das facilidades que o emprego lhe proporciona: “A meu pedido, Carolino, contínuo da Seção, trouxe-me blocos de papel em quantidade, e acho-me abastecido para o que der e vier. O timbre da Seção do Fomento encima estas páginas. Viva a Seção que me dá o pão e o papel” (*O amanuense Belmiro*, p. 38). Por sua vez, o narrador de *A menina do sobrado* descreve sua felicidade ao conseguir o desejado emprego público:

Mas, por entre essas escaramuças da sala com o corpo estranho – o novato –, insinuava-se, alentadora, a ideia de que se me abriam horizontes novos. Terminavam três anos de insegurança, três anos de vexames e de apuros, vividos desde quando eu desembarcara do fumarento trenzinho da Central, na segunda investida sobre Belo Horizonte. Acima de minha cabeça estendera-se, amplo e poderoso, o pátio da Secretaria das Finanças. Seus alicerces altos, de soberba cantaria, suas grossas paredes, suas pesadas portas e janelas protegiam agora o meu débil ser. O poder estatal acolhia-me no farto seio (*A menina do sobrado*, p. 374).

Também Ageu Rigueira confirma essa dependência do cargo público para desenvolver seus escritos:

Mais que essa devoção à leitura, a base sólida da minha vocação literária, confesso aqui, foi a burocracia. Ela é que subsidiou minha dedicação às letras. Sem o salário mensal, seguro, eu, nem nenhum outro escritor brasileiro, sobrevivia, dedicado às letras. A burocracia é que nos nutre, com este lazer largo, longo, indispensável para as coisas do espírito. Esse ócio remunerado é nosso negócio. Nisso já somos socialistas. O povo, pela via dos empregos públicos e da vadiagem funcionária, nutre seus homens de letras: nós todos, funcionários públicos (*Migo*, p. 152).

Os personagens dessas duas últimas passagens demonstram a importância que o emprego público tinha em suas vidas. O salário garantido e a estabilidade econômica lhes possibilitavam desenvolver suas atividades culturais. Como mostramos em outros momentos desta tese – incluindo um pensamento generalizador, mas não menos comprovável – uma vaga nos quadros governamentais era decisiva para que o intelectual brasileiro pudesse se sustentar. Óbvio que isso trazia limitações aos pensadores, comprometendo a isenção de suas ideias. Cyro e Darcy também se beneficiaram de funções públicas. O primeiro, com uma carreira mais ortodoxa, galgando posições e chegando a se aposentar no funcionalismo público. O segundo seguiu sua carreira política até o final da vida.



Ambos são exemplos claros da dependência que os intelectuais tinham de um emprego público no século passado.

Mesmo concordando com os argumentos de Miller, corroborados em parte pelos trechos citados acima, é importante ressaltar que a situação de muitos dos nossos intelectuais não difere muito da condição dos chilenos e dos mexicanos. O roteiro de tolerância e cooptação em tempos de democracia e de perseguição e silenciamento, em regimes de exceção, se repete tanto aqui como lá. Podemos citar ainda o caso da ditadura no Uruguai (de 1973 até 1985), que também seguiu um *script* parecido, como descreve Pablo Rocca:

A cultura e a educação sofreram como nunca. O regime dispensou milhares de professores, emigraram centos de intelectuais, além de milhares de uruguaios com qualquer outra profissão; outros centos foram encarcerados; muitos mais se silenciaram para não perder a vida; foram fechados dezenas de jornais e teatros, e seus bens foram confiscados; milhares de livros foram tirados de circulação e destruídos.<sup>52</sup>

No Brasil temos casos emblemáticos, como os de Darcy e de Fernando Henrique, que nos diferencia, já que intelectuais brasileiros conseguiram alcançar postos de relevância na política do país, e com resultados que tentamos discutir neste texto. Importante ressaltar que nosso regime democrático, embora pesem sobre grande parte dos políticos graves denúncias de corrupção e enriquecimento ilícito, mostra-se cada vez mais consolidado. Todavia, a livre participação de todos os brasileiros, apesar de louvável, está longe de solucionar os problemas nacionais, de implementar uma verdadeira transformação social, política e econômica no país.

Pelo que se pode notar, Cyro dos Anjos buscou uma produção artística menos engajada, apesar de ter escrito o romance *Montanha*, livro com forte conotação política. Mesmo sua participação no movimento modernista mineiro é bastante relativizada – “uma adesão, portanto, a pessoas, não a princípios” (*A menina do sobrado*, p. 396). Na vida pública, apesar de preferir a discrição, conseguiu levar importantes obras impulsionadoras do progresso para sua região, como vimos acima. Darcy, como verificamos, seguiu uma linha de maior participação política, assumindo

---

<sup>52</sup> ROCCA. Tempo de silêncio (Notas sobre as letras durante a ditadura uruguaia, 1973-1984), p. 247.

posições políticas fortes e chegando a ocupar importantes cargos eletivos. Teriam Cyro e Darcy assumido posturas muito díspares, ou, colocando de outra maneira, estariam eles postulando funções contraditórias à prática intelectual? O papel do intelectual deve restringir-se apenas à sua atuação política? Obviamente, acreditamos que a função do intelectual vai muito além dessa vertente. Então, o que pensamos nós sobre como deveria ser a atuação desse intelectual brasileiro na sociedade, na época em que trabalharam nossos dois intelectuais? Para respondermos a tal interrogação, recorreremos a alguns diagramas de bloco para nos auxiliar, e, através desses esquemas, tentaremos analisar a atuação dos dois escritores mineiros.

Antes, porém, de apresentarmos os tais diagramas, cabe uma reflexão. Neste momento do nosso texto, estamos introduzindo opiniões muito próprias acerca da participação do intelectual na sociedade. Tais opiniões podem até soar extemporâneas, pois parece que estamos colocando o intelectual com estatuto de porta-voz dos oprimidos, daquele que fala pelo povo. Já há muito tempo, reconhecemos, estudiosos alertam para o fato de que o intelectual não tem mais essa prerrogativa, o povo está habilitado a ter voz própria, a compreender a situação em que vive e a buscar soluções, como afirma Foucault:

O intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência. Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores de censura, mas penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a ideia de que eles são agente da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais onde se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência, do discurso”.<sup>53</sup>

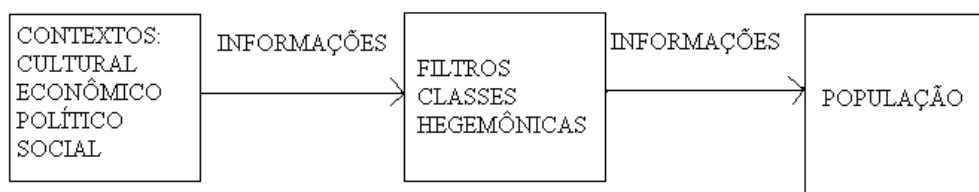
A esse entendimento, porém, duas considerações devem ser feitas: a primeira diz respeito ao período que estamos analisando. Os nossos dois autores militaram em momentos conturbados da nossa história, com golpes militares,

---

<sup>53</sup> FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 131-132.

suicídio de presidente, renúncia pouco explicada de outro, períodos de ditadura. E é sobre a atuação de intelectuais vivendo naquele contexto que construímos nossos diagramas. O segundo ponto, apesar de considerarmos que não cabe tal discussão neste nosso trabalho, relaciona-se com a validade da argumentação de Foucault acerca da capacidade das massas em compreender a realidade em que vivem e se expressarem acerca dela. Se pensarmos que recentes pesquisas sobre a educação no Brasil revelam que boa parte de alunos que concluem o ensino superior não podem ser considerados plenamente alfabetizados, e que, se essa análise for deslocada para os que concluem o ensino médio, os números são catastróficos, pode-se pensar em questionar essa “consciência” das massas, especificamente no Brasil.

No primeiro desses esquemas, procuramos retratar, em uma sequência bastante simplificada, aquilo que entendemos como a maneira que as informações são processadas e entregues à população:



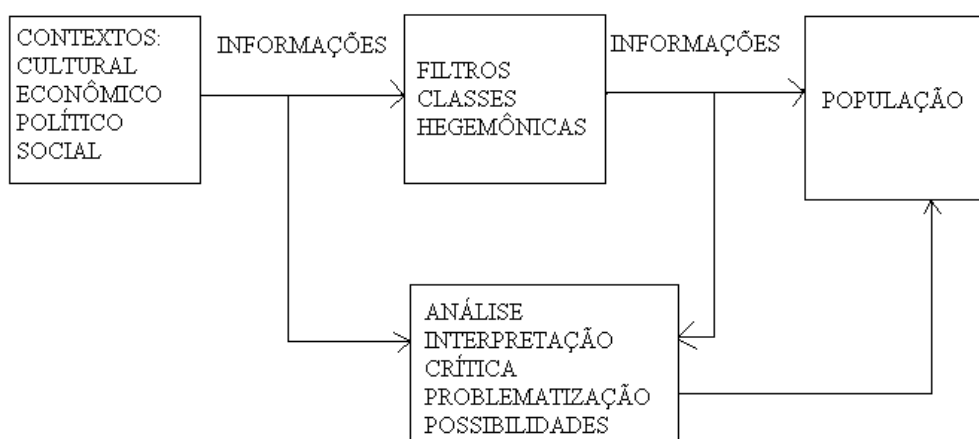
Imaginemos que as informações estejam contidas no primeiro bloco, em que elencamos alguns temas representativos. Obviamente, muitos outros poderiam ser incluídos, mas, a título de exemplificação, estes nos bastam. Todos esses dados passariam pelo crivo do segundo bloco – que chamamos de “Filtro das Classes Hegemônicas” –, por mais anacrônico que possa parecer, não encontramos uma nomenclatura mais adequada para esses grupos com grande poderio econômico, que controlam os meios de produção e a divulgação ou omissão dos fatos, segundo sua conveniência. Pode surgir algum questionamento em relação à existência de outros “filtros”, com outros interesses, como um “filtro dos trabalhadores” com viés sindical, por exemplo. Reconhecemos a existência de outros “filtros”, todavia a que nos parece mais relevante para o nosso debate é o das classes hegemônicas, até

mesmo por seu maior poder de influência no período estudado. Importante lembrar que esse conceito de classe hegemônica foi muito bem elaborado por Gramsci:

O critério metodológico sobre o qual se deve basear o próprio exame é este: a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como ‘domínio’ e como ‘direção intelectual e moral’. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a ‘liquidar’ ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar a ser também ‘dirigente’.<sup>54</sup>

Gramsci salientava ainda que a hegemonia deveria ultrapassar os limites éticos e políticos e atingir também o econômico.<sup>55</sup> Portanto, consideremos o termo classes hegemônicas dentro dessa perspectiva gramsciana. Selecionados os dados considerados úteis a seus objetivos pelo modo de filtro, eles então chegarão ao módulo representativo da população.

Onde poderíamos então posicionar um bloco que represente a atuação do intelectual, sob nossa ótica, nesse esquema? Vejamos:



Incluímos um bloco que representa algumas das funções fundamentais do intelectual nessa posição que consideramos estratégica. O intelectual buscaria subsídios em dois momentos. Um primeiro, mais próximo possível da fonte de dados (seja por pesquisa de campo, observação direta, ou qualquer outra ferramenta

<sup>54</sup> GRAMSCI. *Concepção dialética da história*, p. 62-63.

<sup>55</sup> GRAMSCI. *Concepção dialética da história*, p. 48.

que o valha), para depois compará-los com aquilo que é veiculado pelas mídias controladas pelas elites. Tendo em mãos essa massa de informações, o intelectual passaria então a desenvolver seus estudos (análise e interpretação), para se credenciar a criticar e levantar problemas e interesses implícitos nesses dados manipulados, e apontar possibilidades ou caminhos para solução dos problemas.

Acreditamos que, tanto Cyro quanto Darcy, cada um à sua maneira – lembrando sempre as ressalvas que alguns historiadores fazem a certos políticos e ideologias com os quais eles se alinham ao longo da vida –, obtiveram êxito em suas missões e, portanto, poderiam se enquadrar em nossos esquemas propostos. Ambos foram importantes analistas da situação do país, como se depreende de seus textos. Participaram de ações que ajudaram a população. Os dois se fizeram ouvir, através de crônicas, romances, debates, jornais, exercício da docência. Ou seja, dentro do que propusemos até aqui, Cyro e Darcy desempenharam a função de intelectual brasileiro de forma satisfatória: produziram importantes obras literárias, participaram de decisões políticas, conseguiram benefícios para a população, ajudaram na formação de cidadãos conscientes através de atuação como professores universitários, enfrentaram – principalmente Darcy – o discurso das classes dominantes.

Portanto, o perfil do intelectual isolado em sua “torre de marfim” parece não se aplicar aos dois escritores mineiros. Darcy, em suas *Confissões*, declara:

Contrariamente a meu perfil de intelectual e ideólogo, sou homem de ação. Tenho até renome como executivo eficiente. Gosto de mandar e dirigir e sou capaz de comandar empreendimentos grandes que envolvem muitas pessoas, fazendo-as trabalhar eficazmente (*Confissões*, p. 521).

A cooptação quase que obrigatória para o provimento das necessidades básicas; o desejo de transformação da sociedade, mas em grande descompasso com a “vida real” do povo; o convívio em nichos cada vez mais discrepantes, recheados de egos inflados, vaidades exageradas são alguns aspectos que vislumbramos nos textos estudados os quais parecem refletir a situação vivida por intelectuais mineiros àquela época e que formam um mosaico nada promissor para a participação do intelectual no desenvolvimento da sociedade.

A despeito do quadro desanimador que se desenhava acima, acreditamos que o papel do intelectual pode ir além das produções artísticas e acadêmicas – como tentamos evidenciar através dos exemplos dos dois escritores mineiros estudados –, já que, com sua consciência crítica apurada, ele tem condições de enxergar os reais interesses de cada ator político e econômico, de cada discurso oficial, podendo alertar a população sobre esses interesses. Observamos, ainda, que a relação entre Estado e intelectual não tem sofrido grandes transformações ao longo dos anos. Muitos são os pensadores que dependem de emprego no funcionalismo público, o que hoje significa um incômodo muito menor se compararmos com os períodos de repressão vividos por Cyro e Darcy. Vivemos um período de estabilidade política e econômica, e com instituições democráticas solidificadas que garantem uma grande liberdade de expressão. Verificamos que o tom pessimista e resignado que se destaca nas obras estudadas em relação à importância da participação do intelectual na vida pública, especialmente em *Migo* e em *O amanuense Belmiro*, não se confirma na postura dos homens empíricos Cyro e Darcy. Eles atuaram, de forma concreta, nas decisões políticas; estabeleceram uma “rede de contatos” entre os intelectuais mineiros para obterem êxito nos pleitos junto aos centros de poder; participaram, especialmente Darcy, dos debates políticos; enfim, encarnaram aquele que, em nosso ponto de vista – por mais ingênuo e romântico que possa parecer – deveria ser o papel do intelectual do século XX. Merece destaque o fato de que essa participação ativa não resolveu as mazelas sociais, a estrutura política viciada, os esquemas para enriquecimento ilícito.

Neste capítulo, tentamos evidenciar o perfil do intelectual do século passado, tendo como referências Cyro, Darcy e os personagens das obras estudadas. Mas como poderíamos definir esse intelectual? Ou, em outros termos, qual o percurso que esses homens da cultura tiveram que trilhar até chegar às conhecidas funções públicas? Como se relacionavam, os personagens históricos e fictícios com o outro, com as diferenças? Questões como essas somente poderão ser melhor desenvolvidas através da abordagem da identidade cultural. Este será o tema central

do nosso próximo capítulo, em que tentaremos evidenciar o processo de forjamento de um intelectual, suas relações com as tradições dos locais em que nasceram, em contraponto com a vida nas metrópoles, e como isso pode ter influenciado na formação dos intelectuais que Cyro e Darcy se tornaram.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo.

Machado de Assis



## CAPÍTULO III

### A IDENTIDADE CULTURAL

Há, em nós, abismos insondáveis, que jamais exploraremos, onde se recolhem, pelo tempo que lhes apraz, as combinações múltiplas, várias, tantas vezes contraditórias, que compõem as formas sucessivas do nosso espírito.

*O amanuense Belmiro*

A tentativa de reconstrução do passado, objetivo comum aos narradores dos livros estudados, é uma forma que os protagonistas usam para alcançar uma meta tão complexa quanto a restituição dos acontecimentos vividos: eles buscam se definir, querem encontrar subsídios que sustentem uma identidade cultural própria. Belmiro, na epígrafe deste capítulo, menciona as dificuldades desse processo, de essa procura ser feita em “abismos insondáveis”, e a definição acabada, definitiva para uma identidade é impossível, pois aquilo que ele chama de “formas sucessivas do nosso espírito” – e que, acreditamos, poderemos entender como identidade – passa por uma multiplicidade de combinações, na maioria das vezes incongruentes.

Procuraremos evidenciar, neste capítulo, como os protagonistas se relacionam com a questão da identificação cultural, com o sentimento de pertencimento, num mundo já marcado pela fragmentação do sujeito. Nessa procura, poderemos nos deparar com questionamentos como: diante de uma sociedade em profundas transformações, como se posicionam os narradores do nosso *corpus*, na busca por referenciais de identidade? Qual a postura desses narradores frente à decadência da sociedade em que viviam no interior e uma não adaptação satisfatória à vida na cidade grande?

Dessas duas questões iniciais surgem outras mais específicas: partindo da premissa de que nossos protagonistas são seres com identidade fragmentada, múltipla – como sinalizou Belmiro – como os sujeitos históricos Cyro e Darcy, dois

representantes da intelectualidade brasileira, exteriorizaram tal condição nas obras analisadas? Até que ponto o uso da memória é importante na tentativa de construção de referenciais de identificação?

Talvez um caminho que se vislumbra na busca por respostas a questionamentos como os citados acima esteja em tentar explicitar as relações dos dois autores com as tradições, cultura e sociedade da cidade em que nasceram, em contraposição aos valores culturais e sociais de Belo Horizonte na metade do século passado. Aspectos recorrentes nas memórias dos dois escritores serão analisados sob variados enfoques, como o comércio e as feiras.

Como dissemos acima, outro tema que exploraremos será o do erotismo. Se considerarmos a sexualidade como aspecto importante na formação de uma identidade, como essa sexualidade se apresenta nas obras estudadas? É possível que esse sujeito fragmentado consiga encontrar algum sentimento identitário através da escrita autobiográfica, tendo como pano de fundo uma narrativa ligada à sexualidade? Esses são os desafios que desejamos superar com este capítulo.

### **3.1 – Quem somos nós?**

Configura-se para nós uma missão bastante complexa abordar o tema da identidade cultural de forma abrangente. Complexa, por tratarmos de dois conceitos muito amplos: identidade e cultura. Cientes dessa dificuldade, tivemos que optar por um recorte crítico que nos auxilie na análise das questões que foram apresentadas acima.

A perda do *sentido de si*, estável como sujeito integrado, vem ocasionando o deslocamento e a descentralização do indivíduo. Consequentemente, na modernidade, notamos uma mudança significativa nos conceitos de identidade e subjetividade. Argumenta-se, nesse sentido, que, desde a virada do século XIX, o ser humano vem assistindo ao lento processo de fragmentação e fragilização da sua subjetividade, de que é o sujeito de si mesmo e da sua história. Como resultado dessas transformações, assistimos ao descentramento das chamadas identidades

modernas, pois o sujeito deixa de ser visto como uno e homogêneo, passando a ser plural e heterogêneo.

Eurídice Figueiredo cita Charles Taylor, em seu artigo “Identidade Nacional e Identidade Cultural”, para tratar da identidade como algo ligado à ideia de reconhecimento:

[Ela] designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela (...). O não-reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode prejudicar e constituir uma forma de opressão, aprisionando certas pessoas em um modo de ser falso, deformado ou reduzido.<sup>1</sup>

Nessa mesma linha de pensamento encontramos um texto de Paulo Lima Santos, “Identidade? Ou diferença e repetição?”, que aponta para a ideia de reconhecimento: “A identidade de um indivíduo não existe nem pode existir separada da identidade da comunidade de indivíduos a que ele pertence, e a identidade da comunidade é, justamente, a produção da repetição na diferença, e a repetição da diferença na emergência do novo”.<sup>2</sup>

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, inicia a discussão sobre a identidade, fazendo distinção entre três tipos de sujeito: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Na primeira concepção, teríamos um sujeito centrado, unificado. O sujeito sociológico já começava a refletir as transformações que o mundo moderno trazia, tornando aquele ser dependente das relações com o outro para ter a consciência de si. Não existia mais o sentimento de autonomia e autossuficiência que se detectava no primeiro tipo citado. A aceleração das transformações que o mundo vinha sofrendo levou o homem à terceira concepção de identidade: a do sujeito pós-moderno. Tal sujeito não teria uma identidade fixa:

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes

---

<sup>1</sup> FIGUEIREDO. *Conceitos de Literatura e Cultura*, p. 189-190.

<sup>2</sup> SANTOS. *Identidade? Ou diferença e repetição?*, p. 101.

momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.<sup>3</sup>

Hall faz ainda um levantamento sobre os grandes avanços nas ciências sociais e humanas que podem ser consideradas como importantes rupturas, responsáveis pela aceleração da fragmentação do sujeito, do seu descentramento: o marxismo, a teoria do inconsciente de Freud, a linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, os estudos de Michel Foucault e o impacto dos ideais feministas.<sup>4</sup> Hall cita ainda a globalização como outro aspecto importante nesse processo de fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno, mas não tem subsídios para definir quais seus efeitos definitivos. Todavia, ressalta que, intimamente ligado à globalização, tem ressurgido algumas formas de nacionalismo a partir do final do século XX.<sup>5</sup>

Diante desse quadro, Hall conclui que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”,<sup>6</sup> pois o homem pós-moderno é colocado frente a frente com diversas possibilidades de identificações, com as quais aquele homem pode se ajustar, mesmo que por algum período.

Observamos até aqui a relação que alguns estudiosos traçam entre a identidade cultural e comunidade em que se vive. Verificamos também que vários fatores têm contribuído para a dissolução do sentido de pertencimento, de identidade cultural. Mas, o que torna tão frágil essa ideia de identidade? Paul Ricoeur trata dessa questão, apontando três causas para essa fragilidade, ao relacionar a identidade com a memória manipulada. O primeiro motivo estaria na relação da pretensa identidade com o tempo. Essa componente temporal da identidade é problemática pela dificuldade de se mensurar se alguém permaneceria o mesmo ao longo da passagem do tempo. A segunda causa estaria ligada à alteridade, à relação com o outro. A forma de vida que o outro adota, quando diferente da nossa, configura-se como uma ameaça para a nossa zona de conforto. E

---

<sup>3</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 10-13.

<sup>4</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 34-46.

<sup>5</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 91-97.

<sup>6</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.13.

a terceira razão diz respeito à herança dos atos violentos quando da fundação de uma comunidade. A guerra, como elemento fundador de uma comunidade qualquer, cria de um lado os vitoriosos com direito a todos os despojos, e de outro, os perdedores, que conviverão com as feridas e humilhações da derrota. Teríamos assim duas categorias de identidade numa mesma comunidade, e com todas as implicações que essa dicotomia possa acarretar.<sup>7</sup>

Eis o quadro que se desenhou até agora: a identidade cultural do homem na pós-modernidade vem sendo fragilizada desde a fase do sujeito sociológico, segundo Hall, ao sofrer ataques dos mais variados fatores, o que levou a uma fragmentação, ou para ser mais fiel aos estudos de Hall, a um descentramento. Estando descentrado, esse sujeito pós-moderno passa a buscar formas para se “ligar”, para “fazer parte” de algo que lhe restitua, de algum modo, um sentimento de identificação cultural. Essa será a perspectiva com que trabalharemos a questão da identidade cultural dos nossos protagonistas. Seres descentrados, que se utilizarão de diversos recursos – a memória, as relações com o outro, a escrita – com o claro objetivo de encontrar aspectos referenciais ou, pelo menos, que minimizem a melancolia que a certeza da impossibilidade dessa reconstituição desperta em cada um deles. Vale ressaltar a diferença temporal que envolve os escritos de Cyro e de Darcy em relação ao que Hall chamou de modernidades tardias, que teriam surgido nos anos 1960. A despeito dessa discrepância temporal, imaginamos poder usar os conceitos defendidos por Hall, na medida em que identificamos características do sujeito descentrado de Hall nos protagonistas dos livros estudados.

Passemos, então, a buscar, nas obras estudadas, fragmentos que nos auxiliem na construção de um pensamento sobre a forma como Cyro e Darcy viam essa questão da identidade.

O desconforto que a vida em Belo Horizonte do século passado desperta nos narradores das obras suscita uma sensação de estarem “deslocados”, não adaptados àquela sociedade. Isso, aliado à melancolia, a uma busca por referenciais

---

<sup>7</sup> RICOEUR. *A memória, a história o esquecimento*, p. 93-99.

do passado, nos leva a uma nova vertente de discussão: a questão da fragmentação do sujeito. Essa condição fragmentária é recorrentemente apresentada nos romances, como podemos observar nestes dois exemplos:

O fato é que se frustra todo o esforço que dispndemos para nos impor certa disciplina, certa unidade, certa coerência. À sorrelfa, algum diabo malicioso inutiliza todo o nosso trabalho, e amanhã seremos o que não queremos, e hoje o que ontem fôramos e não quiséramos ser mais (*O amanuense Belmiro*, p. 98).

Escrevo é para entreter você. No máximo comover, jamais me impor, exemplar, persuadir, convencer. Para tanto precisava ter certezas, convicções, que não tenho. Oco, nenhuma fé me ilumina. [...] Me leia confiante. Atrás dessas frases minhas se desdobrando a seus olhos, está uma pessoazinha igual a você. Meio perplexa, mas confiante, sorridente, confiável. Meu defeito é ser meio trapalhão, contraditório e inconstante. Tome qualquer afirmação minha como provisória. Não tenho compromisso com minhas ideias. Quando uma descola, jogo fora; apanho outra, como faço com cueca usada. Comprar minhas ideias descartáveis, seria como comprar minhas cuecas velhas. Faça isso não (*Migo*, p. 68-69).

Numa primeira leitura, verificamos que ambos os narradores declaram a inconstância dos pensamentos como marca de seus textos. Belmiro ainda se preocupa um pouco mais com a falta de coerência, apesar de reconhecer a impossibilidade de mantê-la. Ageu, por seu turno, deixa claro que a volubilidade de suas ideias não o incomoda de forma alguma. Retirada a carga de resignação de um e a de ironia de outro, os fragmentos apontam para discursos de narradores fraturados, sem certezas ou pensamentos nos quais acreditem.

A falta de clareza ou de confiabilidade das próprias ideias apresenta efeitos diferentes nas obras estudadas. O livro autobiográfico *Confissões*, de Darcy, não se encaixa neste momento do debate, pois o autor de *Maíra*, apesar do desencanto com os rumos que a política e a educação tomaram no Brasil, mostra-se seguro em relação aos ideais que defendeu ao longo da vida, assim como apresenta algumas certezas acerca de sua identidade:

Quem sou eu? Dentro da minha fronteira, que é o pelame que envolve, ou para além dele, quem sou eu? Sou aquele que veio ao mundo a serviço, com a missão de gozar a vida que me é dada e de melhorar a vida dos homens todos. Um missionário, um pensador, um pregador. Isso sou. Ou isso fui até hoje. Isso ainda sou, nesta hora terminal. O apetite para pensar e fazer continua voraz [...](*Confissões*, p. 521).

Acho que sempre tive consciência clara de mim. Clara e contente, até alegre (*Confissões*, p. 525).

Feita essa ressalva, retomemos os romances. A fragmentação identitária traz consequências distintas para o narrador de *Migo* e as vozes narrativas de Cyro dos Anjos, entretanto um sentimento é recorrente: a melancolia. Ageu, em um de seus momentos melancólicos, diz:

Choro a rosa desfolhada, a moça que não namora, a vida dos tristes, o medo dos suicidas, o passarinho órfão, o galo de briga cego, sangrando. O mundo tinha mesmo de ser assim? Tinha sim. Claro que tinha. Tem jeito, não. Nem jeito nem solução. [...] Que é que me deu, outra vez, para cair nesta vileza? Razão positiva não tenho nenhuma. É só melancolia (*Migo*, p. 149).

Por sua vez, o narrador de *A menina do sobrado*, após sua chegada a Belo Horizonte, fala das suas crises em vários trechos, como o que se segue:

Ninguém suspeitaria, sob o meu exterior afável e comunicativo, aquele ermo sem fim, aquela enorme e desolada cratera. Eu compunha os trapos, ocultava a carência congênita, que entrara, então, a manifestar-se mais agudamente. Porquê, para quê viver? Todo esforço me parecia vão. [...] De onde me viera, pois, aquela insegurança e perplexidade, aquele ânimo frouxo? Saíra de Santana, porque de lá tinham saído os companheiros; quisera estudar em Belo Horizonte, porque ali eles estudavam ou fingiam estudar. Eu nada projetava, nada tinha em mira. Abismava-me, solitário, na mais espessa, opaca solidude. Solidude, malinconia (*A menina do sobrado*, p. 312).

Aguardamos até esse momento para abordarmos a questão da melancolia – aspecto que perpassa, em graus diferentes, todas as obras estudadas – por considerarmos esta ocasião como a mais propícia.

Suzana Kampff Lages, em seu *Tradução e melancolia*, refaz, brevemente, o percurso do sentimento melancólico na humanidade. Em seus registros mais antigos, a melancolia na cultura ocidental era abordada sob dois enfoques: um médico e outro comandado por filósofos e escritores. A melancolia, na Antiguidade, era relacionada a uma anomalia no baço, que alterava a produção da bile negra. Essa visão prevaleceu por muitos anos, até que os avanços da medicina e o surgimento da psicanálise concluíssem que o estado melancólico estaria ligado à mente.<sup>8</sup>

Em “Luto e melancolia”, Freud coloca o segundo termo do título do seu livro em uma condição desfavorável em relação ao primeiro. No luto, a despeito de

---

<sup>8</sup> LAGES. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, p. 31-38.

todo o sofrimento pela perda do objeto amado, com o passar do tempo o *eu* consegue superar a dor da perda com a substituição por um outro objeto. Já na melancolia, o *eu* não tem como recompor a perda, pois não tem a clara consciência daquilo que perdeu. A melancolia assume assim um caráter patológico.<sup>9</sup>

Reinaldo Marques, ao analisar a condição melancólica dos poetas na modernidade, destaca essa proposição de Freud, porém aponta para uma vertente diferente de leitura para a melancolia, discutida por Walter Benjamin, na *Origem do drama barroco alemão*. Marques concorda com Benjamin, que vê no melancólico um apurado senso crítico, que lhe possibilita analisar, de forma acurada, os acontecimentos que o cercam.<sup>10</sup> Teríamos assim duas possibilidades de leitura para a melancolia: uma, negativa, patológica, imobilizante, e outra, inerente ao ser crítico, analítico. Concordando com a existência dessas duas abordagens, poderíamos analisar nossos protagonistas – que enfrentam reiteradas situações melancólicas – verificando em qual dessas vertentes eles se encaixariam?

A relação de Belmiro com o estado melancólico se configura como o mais preocupante. Tanto Ageu quanto o protagonista de *A menina do sobrado* – este mais que o primeiro – mostram-se desencantados com o mundo, tristes com os rumos que suas vidas tomaram, insatisfeitos com a decrepitude dos seus laços com o passado, todavia, essas crises – no caso de Ageu, esses momentos – são superadas, mesmo que o remédio para isso seja a resignação.

Freud, em “Luto e melancolia”, assim descreve a condição do melancólico:

A melancolia se caracteriza psiquicamente por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de auto-estima, que se expressa em auto-recriminações e auto-insultos, chegando até à expectativa delirante de punição.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> FREUD. Luto e melancolia, p. 168.

<sup>10</sup> MARQUES. Tempos modernos, poetas melancólicos, p. 157-172.

<sup>11</sup> FREUD. Luto e melancolia, p. 131.



A definição que Freud traz para o caso patológico de melancolia, inicialmente, nos remete a Belmiro. São muitas as vezes em que a palavra melancolia aparece no livro, como podemos observar nestes excertos:

Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente, e muitas do passado. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações (*O amanuense Belmiro*, p. 30).

[...] Quanto a mim, velho profissional da tristeza, amanheci com certo peso, muito conhecido, no coração. À melancolia do amanuense, que é de origem cósmica, juntaram-se hoje as angústias especiais do aniversário e talvez com um pouco daquilo a que Silviano chama de “inquietação fáustica” (*O amanuense Belmiro*, p. 67).

[...] Sofremos apenas uma geral melancolia, mista da aflição de ver consumados o casamento e a partida (*O amanuense Belmiro*, p. 199).

Ao contrário dos protagonistas de *Migo* e de *A menina do sobrado*, que acabam encontrando alguma forma de apaziguamento – seja em relações sexuais, novos amores ou em um casamento tranquilo e num emprego público – Belmiro assume o estado melancólico como seu estado normal, seu local de conforto. A condição de “homem subterrâneo”, como discutido no capítulo anterior, é aquela a que ele se adaptou e não se percebe nenhuma disposição para mudanças.

Belmiro, tal qual o melancólico de Freud, não se interessa verdadeiramente pelo mundo que o cerca. Seus amores são veleidades e platônicos, sua autoestima é sempre questionada por ele próprio, assim como a insatisfação com suas atitudes. Parece-nos que ele atinge até o nível da “expectativa delirante de punição”. Não que ele pense em algo mais sério, como o suicídio, já que não teria atitude para isso, mas alguns dos seus atos nos levam a pensar em situações de autoflagelo. Seu amor impossível por Carmélia, que ele teima em cultivar mesmo após o noivado da moça, e, num claro ato de auto-punição, faz com que ele se desloque até o Rio de Janeiro para assistir ao embarque da “sua amada” com o marido em viagem de lua de mel, nos parece ser um indício do que estamos falando. Mas, ao contrário do melancólico patológico de Freud, Belmiro não demonstra sinais de sofrimento com a situação. Em seu caso, o protagonista se mostra adaptado, ou pior, mostra-se confortável com a vida que leva.

Estamos, portanto, diante de situações bastante distintas. Encontramos, em Ageu, momentos melancólicos, logo superados, com subterfúgios vários: escrita, leitura, música, bebida, sexo, etc. Numa posição intermediária, temos o narrador de *A menina do sobrado*, que enfrenta grandes períodos de melancolia, desde quando chega a Belo Horizonte até conseguir o emprego público. Depois disso, o apaziguamento se completa com o desejado casamento, filhos e estabilidade financeira. Belmiro se coloca em situação extrema. Ele “ama”, mas é incapaz de buscar a concretização desse sentimento; ele “deseja” sexualmente sua amiga Jandira, mas suprime esse desejo em nome de uma amizade respeitosa; o trabalho é somente fonte de tédio e de suprimento de suas necessidades materiais; a escrita do livro só lhe traz mais frustrações, mas, apesar de tudo isso, ele se mostra, se não feliz, resignado com a condição em que vive.

Acreditamos, todavia, ser precipitado impingir uma patologia a Belmiro. Como apontamos, apesar de todo o quadro de melancolia recorrente, Belmiro se acha em seu local de conforto. A melancolia parece ser mais um reflexo, uma consequência de um extremo senso crítico, que o leva a um profundo descrédito em relação à humanidade. A melancolia, vista dessa forma, seria um “efeito colateral” da condição de um observador implacável das mazelas do mundo, que assola a todos os protagonistas envolvidos nesta tese e, de forma mais contundente, a Belmiro Borba. Pode-se chegar a uma constatação bastante plausível: o estado melancólico é inerente ao rigor crítico, enfim, é um sentimento que, invariavelmente, acompanhará, com menor ou maior intensidade, o intelectual.

### **3.2 – Janelas para novos horizontes**

Na busca por pistas que nos auxiliem na conformação de uma ideia de identidade cultural para nossos protagonistas, deparamo-nos com algumas alusões a aspectos da formação cultural daqueles entes. Tanto Cyro quanto Darcy fazem referências a situações determinantes que contribuíram para a construção da bagagem cultural de seus protagonistas.

Darcy, em *Confissões*, e Ageu, em *Migo*, usam a interessante imagem de “janelas” como abertura para novos horizontes:

Aí pelos quatorze anos, o mundo se abriu para mim, escancarado. Duas janelas prodigiosas me deram o tempo e o espaço, o passado e o presente, o mundo inteiro. Não aquele meu mundinho Mangueiral, nem Minas apenas, mas o planeta Terra. O universo inteiro. Escancaradas janelas minhas foram a leitura e o cinema. Ambos me falando minuciosamente, me deixaram ver tudo detalhadamente: reis e bandidos, santos e mártires, lagos e rios, mares e oceanos, gentes e bichos, vícios e virtudes. Sublimemente. Escabrosamente. Desde então, vivi de livro na mão; por anos vi cinema diariamente. Estou feito disto, de palavras impressas e de imagens de lanterna. Isto sou, nesta minha vida reflexa (*Migo*, p. 60).

Compus assim um fundo de mim, sobre o qual se assenta minha vida, como um ser de minha geração. Algumas janelas prodigiosas se abriram à minha frente, mostrando o mundo. A primeira delas foi a literatura. Li todos os livros que andavam de mão em mão em Montes Claros. Romances de muitos volumes ou de muitíssimas páginas: Alexandre Dumas, Michel Zevaco, Ponson du Terrail, Victor Hugo, Rocambole, tantos outros. [...] Outra janela esplendorosa foi o cinema, que me ofertou todos os prodígios que o mundo oferecia. Nele vi com meus olhos como a vida pode variar, as mil formas de ser do amor, da desgraça, do drama, do gozo e da dor (*Confissões*, p. 52-53).

Criados no interior, Darcy e o personagem Ageu viviam como as crianças de sua idade, com suas brincadeiras e traquinagens. Porém, a abertura das “janelas” da literatura e do cinema foram marcos decisivos em suas vidas. A descoberta desses mundos inéditos os levou a outra dimensão. As antigas brincadeiras perderam o sentido, dando lugar a um desejo crescente de conhecer aqueles mundos fantásticos, incutindo em ambos a necessidade de sair da terra natal em busca das maravilhas recém-descobertas.

A imagem da janela aparece também em *A menina do sobrado*. Numa análise literal, ela teria um outro sentido. Essa imagem surge no momento em que o protagonista deixa sua Santana do Rio Verde, com destino à capital:

Da janela, eu contemplava, enlevado, as estaçõezinhas que, acolitadas por um florido manacá, se postavam à beira dos trilhos, enquanto, ao longe, o casario de presepe se espalhava pelo verde-salsa do vale ou trepava pelo morro, entre licurizeiros. No oitão de cada chalé ferroviário, sob a fímbria de lambrequins, lia-se o nome do lugar que, trivial ou não, ganhava logo, em mim ressonâncias míticas. Estava ele nas imediações da metrópole, recebia seu hálito, partilhava do seu fascínio como em relação a um grão-senhor, sucede aos seus serviços, a quem as emanções do poder conferem uma fatia de prestígio. [...] Enfim, passou General Carneiro, e daí a pouco um silvo mais longo, ou melhor vários deles, emendados, nos meteram nos subúrbios da Capital envolta em neblina e vento. Eu tremia dentro do terninho cáqui, adequado ao pó e à soalheira de

Santana, não àquelas terras altas, expostas às rajadas frias do Sul. [...] Largas e vazias eram as ruas de Belo Horizonte de 1923, mas tudo me parecia trepidação, formigamento, em contraste com o paradeiro que Santana deixara na retina (*A menina do sobrado*, p. 227-228).

Apesar de não fazer referência direta a aspectos decisivos em sua vida, como aconteceu com as “janelas” dos livros de Darcy, a ideia de travessia, de mudança, de diáspora que esse trecho nos traz é bastante significativa. O protagonista está deixando para trás – mesmo que simbolicamente nesse momento – sua infância, suas referências de pertencimento e abrindo-se para um novo mundo, numa cidade grande, cheia de desafios e de oportunidades. Claro que muitas decepções e tristezas o aguardam, mas é emblemática a mudança de paisagens a que assiste pela janela. As imagens do campo vão sendo substituídas pelos pequenos vilarejos, até a chegada excitante à metrópole. Essa travessia – como vimos, não só geográfica – se estende à condição do protagonista. De uma criança criada em família tradicional do interior, apesar do iminente declínio financeiro, passará por um forçado estágio de amadurecimento para, por fim, tornar-se um adulto independente. Outro aspecto significativo da transposição fica registrado na última frase da citação. A metrópole representa o novo, o movimento, o progresso, enquanto a cidade do interior, representando o atraso, o arcaico, permanecerá plasmada na retina e na memória do jovem protagonista. Acreditamos que podemos fazer uma alusão à condição que Stuart Hall chama de “estrangeiro familiar”.<sup>12</sup> Nossos protagonistas deixam um lugar que conhecem bem e começam a ter contato com um novo contexto. Eles vão acabar se adaptando à vida na cidade grande, sem, porém, conseguirem se integrar de forma absoluta à nova condição. Assim como define Hall, os nossos protagonistas passarão a conhecer os dois lugares (cidade natal e capital) sem pertencerem integralmente a nenhum deles.<sup>13</sup>

As janelas retratadas nos fragmentos citados acima podem ser ainda mais significativas. É através de uma janela que se pode observar o que se passa “fora” do ambiente fechado em que uma pessoa se encontra. Não seria essa uma das

---

<sup>12</sup> HALL. A formação de um intelectual diaspórico, p. 415.

<sup>13</sup> HALL. A formação de um intelectual diaspórico, p. 415.

características de um intelectual? Enxergar aquilo que a maioria não consegue? Criar “janelas” que possibilitem a visão além das “paredes” construídas por forças hegemônicas?

Acreditamos na força dessa imagem das “janelas para o mundo”, delineada acima. O intelectual abre, ou cria quando elas não existem, janelas que permitem ver novos horizontes, novas possibilidades. Os personagens de *Cyro* e de *Darcy*, apesar de se referirem de formas distintas às janelas, utilizam-se dessas “aberturas” nas “paredes” do contexto cultural e social, para analisarem, de forma lúcida, as transformações em andamento, os conflitos entre os amigos, as mudanças de costumes. Eles tentam ainda usar essas “janelas” para a reconstrução do passado. Os protagonistas buscam abrir esses dispositivos para os acontecimentos vividos, presentes na memória. Todavia, parece que as “janelas da memória” apresentam uma característica inusitada. Elas seriam dotadas – diferentemente das usadas no presente, que podem ser escancaradas – de uma espécie de vidro não totalmente transparente, “embrumado”, que não propicia uma visão clara das imagens existentes do “outro lado”. Conseguem-se vislumbrar algumas silhuetas, algumas imagens, porém sem clareza de detalhes, sem certezas acerca do que se está enxergando. Essa “janela de vidro opaco” se configura como mais um empecilho para a busca de referenciais de identidade cultural no passado.

São várias, também, as referências que o narrador de *A menina do sobrado* e Belmiro fazem a influências literárias e musicais em suas narrativas. Uma figura que ocupa papel fundamental no interesse que os protagonistas desenvolveram pelas artes é a do pai. A figura paterna de ambos demonstra conhecimento artístico e acaba inoculando em seus filhos o amor às artes:

Só de raro o Pai abria mão dos enfadonhos e intermináveis minutos de leitura. Fazia questão de transmitir ao clã o que achara proveitoso nos livros mandados vir por intermédio de caixeiros-viajantes ou adquiridos pessoalmente, na viagem anual ao Rio. Lia pausado, intercalando comentários, sem se preocupar com a nossa ansiedade, que muitas vezes se fazia patente. Mais tarde, vim a apurar que a matéria variava: páginas de divulgação científica, discursos de Rui no Senado, uma biografia. De quando em quando, assunto mais crespô, reflexões filosóficas inacessíveis até mesmo ao entendimento dos mais velhos (*A menina do sobrado*, p. 10).

Mas, no comum, o que se tocava eram trechos de óperas da preferência de Loiola ou de meu Pai, em arranjos para piano, violino e flauta (*A menina do sobrado*, p. 16).

Belmiro, ao falar da decepção que causou à sua família, ao abdicar da carreira de agrônomo ou de agrimensor sonhadas pelo pai, acaba por confessar que o culpado foi o próprio pai, o responsável por seu amor às letras:

Mas, ao cabo de contas, foi no velho que começou o desvio da linhagem rural. Não citavas o teu Virgílio, pai Belarmino? Na verdade, estavas mais próximo dos clássicos (lembro-me de tua predileção, um tanto tendenciosa, para o Horácio...) do que da tua gleba. *Words... Words...* como diria Prudêncio, esclarecendo que a exclamação foi do Hamlet. Bem me recordo de que, a rigor, também não funcionavas na fazenda. Por qualquer pretexto, lá ias, na tua besta, rumo à Vila, para trocar dois dedos de prosa com o provisionado Loiola. Confessa, Borba velho, foi aí que começou a traição à gleba... (*O amanuense Belmiro*, p. 22).

Observamos que as referências citadas por Cyro e Darcy como fundamentais em suas formações e, por extensão, na dos seus personagens apresentam algumas similaridades. O contato com a literatura, ainda jovens, foi decisivo para ambos. A imagem da janela, mesmo que apareça em contextos diferentes, também os aproxima. Enquanto Darcy usa essa imagem como metáfora para as descobertas que a literatura e o cinema trouxeram para sua vida, como abertura de novos horizontes, Cyro se coloca na janela do trem para acompanhar, ansioso, as paisagens e a aproximação do destino desejado. Extrapolamos essa imagem, por acreditar tratar-se de uma situação repleta de simbolismos. Não é só a paisagem que está mudando. O menino está se transformando em homem. A vida no interior ficará definitivamente para trás. Essa travessia, a que assiste da janela, é irreversível.

Uma última questão que gostaríamos de abordar diz respeito à cultura nacional, que Stuart Hall considera “uma das principais fontes de identidade cultural”.<sup>14</sup> Apesar de Hall se preocupar com um problema mais atual – o impacto que a globalização teria sobre as identidades culturais –, consideramos importante discutir sua abordagem em nossa tese, já que Cyro e, principalmente, Darcy buscam

---

<sup>14</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 47.

analisar os rumos da cultura nacional. Hall observa que as culturas nacionais criam significados sobre a “nação”, com os quais conseguimos nos identificar, o que resultaria na construção de identidades.<sup>15</sup> A cultura nacional seria um discurso, uma forma de construir sentidos, que organiza nossas atividades, bem como influencia a ideia que temos sobre nós mesmos.<sup>16</sup>

A presença de uma cultura nacional nos moldes defendidos por Hall é identificável nos textos de Cyro e de Darcy. Em *Migo*, constatamos muitas passagens em que Ageu se refere a uma profunda identificação com Minas Gerais e que as variadas influências locais contribuem para a formação de uma cultura mineira:

Mas sou é brasileiro. Tive que argumentar mil vezes, dizendo que nós somos, em tonelagem humana, mais que todos os povos latinos da Europa, somados. Passar daí, para dizer que sou mineiro, nem tentei. Nunca. Era demais pra cabeça deles. Entretanto, precisam saber. Minas é minha patrinha, minha nação, meu gene, minha etnia. Mineiro sou, apesar de mim. Isto é o que sou: mineiro. Toda essa Minas é pátria minha. Cada pedaço é minha patrinha. Meus são os velhos lugares chamados Couto, Valcoto, Morro, Campos, Roças, Passos, Currais, Pousos, Garrotes, Ferros, Sinos, Pedras. Também são meus sítios de nosso sentimento mineiro de mundo: Maria d’Abadia, Mar d’Espanha, Val de Lírios, Grão Mogol, Tremedal, Cural Del Rei, Valha-me Deus, Araçuaí, Montes Claros, Várzea da Palma, Brejo das Almas, Coração de Jesus, Riacho dos Machados, Maria da Fé, Rebentão da Vereda. Onde quer que nasça um mineiro, e nascemos por toda a parte, é também um pouco mineira pátria minha. Patriazinha. Pra mim, todo brasileiro é mesmo, vendo bem, um disfarçado mineiro. [...] Minas velha de povo pio, pecando, jejuando, rezando, cumprindo penitência, rogando praga (*Migo*, p. 148).

Ageu, no início dessa passagem, está divagando sobre a dificuldade que os povos estrangeiros tinham em entender a existência de um país continental na América Latina, chamado Brasil, logo, explicar-lhes a sua mineiridade seria algo impensável. O narrador inclui na categoria de mineiros os nascidos nos mais variados rincões do estado, para, por fim, fazer a generalização de que todo brasileiro seria um mineiro, de certa forma. Parece-nos que, nessa generalização, Ageu está se referindo à importância que a cultura regional assume para a construção de um sentimento de brasilidade, de uma cultura nacional brasileira.

---

<sup>15</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 51.

<sup>16</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 50.

Em um outro trecho, Ageu define assim a alma mineira: “Mineiro que se preza tem que ser esquivo, recôndito, disfarçado. Até falso e hipócrita, pode ser e parecer. Aqui só não se consentem excessos, exuberâncias, estridências” (*Migo*, p. 197). Nos dois excertos citados, o narrador define uma personalidade para o mineiro, como um povo religioso, simples, cordato, tradicionalista, todavia, pecador, dissimulado, esquivo, que só não aceita a arrogância, os excessos. Parece-nos que ele está delineando o perfil psicológico e moral de um povo e que, fatalmente, influenciará a formação de uma estrutura maior, a cultura nacional.

Belmiro, apesar de se enquadrar em diversos aspectos relacionados por Ageu, é mais discreto na construção dessa imagem de uma cultura mineira, de forma objetiva, direta. Talvez o momento em que ele chegue mais perto disso apareça no seguinte excerto:

Dentro das casas mora, porém, o mesmo e venerável espírito de Sabarabuçu, Tejuco, Ouro Preto e de tantas outras vetustas cidades. Penso no homem mineiro que se levanta, lê seu *Minas Gerais*, cuida dos passarinhos e se prepara, tranquilo, para as labutas do dia. A mulher cerze apressadamente um par de meias para ele e lhe pede que não se esqueça de deixar dinheiro para algumas compras. Sai, porém, sorrateiro. Façam-se as compras amanhã, não se corre para gastar. Os meninos estão vestidos, há mantimentos na despensa. Que mais é preciso? (*O amanuense Belmiro*, p. 113).

Belmiro, assim como o narrador de *Migo*, descreve um sujeito mineiro, que vem do interior para a capital, mas que preserva suas raízes dentro de sua casa. Faz parte de um povo conservador, pacato, trabalhador, com seu cotidiano preenchido por preocupações mezinhas. O narrador não deixa de destacar um certo pendor que o mineiro tem para ser “controlado” com as finanças. O que imaginamos, apesar de não termos subsídios concretos para isso, é que, embora estejamos labutando num campo muito regional, específico, estamos tratando de visões que os narradores têm acerca de uma cultura mineira. Os protagonistas teorizam que essa alma mineira seria formada pela soma de cada particularidade regional, de cada costume localizado nas diversas regiões do estado. Estendendo essa proposta para um nível macro, coisa que Ageu chega a sugerir, podemos pensar numa cultura nacional formada pelo conjunto de culturas regionais, que, ao se confrontarem, tendem a formar uma identidade cultural nacional, não homogênea,



estanque, definitiva, mas que possui um esboço, um quadro com aproximações e tendências.

### 3.3 – Não estamos em casa

Aquela casa de nove andares comerciais  
é muito interessante.  
A casa colonial na fazenda também era...  
No elevador penso na roça,  
Na roça penso no elevador.

Drummond

Dentre os aspectos que podem ser relacionados com a desestabilização identitária do sujeito, não podemos nos abster de falar sobre a migração que nossos protagonistas realizaram ao deixarem as respectivas cidades de origem e se transferirem para a capital mineira.

Todos os narradores envolvidos, incluindo os sujeitos históricos Cyro e Darcy, como vimos demonstrando até aqui, viveram situações de deslocamentos, de viagens e, de certo modo, de exílio. Esse estado de “migrância” contribui – acreditamos, decisivamente – com o processo de rompimento com a terra em que nasceram, de “desenraizamento”.

No artigo “Errância/Migrância/Migração”, em que discute um texto de Pierre Ouellet, Rita Olivieri-Godet aborda da seguinte maneira o conceito de “migrância”:

No ensaio *L'esprit migrateur. Essai sur l'ê non-sens commun* (2005), Pierre Ouellet desenvolve o conceito de migrância buscando dar conta das mutações da subjetividade no contexto das nossas sociedades pós-coloniais, no qual, por razões diversas, políticas, econômicas culturais ou outras, o ser humano vive em deslocamento. Deslocado, desabrigado, o homem não possui mais um lugar onde possa se sentir em casa (*chez lui*). A migrância não diz respeito apenas à travessia física dos territórios. A esta dimensão exterior da migrância como deslocamento físico, sobrepõe-se a dimensão interior, ontológica e simbólica da migrância, o deslocamento do “Sentido do Ser” (*du Sens de l'Être*).<sup>17</sup>

Essa desestabilização do sujeito, essa ausência de “um lugar onde possa se sentir em casa” são recorrentes em nosso *corpus*. Darcy, em suas *Confissões*, a

---

<sup>17</sup> OLIVIERI-GODET. Errância/migrância/migração, p. 192.

despeito da rápida adaptação e da grande produtividade intelectual que teve no exílio, sente-se deslocado, deseja voltar para “casa”. Cyro, em seu “exílio” espontâneo, conhece outras culturas, outras belezas naturais, mas sonha em voltar para Minas Gerais. Apesar dessas experiências vividas no exterior por Cyro e por Darcy, gostaríamos de centrar o foco da nossa discussão no deslocamento ocorrido entre a cidade do interior e Belo Horizonte, fato que se repetiu com todos os envolvidos no nosso estudo.

A chegada à cidade grande é um fato inesquecível na vida dos nossos protagonistas. Eles, históricos e ficcionais, se sentem maravilhados com as novidades que a metrópole lhes proporciona:

Belô foi meu amor à primeira vista. Eu ficava olhando aquela quantidade imensa de bondes elétricos rodando sobre trilhos em pares para lá e para cá. Gostava demais de ver e ouvir a campainha dos relógios de contar dinheiro, *plim, plim, plim, plim*, para cada passageiro. Seus bancos duros cheios de gente bem vestida, todos de sapatos, falantes. O motoneiro lá na frente dirigindo competentemente o elétrico, o cobrador saltando pelos estribos banco a banco para cobrar, sempre alegrem (*Confissões*, p. 69).

Afora essa segura, Belo Horizonte foi meu deslumbramento. Mangueiral tinha uns cem livros que li todos: romances históricos, tratados de espiritismo, poesia, o *Minas Gerais* diário [...] Em Belo Horizonte havia livros sem conta. Comprei aos montes (*Migo*, p. 88).

Com seus quase setenta mil habitantes, seus edifícios de três, quatro andares, e palácios, e jardins, a Capital me haveria embasbacado, se eu já não a conhecesse. Embasbacado não fiquei, mas entusiasmo sentia. [...] Largas e vazias eram as ruas de Belo Horizonte de 1923, mas tudo me parecia trepidação, formigamento, em contraste com o paradeiro que Santana me deixara na retina (*A menina do sobrado*, p. 228).

A modernidade da cidade grande tanto fascina, quanto assusta os protagonistas. Os prédios, jardins, bondes, os livros, as roupas e comportamentos das pessoas da capital colocam as recordações do interior em completo descompasso com a vida na cidade grande. Esse encantamento é o passo inicial rumo ao “desenraizamento”, ao afastamento definitivo da cidade natal.

De igual modo, Belmiro – que não nos relata o impacto que a chegada à capital lhe causou, pois sua narrativa parte de um momento em que ele já se encontra instalado na Metrópole há alguns anos – se rende às belezas de Belo Horizonte:

Subindo a Rua Erê, tomei à esquerda a Rua Diábase, que, mais para o alto, recebe o nome de Esmeralda. Segui-a até ao fim e, pela estrada que continua, cheguei ao Morro dos Pintos. Do alto da colina, contemplei Belo Horizonte, que apenas despertava. As cores, já vivas, do céu e a luminosa beleza da cidade feriram-me os olhos. Esses palácios e jardins e a majestade das avenidas e praças situam Belo Horizonte fora dos quadros singelos de Minas (*O amanuense Belmiro*, p. 112-113).

Darcy, em entrevista citada nesta tese, modifica sua opinião acerca das belezas de Belo Horizonte, criticando duramente aquilo que chamou de “pensamento engenheiril”, que tornaria a estrutura da cidade impraticável:

Então, a expressão melhor do “pensamento engenheiril” é Belo Horizonte, por exemplo, a cidade de Israel Pinheiro, onde ele nasceu, onde a família dele viveu sempre. É a cidade mais burra do mundo. Eu acho que em Belo Horizonte deviam fazer um monumento muito grande ao teodolito. Fazer um teodolito tão grande, multiplicado por três mil, um teodolitão, porque é a cidade do teodolito. Os engenheiros, com um teodolito na mão, meteram a cidade no chão, sem reconhecer o terreno. Terreno de merda. Não interessava que tivesse montanha aqui, vale ali, eles foram fazendo aquelas retas diretas assim. É uma cidade impossível, porque pegaram a retícula com o teodolito e meteram em cima da morraria de Belo Horizonte. É o xadrez mais louco do mundo, aquela retícula de Belo Horizonte. É quase impossível para andar de carro lá, tal a loucura que é, porque é a cidade que não conhece o território. E não conhecendo, o território está se vingando dos habitantes todo o tempo. Em qualquer lugar do mundo, a rua seria curva, para acompanhar a linha de nível de um morro. Em Belo Horizonte não, o teodolito, trá, passa por cima. É a cidade da reta.<sup>18</sup>

Nesse período em que Darcy está criticando o trabalho dos engenheiros de Belo Horizonte, estava em curso um processo de modernização do projeto arquitetônico da cidade, o que Leonardo Castriota trabalha como modernidade *déco*:

O fato é que, desde o seu início, marcado pela *Exposição de Artes Decorativas* em Paris, 1925, o *déco* se ligara à ideia de modernidade, espalhando-se sob esse signo pela Europa e Américas. Em todas as latitudes, este estilo parece se prestar bem às novas exigências de uma sociedade que se via às voltas com a mecanização do seu cotidiano, sendo utilizado num sem número de edifícios verticalizados, indústrias, estações de hidro-aviões, e outras tipologias relacionadas com os novos tempos, chegando também à própria arquitetura residencial. Segundo Roberto Segre, a sua identificação com o mundo industrial e seu vínculo com a moderna tecnologia da construção vão dar às suas formas “um sentido de modernidade, de projeção para o futuro”.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> RIBEIRO. *Darcy Ribeiro (Depoimento, 1978)*, p. 25-26.

<sup>19</sup> CASTRIOTA. *A estratégia do esquecimento: a modernidade *déco* em Belo Horizonte*, p. 70.

As transformações pelas quais passava a capital, nos anos 1930, não se limitavam aos avanços tecnológicos, às modificações sociais e culturais. Elas chegaram também à arquitetura dos prédios e residências, aos desenhos das ruas e quarteirões. Isso incomodava a Darcy e esse incômodo – além da crítica explícita mencionada acima – parece estar representado pelos capítulos intitulados “Colosso”, de *Migo*. O colosso em questão se refere a uma construção arquitetônica monumental, mas que ninguém consegue defini-la, ou encontrar para ela uma finalidade: “O certo é que ninguém sabe pra que se levanta colosso tão colossal” (*Migo*, p. 187). Mesmo que os personagens não se entendam sobre a finalidade da obra, mesmo que o narrador a considere desnecessária, o colosso se impõe, ele está construído e fazendo parte da paisagem da cidade.

Situação análoga ocorre com as inovações arquitetônicas que vão sendo implantadas na cidade, a despeito da vontade dos moradores. O novo chega com força extraordinária, desfazendo antigas paisagens e impondo aos moradores as novas tendências, o “moderno”. Essa imposição do novo, do “moderno”, é mais uma das forças desestabilizadoras do sujeito e que impactam diretamente nos protagonistas estudados.

Apesar de todo o encantamento inicial que a metrópole exerce sobre os envolvidos, a cidade grande não é capaz de fazer com que os vínculos com a terra natal sejam rompidos. Entretanto, esses vínculos se mostram cada vez mais fragilizados. Como defendeu Ouellet em trecho citado acima, o deslocamento, a migrância é algo que transcende a mudança do espaço físico, atingindo a essência do sujeito, desestabilizando-o. Como já discutimos nesta tese, a terra natal vai perdendo o sentido de raiz, os protagonistas têm dificuldades em se reconhecerem como pertencentes àqueles espaços. Não por ingratidão ou esquecimento, mas por que a cidade em que nasceram não existe mais como a conheceram e nem eles são os mesmos. Hall nos auxilia nesta discussão:

Esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Expulsão do Paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, “não estamos em casa”.<sup>20</sup>

Nossos protagonistas não precisaram viajar para muito longe para terem suas vidas indelevelmente modificadas. Apesar da proximidade com a cidade natal e da adaptação à vida na metrópole, o sentimento de “não-pertencimento” a nenhuma delas aumenta com a passagem do tempo, como questiona Ageu:

Sopra uma aragem aqui no escritório, com fragrâncias do Mangueiral. É o cheiro acre das flores do cajueiro lá do quintal. Planta forte e bela o cajueiro. Asilado aqui nas alterosas, como eu. Ele é de lá, de minhas caatingas secas, quentes do Mangueiral. Aqui míngua, lá não, se esgalha todo, floresce, frutifica a gosto, fartamente. Eu não. Lá não vinguei bem. Nem me alegrei. Cá, estou melhor, mas minha pátria verdadeira nem sei onde é. Se é lá, se é cá (*Migo*, p. 122).

Eu viera enrabichado com Priscila e com a Rua do Bispo. Pelos mesmos caminhos voltava, sem querer nem uma nem outra. Três meses de capital me deram asas, insuflaram-me ambições, arrancaram-me de Santana, com raízes e tudo (*A menina do sobrado*, p. 245).

Ageu se compara ao cajueiro que tem em seu quintal. Aquela árvore, retirada do seu *habitat*, não apresenta o mesmo desempenho que teria se estivesse no sertão, no interior. A situação do narrador é oposta. Ele acredita que se deu melhor com a mudança. Conseguiu uma carreira pública que lhe deu estabilidade e liberdade para se dedicar às letras. Apesar dessa aparente vitória na cidade grande, Ageu não a considera como sua “pátria”, ele não consegue definir a qual delas pertence.

O narrador de *A menina do sobrado*, em seu primeiro retorno a Santana, depois de curto período na capital, sente um estranhamento, uma condição desfavorável da cidade em que nasceu ao compará-la com a fascinante metrópole. Essa sensação irá arrefecer um pouco, à medida que permanece em Santana, mas o “vírus da cidade grande” já se instalou em sua alma e logo o impelirá de volta à capital.

Nos dois últimos excertos, é utilizada uma imagem significativa. Tanto o cajueiro de Ageu, quanto o protagonista do livro de Cyro têm suas raízes arrancadas do sertão e “transplantadas” para a capital. No caso da planta a mudança não foi tão

---

<sup>20</sup> HALL. A formação de um intelectual diaspórico, p. 27.

favorável, ela não conseguiu produzir como o faria se estivesse no norte de Minas. Por outro lado, o narrador de *A menina do sobrado*, passados os meses iniciais de agonia, sente-se entusiasmado com as novas possibilidades que a metrópole lhe abria. Nas quatro obras estudadas nesta tese, essa ideia de adaptação a novas possibilidades, mesmo que intercaladas com períodos melancólicos, parece defender uma proposição bastante pragmática, racional: raízes são para plantas, o ser humano se adapta, se insere, se identifica com as mais variadas situações. Claro que esse constante processo de adaptação contribui, de forma consistente, para a propalada fragmentação, para o descentramento de uma identidade cultural.

Cyro dos Anjos – na coletânea de correspondências com Drummond, citada neste trabalho –, que passava um período em Montes Claros, fala ao amigo do seu desejo de retornar para Belo Horizonte, mas expressa também o seu receio de perder contato com sua terra natal:

Creio que o que me castiga, no fundo, é o desejo de ir morar aí, e o receio de ficar muito distanciado do meio em que vivi. Estou dentro daquela situação que sugerem uns versos seus, que peço licença para lembrar (pois tenho a impressão de que você não gosta muito de alusões à queima-roupa aos seus poemas) e que lembro truncados: “Na roça, saudades do elevador, e no elevador, a saudade da roça...”<sup>21</sup>

Esse sentimento se potencializa, atingindo em cheio a estabilidade identitária dos narradores, fazendo-os questionar suas origens, e, por consequência, suas identidades, como o faz Belmiro: “Afim, todos, exceto eu, sabem o que sou... Acham indispensável classificar o indivíduo em determinada categoria. E se eu não for coisa alguma, ou for tudo, ao mesmo tempo?” (*O amanuense Belmiro*, p. 52). Claro que o não posicionamento e a falta de definição sobre sua identidade fazem de Belmiro um exemplo extremado dentro do nosso *corpus*. Todavia, encontramos tanto em *Migo* quanto em *A menina do sobrado* passagens em que os protagonistas questionam a validade de suas ideias, o sentido de suas vidas e sua verdadeira identidade.

---

<sup>21</sup> MIRANDA; SAID. *Cyro & Drummond*, p. 63.

Rita Olivieri-Godet, no mesmo artigo mencionado anteriormente, usa o termo “migrância identitária” para abarcar um conjunto de autores que, através de seus textos, compõe um quadro de “desestabilização radical do sujeito”.<sup>22</sup> Não nos parece temerário desejar incluir, se não os autores, pelo menos os romances aqui estudados nessa categoria. Os protagonistas migram para a cidade grande com objetivos parecidos, se adaptam à nova vida, encontram estabilidade financeira, entretanto têm sua noção de identidade bastante desestruturada. Não que este último aspecto possa ser considerado apenas pelo viés negativo. As relações estabelecidas na capital ampliam os horizontes dos personagens. A convivência com pessoas tão díspares amplia nos protagonistas a tolerância com os defeitos alheios e com as próprias falhas. Essa relação com o outro e o efeito que ela traz para a formação identitária dos personagens nos habilitam a abrir o próximo tópico de discussão.

### **3.4 – Alteridade e transculturação**

Tendo em mente o conceito usado neste capítulo para identidade cultural, como algo ligado à identidade de uma comunidade, à alteridade, além daquilo que foi discutido acima, sobre migração identitária, gostaríamos de propor um debate acerca do papel dos nossos protagonistas nas relações estabelecidas na capital e o modo como eles influenciaram e foram influenciados nessas relações. Esse envolvimento com diferentes culturas nos faz lembrar de um conceito bastante interessante que nos parece caber neste momento do debate: a transculturação.

O sociólogo cubano Fernando Ortiz criou, em 1940, o conceito de transculturação para discutir a influência que as trocas econômicas e culturais tiveram no seu país, durante o período de domínio espanhol. Em sua perspectiva, as atividades envolvendo o cultivo do tabaco, dominado pelos índios, e da cana-de-açúcar, apresentado pelos espanhóis, foram além da produção agrícola. Novos métodos de produção e de organização de trabalho foram implementados, além da interação entre os envolvidos que representaram grandes mudanças culturais e sociais no país:

---

<sup>22</sup> OLIVIERI-GODET. Errância/migrância/migração, p. 193.

Entendemos que o vocábulo *transculturação* expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano *aculturação*, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma desculturação parcial e, além disso, significa a consequente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação*.<sup>23</sup>

Os estudos sobre a América Latina ganharam força na década de 1970 e um dos importantes expoentes dessa corrente de estudiosos, Ángel Rama, reaproveitou o conceito criado por Ortiz. Rama usou o termo para abordar a forma como as inovações do romance europeu eram absorvidas pelos escritores da América Latina. Ele acreditava que não ocorria uma simples assimilação, uma incorporação cega. Para ele, um grupo específico de escritores conseguia fazer uma mescla entre o novo e o tradicional, criava uma síntese nova que superava a dicotomia local/universal.<sup>24</sup> Rama defendia ainda que, nessa articulação entre o sentimento de vanguarda e o conhecimento do regional, estaria a chave para a criação de um projeto de libertação para a produção literária da América Latina.<sup>25</sup>

O que nos interessa nesse conceito de transculturação proposto por Rama é o seu sentido de troca, de interação, de modificar e ser modificado simultaneamente, pois é esse aspecto que demonstraremos ter acontecido com os protagonistas dos livros com que estamos trabalhando, e que auxiliam na configuração de suas identidades.

Inicialmente, é interessante ressaltar a relação que Cyro, Darcy e seus personagens demonstram ter com as tradições culturais da comunidade em que nasceram. Não se trata de retomar o tema da memória, discutido no primeiro capítulo, mas, sim, de focar a formação da identidade cultural individual e sua intrínseca ligação com a identidade comunitária.

Um primeiro fator a ser destacado é o das festas regionais que são descritas com clareza de detalhes. Ageu, apesar das muitas recordações da sua

---

<sup>23</sup> ORTIZ. *Contrapunteo cubano del tabaco y azúcar*, p. 96.

<sup>24</sup> RAMA, *Literatura y cultura*, p. 36-37.

<sup>25</sup> RAMA, *Literatura y cultura*, p. 20.



Mangueiral, não se ocupa em descrever nenhuma atividade festiva. Belmiro, com sua característica melancolia, chega a mencionar uma das festas de São João em Vila Caraíbas, mas não se esforça em detalhá-la, utilizando a imagem como pano de fundo para falar da passagem do tempo e da melancolia que essa passagem desperta. O que nos chama a atenção são as descrições que encontramos nas *Confissões*, de Darcy, e em *A menina do sobrado*, de Cyro, sobre as tradicionais festas de agosto realizadas em Montes Claros e em sua representante ficcional Santana do Rio Verde. Destacamos, a seguir trechos, dessas descrições, o que vai se alongar um pouco, mas importantes para o trabalho comparativo:

Montes Claros realiza, há séculos, por três dias, no meio do mês de agosto, sua maior festa popular. São as cerimônias de coroação dos imperadores do divino Espírito Santo, encarnados por meninos cujos pais patrocinam a festa. Cada imperador tem seu séquito de príncipes, princesas, pajens etc. Saem da Igreja do Rosário cantando:

*Deus te salve cálix bento  
Onde Deus fez a morada*

No meu tempo, todo mundo participava das festas, pelo menos comiam na casa do imperador do dia. Serviam-se fartamente de comidas de sal e de doces postos em panelões e latas de querosene. [...] A festa é estruturada em torno do culto monarquista dos negros, mas se sustenta pela junção de várias outras tradições populares e pela comilança gratuitamente ofertada a todos. No curso da festividade desempenham seu papel vários grupos dançantes, cada qual com seus cantos e músicas, seus instrumentos, suas fantasias e seu coração. Os catopês são ternos tradicionais, quase vitalícios, de negros luxuriosamente fantasiados com contas, fitas, espelinhos, aljôfares, panos coloridos e um capacete farfalhante. Dançam e cantam tocando tamborins, pandeiros e caixas para remarcar a presença negra no Brasil.

*Lá vem nosso Rei  
E mais atrás  
Vem o filho da Guiné*

[...] Outro grupo era a marujada de gente mais clara que entrava na festa por um simulacro de barca. Encarnavam os navegantes portugueses numa teatralização da nau *Catarineta*. [...] Um terceiro grupo é o dos caboclins, que encarna a indiada portando penas vermelhas, arcos e flechas, além de longos cipós enrolados no peito. [...] A festividade mais rica e que mais encantava a população montes-clarense era a Cavahada. Dois grupos de cavaleiros montando bons cavalos bem ajaezados se enfrentavam nos papéis respectivos de cristãos e mouros, em guerra sangrenta. Esta se tratava de tiros de garrucha dados em bonecos de pau, e em lutas de espadachins se enfrentando sobre os cavalos. O mais bonito era o jogo das argolinhas, que se armava numa trave posta na cabeça da praça que o povo todo arroteava guardando certa distância. Ali se pendurava um anel pouco mais grosso que os usuais. A façanha consistia em virem os cavaleiros em disparada, com lanças em riste para colher aquela argolinha. [...] Estou cheio de vontade de voltar a Montes Claros para participar

de uma Festa de Agosto. Não será como as de antigamente, mas muito belas ainda serão (*Confissões*, p. 59-61).

No Largo de Baixo assistíamos também aos momentos culminantes das festas de agosto, que, iniciadas na igreja do Rosário, com a coroação do Rei, iam rematar na vetusta Matriz, a cuja frente se abria espaço mais folgado para os ajuntamentos do poviléu. [...] Transtornada, a cabeça confundia as festas, misturava as celebrações, esquecia mesmo que era noite, e deixava-me supor, momentaneamente, que, dobrando a esquina e descendo a Rua do Fórum, toparia já com a Cavallhada e assistiria ao rapto da Princesinha loura, na dura batalha entre Mouros e Cristãos. Mal havia prelibado esse espetáculo, a louca imaginação pulava a outros: a festa do Imperador do Divino, o levantamento do Mastro, a dança dos Marujos na casa do Tio Juca Versiani, que não regateava o quentão e a batida, e até mesmo bolos e biscoitos, para poder gozar a domicílio o duelo entre o Patrão da barca e o Contramestre. [...] Iam os catopês à frente, cantando e dançando; ao se distanciarem do pátio, retrocediam, em meia-volta, para reverenciar o Rei e a Rainha, e neste meneio era insuperável o velho Sabino Abelha, Mestre do Terno de São Benedito. [...] Com espetáculo mais variado, a Marujada e a cavallhada tinham outra cotação. E até mesmo os caboclinhos arrebatavam, aos catopês, o versátil e insaciável público. Bastava a *Trança de Fita* para esmagar a coreografia dos pobres jograis de Nossa Senhora e de São Benedito. [...] Entretanto, apesar do pouco apreço dos adultos pelos catopês eram estes – e não os marujos, os cavaleiros ou os caboclinhos – os que primeiro me vinham à mente, quando agosto brotava em minha lembrança. E, para toda a vida, a sua festa ficou presa, dentro de mim, à toada distante que a noite trazia do Bairro do Cecé, onde os bailarinos se entregavam a longos ensaios, porventura escusados, tão singelos eram o seu passo e o seu canto:

Lá vem o nosso Rei,  
Com sua Rainha ao pé,  
E lá, mais atrás,

Vem o filho do Guiné (*A menina do sobrado*, 117-120).

Como não poderia deixar de ser, as tradicionais festas de agosto, realizadas em Montes Claros, é tema recorrente em registros históricos de estudiosos da região. Como estamos lidando com uma perspectiva comparatista, pensamos ser interessante registrar pelo menos um desses textos. Trata-se de um livro do estudioso das tradições montes-clarenses, Hermes de Paula. Neste volume, o historiador falará, entre outros temas, das famosas festas:

Há mais de cem anos que nos dias 16, 17 e 18 de agosto se realizam em Montes Claros festas religiosas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo, respectivamente. Além das práticas puramente religiosas, tais como missas, bênçãos e levantamento de mastros, realizam-se também as marujadas, cabocladadas ou caboclinhos, catopês ou dançantes, cavallhadas e bumba meu boi. Este último ato não se realiza há muitos anos. [...] **Catopês ou dançantes.** É o mesmo zumbi ou congada de outros lugares, tendo, entretanto, características regionais. Os componentes são, na sua maioria, pretos dóceis e alegres. Agrupam-se “em ternos”, cada terno tem mais ou menos vinte pessoas, entre adultos e crianças, somente homens.

[...] A vestimenta uniforme é simples: calça, paletó e camisa; de cor branca ou clara. O calçado não é obrigatório. Na cabeça atam um lenço e sobre este assentam um capacete de um cilindro oco de papelão nas dimensões da cabeça, aberto dois lados e enfeitados com espelhos, aljôfar de várias cores; essas que medem mais ou menos um metro de comprimento, têm uma das pontas presas ao capacete e a outra se esvoaça ao sabor dos ventos. O chefe usa um capacete enfeitado de penas de ema, dando-lhes uma distinção especial. [...] Ao sair da igreja os **dançantes** não dão as costas para o altar. Fazendo sempre salamaleques respeitosos, dançando uma dança mais suave, vão saindo em conjunto, sempre de frente para o altar e cantando:

Deus te salve, Casa Santa  
Onde deus fez a morada  
Onde mora o Cálix Bento  
E a Hóstia Consagrada – Bis

O chefe canta todos os versos, em seguida os outros cantam os mesmos em dueto. Repetindo muitas vezes. Novamente formam o cortejo que se destina à casa da festa. A cantiga predileta quando conduzem o “reinado” é a seguinte:

Lá vem o nosso rei  
Com sua rainha ao pé  
E lá mais atrás  
Vem o “fio” do Guiné [bis]

[...] As canções são simples, pobres de música e de letra e raramente são renovadas.<sup>26</sup>

As manifestações festivas estão muito vivas na memória dos protagonistas. As cores, as danças, as comidas e, principalmente, as músicas são recordadas com muita nitidez. Darcy considera a cavalhada como a mais elaborada das festas e a que mais despertava o interesse do público. Para o narrador de *A menina do sobrado*, apesar de reconhecer que os catopês eram os menos criativos, era exatamente deles a primeira imagem que lhe vinha à memória quando o assunto era a festividade de agosto. O historiador Hermes de Paula corrobora tais pensamentos sobre os catopês. Ele trata as danças como movimentos repetitivos e as letras das músicas como “pobres”, “simples” e quase nunca modificadas. Talvez esteja aí um dos fatores que justifiquem a fixação dos movimentos coreógrafos e das letras das músicas, de forma tão clara, na memória dos protagonistas. Coreografias simples, letras repetitivas e de fácil assimilação e que quase nunca são reformuladas contribuem de forma decisiva para a cristalização dessas imagens e sons na memória dos envolvidos.

---

<sup>26</sup> PAULA. *Montes Claros sua história, sua gente, seus costumes*, p. 138-140.

As similaridades nas narrativas, as emoções despertadas e, até, coincidentemente, a citação de uma mesma canção reforçam a ideia já apresentada em outro momento desta tese, acerca da importância da memória coletiva na formação da memória individual e, por extensão, da importância da alteridade, da interação com o outro na constituição de uma identidade cultural. Mesmo que elas se apresentem modificadas pela passagem do tempo, as manifestações culturais tradicionais acumulam histórias de uma comunidade. Esse acúmulo de experiências reflete um pouco da história de cada um dos participantes daquele grupo, o que contribui para a criação do sentimento de pertencimento, de “ter raízes” fincadas naquele lugar.

Outro aspecto recorrente nas obras, e que mencionamos em outro trecho desta pesquisa, é o que trata das feiras no mercado central das cidades no interior. Esses centros de comércio, com seus fornecedores, clientes e produtos, são pontos em que se estabelecem, além das relações comerciais e econômicas, importantes momentos de interação social, de integração entre campo e cidade, e que também se mostram fundamentais para a formação identitária dos protagonistas em questão.

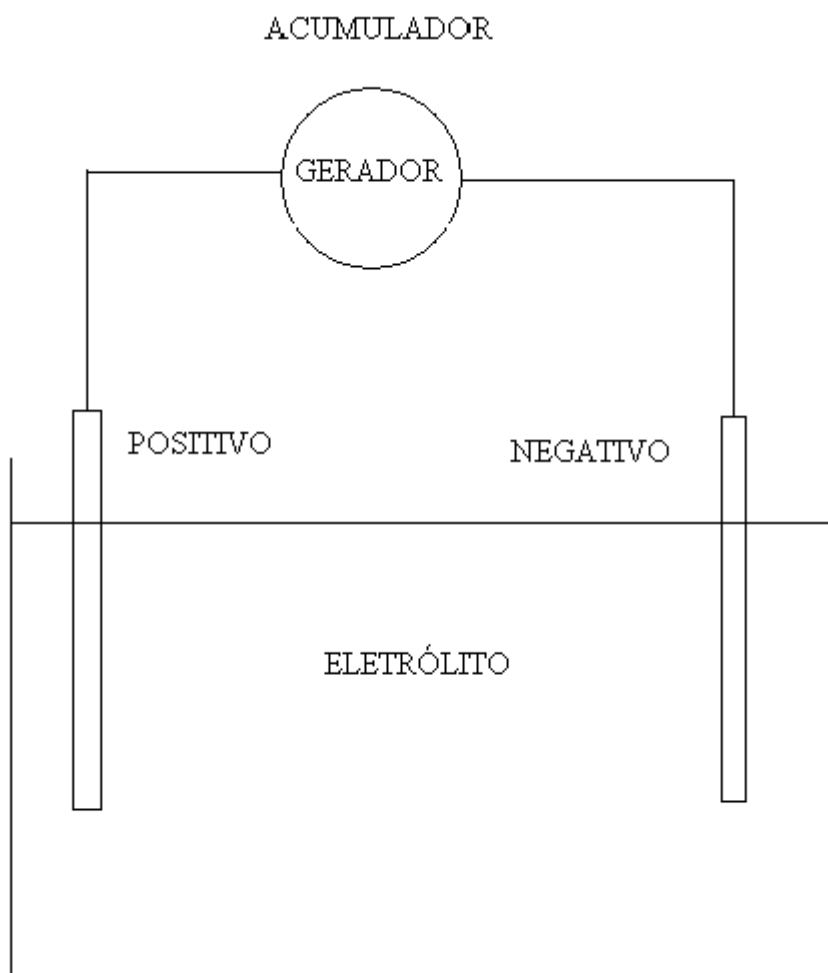
Mas, afinal, qual vínculo estamos querendo traçar entre esses aspectos importantes da fundação de uma identidade cultural dos envolvidos com o conceito de transculturação?

Em primeiro lugar, destacamos que o contato com o outro, o encontro entre campo e cidade, entre o tradicional e o novo são fontes de conflitos. Nesses embates, ambos os lados cedem para acomodar uma parcela do outro. Aqui, ao contrário do controverso curto-circuito discutido no primeiro capítulo, temos um processo, aparentemente, menos traumático, e desses contatos, cada um dos polos envolvidos (novo x tradicional, campo x cidade, eu x outro) saem modificados.

Em segundo lugar, os personagens dos romances carregam consigo toda a carga cultural para os novos ciclos de convivência que desenvolverão na capital. Chegando a esses grupos, cujos membros possuem outra bagagem, os embates serão inevitáveis, os conflitos serão frequentes, mas sempre chegaremos ao que optamos por chamar de “mecanismo acumulador transcultural”.

Escolhemos essa denominação – não só pela ideia de soma, de agrupar experiências que o termo parece carregar – estabelecendo outra analogia com o campo da eletricidade, numa referência a um equipamento elétrico, o acumulador, mais conhecido como bateria.

Um acumulador elétrico é um dispositivo que consegue transformar energia química em energia elétrica e vice-versa. Composto, basicamente, de um recipiente preenchido por um líquido chamado de eletrólito, no qual se mergulham dois eletrodos (um de carga positiva e outro de carga negativa) com conectores para serem ligados a um circuito externo. Esse acumulador, submetido a uma fonte externa, tem a capacidade de armazenar energia elétrica. A título de ilustração, desenhamos um esquema básico de um acumulador:



Pensamos nesse dispositivo para tratar do processo de interação entre as pessoas, principalmente pelo conceito de “convivência” de “polos opostos” num mesmo “ambiente”. Mais ainda, dessa relação, aparentemente dicotômica, são obtidos resultados positivos. A inferência seria a seguinte: teríamos, então, “convivendo” pessoas com personalidades, formação cultural, ideologia política, situação econômica e social distintas (polos do acumulador), num contexto histórico determinado (recipiente), travando as mais variadas formas de relacionamento (eletrólito). Acreditamos que a fonte de tensão externa – que carregará o acumulador – pode ser representada pelas transformações de toda a ordem impostas pela modernidade, no caso dos nossos protagonistas.

O processo de “carga” do nosso dispositivo é desgastante, porém, uma vez “carregado”, esse acumulador transcultural tem a capacidade de fornecer energia para outros “equipamentos”, para manter em movimento as engrenagens da modernidade. Entretanto, como dissemos, trata-se de um processo que debilita, que extenua e, por isso, finito.

Mais uma inferência pode ser delineada. As relações com o outro são desgastantes, como bem ilustram as reuniões dos grupos de amigos de Ageu e de Belmiro. Essas relações (o eletrólito do acumulador) perdem suas características iniciais, se desgastam, paulatinamente, até não mais terem condições de desempenhar o seu papel. Os polos (as pessoas) “envelhecem”, os contextos (o invólucro) caducam, a fonte externa (as transformações) assume outros valores, e o “sistema” passa a exigir novos dispositivos, novas identidades culturais, novos contextos.

Esse nosso mecanismo acumulador transcultural pode ser pensado em relação aos conceitos de hibridismo e de interculturalidade discutidos por Nestor Canclini, em *Culturas Híbridas*. Nesse livro, Canclini analisa, entre outros aspectos, algumas zonas de forte interculturalidade, como a fronteira do México com os Estados Unidos. Naquela região, a despeito da ideologia que ressalva as diferenças entre o hegemônico e o subalterno, ocorre um complexo processo de assimilação mútua, de participação solidária entre as partes envolvidas. Canclini, com isso,

embora reconhecendo a existência de atritos, de tensões, de conflitos, destaca aspectos positivos dessa atribulada relação entre diferentes.<sup>27</sup>

Parece-nos – e aqui não temos a convicção de que isso seja bom ou ruim – que o que difere a proposta por nós apresentada em relação às ideias de Canclini é que o estudioso argentino, pensando em contextos mais amplos, considera a interculturalidade um acontecimento em fluxo contínuo, e este, uma vez disparado, não mais se extinguirá, pelo menos isso não fica claro para nós. Entendemos que Canclini não se preocupa em tratar da esgarçada, do desgaste dessa relação conflituosa entre as partes envolvidas.

Em nosso mecanismo, o processo acumulador é cíclico: depois de cumprido o seu papel, ele sucumbe às tensões externas e inicia uma nova jornada, com novos participantes – inéditos ou renovados – e revigoradas relações. Os conceitos de adaptabilidade circunstancial e de finitude parecem estar mais claros no modelo que estamos defendendo.

Nesse processo, as divergências não deixam de existir, as diferenças não são desconsideradas, entretanto, cada membro dos grupos formados procura um lugar em que, mesmo não abrindo mão de seu ponto de vista, torne a convivência suportável. Em alguns momentos, esse mecanismo de acumulação transcultural é deixado de lado por alguns dos personagens, mas quase sempre os nossos protagonistas se desdobram com ações ou com a falta delas para que o grupo permaneça unido. São eles, Ageu e Belmiro, que, de certa forma, conseguem manter o grupo de amigos unido. Com posturas pacificadoras, adquiridas na convivência com as pessoas em suas cidades no interior, acabam se transformando no elemento aglutinador de pessoas tão díspares. São eles os responsáveis pelo que chamamos de acumulação transcultural, entre os personagens dos livros:

Os amigos são tão raros que precisamos conservá-los a todo custo. E quando não possamos ser amigos cem por cento, sejamos cinquenta ou vinte. Quando encontro, em alguém, cinco por cento de afinidade, contento-me com esses cinco por cento (*O amanuense Belmiro*, p. 110).

---

<sup>27</sup> CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, p. 345-350.

Encontraram-se aqui, como tantas vezes, a Stela e o Canuto, mas se estranharam demais. Ficaram horas me angustiando. Cada qual se dirigia a mim para falar de seu assunto, exigindo resposta direta, como se o outro nem existisse. Virei coruja. Olhava para um lado, ouvia, respondia. Na primeira brecha, entrava o outro, e eu tinha que me voltar, ouvir, responder, um assunto diferente, desconhecido (*Migo*, p. 108).

Apesar de todos os esforços dos nossos narradores, os grupos acabam por se desfazerem por total incompatibilidade de personalidades e por mudança de interesses dos participantes, porém isto não invalida o papel que os protagonistas desempenharam durante a existência daqueles grupos. Enquanto foi possível, os narradores mantiveram a união, dispararam o mecanismo de “acumulação transcultural” de maneira positiva e produtiva.

A propósito dessas acumulações, dessas relações de mão-dupla, em que cada um modifica e é modificado pelo outro, retomemos a questão da identidade cultural. Partindo da premissa de que as relações com o outro modificam continuamente os personagens e, por outro lado, eles estão deslocados das cidades em que nasceram, como se equaciona a questão da identidade cultural desses narradores?

Pensemos na ideia de uma “balança identitária”, em cujos pratos teríamos, de um lado, a identidade coletiva fundada nas relações com a comunidade, e no outro, a identidade migratória, aquela que se modifica com os deslocamentos, com as viagens, com o exílio. Para que lado essa “balança” penderá?

Para tentarmos responder a tal questão, teremos que estar atentos a alguns detalhes. Primeiro, estamos cientes de que muitos são os aspectos que devem ser levados em conta ao se tratar de identidade cultural, ou seja, muitos outros elementos deveriam ser acrescentados à nossa “balança”. Por outro lado, dentro da discussão que estamos propondo, as duas grandezas colocadas em nosso instrumento de aferição nos parecem representativas, talvez simplificadoras para uma questão tão controversa, no entanto, podem representar uma importante gama de fatores envolvidos na equação.

A imagem de uma balança – das mais rudimentares – traz para a discussão uma ideia de algo – assim como o conceito que estamos defendendo para identidade cultural – instável, que oscila de acordo com as cargas que lhe são



colocadas nos pratos. Retomemos o trecho citado inicialmente, em que teríamos na balança a identidade coletiva, em um dos pratos e, no outro, a identidade migratória. Identificar qual dos lados assumiria um “peso maior” na construção de uma identidade cultural é tarefa difícil. A dificuldade surge a partir do momento em que separar aquilo que foi adquirido nas comunidades de origem daquilo que foi incorporado nos contatos migratórios torna-se praticamente inatingível. O processo de acumulação transcultural promoveu uma mistura indissociável. A balança pode até pender para um dos lados, mas a análise do resultado está comprometida.

Diante do desenhado até aqui pelos nossos protagonistas, não há como fugir muito de um conceito menos rígido para identidade cultural. Apesar de cientes de suas origens, todos eles são completamente modificados por diversos fatores: a migrância da cidade natal para uma metrópole, as relações com o outro, o amadurecimento que essas mudanças trouxeram, enfim, todo um jogo de referências que alteram aquilo que, teoricamente, poderia se imaginar como fixo, imutável. Isso nos aproxima muito das teorias que tentam explicar a identidade cultural do homem moderno e pós-moderno, como podemos verificar em um dos livros de Stuart Hall:

[...] a identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.<sup>28</sup>

Conceitos como o de identidades múltiplas, o de migrância identitária, ou, até como o que propusemos, o de acumulação transcultural, tentam explicar a fragmentação do sujeito. Sujeito que viaja cada vez mais, que se relaciona com uma quantidade de pessoas das mais variadas formações. Tudo isso, aliado a um mundo

---

<sup>28</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 12-13.

em profundas transformações em todas as esferas e em velocidade alucinante, o faz se sentir meio que sem “raízes”, sem o sentimento de pertencimento a um lugar específico.

Poderíamos abordar os sujeitos históricos Cyro e Darcy em suas relações com a identidade cultural de outros países em que viveram, mas dentro do nosso *corpus* faltariam referências em relação a Cyro. Darcy e suas *Confissões* nos dariam material para a discussão, já que seu período de exílio tem destaque em seu livro, entretanto não teríamos com que comparar em relação a Cyro. Mas é interessante ressaltar que os narradores dos romances expressam, de maneira bastante coerente, a situação do homem moderno, desestabilizado em suas crenças e pensamentos, num ambiente que passava por intensas transformações, fragmentando-o, fissurando seu entendimento acerca de suas “raízes”, de sua identidade cultural.

### 3.5 – As relações com o erótico

Homem, mesmo, homem inteiro, só sou quando te enrabo.  
Rompida a barreira da dor e dos gemidos,  
Sinto você melar toda de gozo doido.

Darcy Ribeiro

Mas você não é um Borba, você é um pobre flautista.  
Seu destino é sonhar, na Rua Erê, impraticáveis donzelas.  
E morrerá donzel. Dom Donzel da Rua Erê.

Cyro dos Anjos

Dentro das discussões que estamos realizando neste capítulo e que abordam a questão da fragmentação do sujeito, da busca por uma identidade perdida, consideramos interessante apresentar a forma como os narradores dos livros do nosso estudo discorrem sobre a questão do erotismo.

Em seu livro *O erotismo*, Georges Bataille discute diversos aspectos da atividade sexual humana. Ele teoriza que o homem saiu da animalidade através do trabalho e ao reconhecer que era mortal. Esse avanço trouxe como efeito colateral o abandono das práticas sexuais livres e a passagem para um tipo envergonhado de

sexualidade, de onde teria nascido o erotismo.<sup>29</sup> Passamos então a ser caracterizados por uma conduta sexual estabelecida por regras e restrições. Mas todas essas regras passaram a despertar no homem o desejo de burlá-las, de transgredi-las. Porém, mesmo nos momentos de transgressão, o ato sexual continuou a ser uma atividade para se praticar longe dos olhares dos outros. O fato de o ato erótico ser uma questão das mais problemáticas que existe em nós nos leva a uma dificuldade muito grande de abordar esse assunto, nos leva a uma condição de incomunicabilidade, quando o assunto é o ato erótico.

Bataille, que constituirá nosso principal substrato teórico neste trecho da pesquisa, adverte-nos de que somos seres descontínuos, indivíduos que nascem e morrem isoladamente em um ciclo repleto de mistérios, e que essa descontinuidade desperta em nós uma nostalgia da continuidade perdida. Ele ressalva ainda que esse sentimento nostálgico é que comanda as três formas de erotismo: dos corações, dos corpos e o do sagrado. Aponta ainda que o que está em jogo nos três tipos de erotismo é a “substituição do isolamento do ser, a substituição da sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda”.<sup>30</sup> O erotismo surgiria então como forma de concretizar aquele desejo de continuidade dos seres. Bataille entende que o erotismo é uma característica própria da sexualidade humana, diferindo da sexualidade animal que busca exclusivamente a continuidade da espécie, enquanto nós não nos limitamos à preocupação com a reprodução e utilizamos essa sexualidade também como forma de obter prazer.

Por se tratarem de abordagens absolutamente diversas, Darcy mais explícito, Cyro muito reservado em relação ao erótico, consideramos mais produtivo falarmos, inicialmente, de forma separada das obras em questão. Iniciemos com a visão de Darcy Ribeiro.

Apesar de encontrarmos numerosas narrativas de encontros eróticos nas *Confissões*, trabalharemos com trechos de *Migo*, e com alguns fragmentos de um livro de poemas chamado *Eros e Tanatos*, que melhor exemplificam a ideia que

---

<sup>29</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 29.

<sup>30</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 15.

pretendemos defender: o erótico como forma de reconstituir a continuidade dos seres.

Em *Migo*, o narrador Ageu Rigueira, em um momento em que está muito feliz, redescobrimo o amor, vivenciando uma paixão avassaladora, tem um sonho que acreditamos ilustrar, de forma muito bem elaborada, a eterna busca dos seres pela continuidade. Vejamos o trecho do capítulo chamado “Eus”:

Afinal, um sonho de que me lembro. Pesadelo? Qual! Como é que se diz o contrário de pesadelo? Levedelo? Não tem importância. Tive um sonho de encantamento, carnal, gozoso. Para sonhar assim é que se tomam drogas, sonho. Eu sonhei meu sonho de graça. Tomara que se repita.

Não é contável, lamento, não tem enredo. Sei só que eu era eu mesmo e eu era ela, mulher, ao mesmo tempo. Bela mulher, bucetuda, que me fodia gloriosa. Isto mesmo: exatamente. Eu, homem, com meu pau majestoso, fodendo a ela, me fodida a mim, mulher, que me comia com uma vulva babada, cheirosa. Maravilha.

O mais gozoso era sentir a dureza do meu pau, alçado, entrando estraçalhante na minha buceta também intumescida. As duas intumescências minhas, plenas, se amando engolfadas. Minha adaga entrando lubrificada, afiada, na minha carne, cortante. Minha xoxota se abrindo, melada, aveludada, recebendo, engolindo, comendo, insaciável, meu pau que era dela.

Tudo era eu. Eu ao cubo. Por cima e por baixo, numa foda fodida no ar. Nós dois suspensos, ela e eu, eu mais ela, voando no espaço, livres, atracados como cão e cadela. Dois em um. Um em dois. Eu e ela, ela mais eu. Ambos eu. Eus (*Migo*, p. 405).

Através da leitura desse fragmento, sem forçar a nota, poderíamos nos remeter ao *Banquete*, de Platão. Em determinada passagem daquele livro, Aristófanes conta que houve uma época em que existiam três sexos: masculino, feminino e um que seria a composição dos dois primeiros. Como era muito poderoso, esse terceiro sexo resolveu subir aos céus e atacar os deuses. Zeus, como punição, resolve dividi-los em duas partes, o que os tornaria mais fracos e úteis. A partir de então, cada uma das metades vivia em função de encontrar a outra. Zeus percebeu que aquela busca incessante e estéril estava dizimando toda a raça. Desse modo, ele mudou o posicionamento dos órgãos genitais, de forma que possibilitasse a procriação. Dessa relação originaria o amor entre as criaturas e “esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a

antiga perfeição”.<sup>31</sup> Parece-nos que o trecho destacado de *Migo* é uma espécie de releitura que Darcy faz dessa busca pela união perfeita, da restauração da unicidade inicial, tema que se apresentará de forma recorrente em sua obra.

Em seu livro de poesia *Eros e Tanatos*, Darcy retoma esse tema da busca da continuidade de forma recorrente. Bataille afirmava que “os *outros* na sexualidade não deixam de oferecer uma possibilidade de continuidade”.<sup>32</sup> Em seus poemas, percebe-se um sujeito poético que tenta buscar na relação com esse “outro” a continuidade desejada, como nos mostra o seguinte fragmento do poema intitulado “Solzinho”:

Nelas mergulho, me engolfo.  
 Para juntos, dissolutos, unidos  
 Alcançarmos, afinal, a perfeição  
 De sermos, nós dois, um ser somente (*Eros e Tanatos*, p. 119).

Outro aspecto trabalhado em *O erotismo* e que, de certa forma, também aparece no livro de Darcy Ribeiro, é a orgia. O estudioso francês considera que “a orgia tem um aspecto sagrado, e seria nela que a continuidade dos seres atinge sua expressão mais sensível”.<sup>33</sup> O autor passa então a fazer algumas considerações sobre a orgia como forma de transgressão, e que ela seria “uma subversão perfeita” dos limites da vida ordenados pelo trabalho.<sup>34</sup>

Encontramos, na obra de Darcy, uma cena orgiaca protagonizada pela filha do narrador, Mila, e Zeca, filho de uma empregada de Ageu Rigueira, e que foi criado por ele. Mila, após participar de uma festa regada a lança-perfume e muito sexo, assim descreve o desfecho da aventura sexual:

Fomos pro hotel de madrugada, com um companheiro morenã e espadaúdo que nem Zeca. No quarto, apagaram a luz e nos deitamos os três na cama. Atacaram incontinente. Nunca me senti tão manipulada, lambida, trepada, enrabada. Não podia saber quando era Zeca e quando era o outro, o que não tinha nenhuma importância. Quando nos acalmamos, depois da primeira rodada louca, eu fiquei com um deles deitado de cada lado, com a mão nos paus moles deles, reinando. Na minha mão, eles foram crescendo, devagar, inchando, crescendo. Aí, a roda recomeçou a rodar. Estranhei foi ver que, me acariciando levemente, os dois estavam atracados um no outro. Nunca ouvi falar de fresco assim. Tenho certeza

<sup>31</sup> PLATÃO. *Apologia de Sócrates – Banquete*, p. 122.

<sup>32</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 96.

<sup>33</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 121.

<sup>34</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 105.

que cada um enrabou e foi enrabado, fui com a mão lá neles, apalpei: Esse meu irmão é puto. Jamais vi, também, nada tão excitante, confesso. Esse mundo do meu Deus tem cada surpresa... A certa altura o disco virou. Acenderam as luzes, nós três fungamos umas cobrinhas e nos assumimos, homem e mulher, tal qual somos. Zeca, deitado de costas, me pôs em cima dele, entalada. O companheiro subiu por cima de mim e meteu. Virei sanduíche. Aí, acho que desfaleci. Apaguei. Quando passou o clarão, eu mamava no Zeca e o outro me enrabava. Cumprí minha sina. Tive o que queria em dose dupla. Fui tão gloriosamente dilacerada e esportada como nunca pensei que pudesse ser, ou que qualquer mulher tivesse sido na vida inteira. Se morresse ali, teria achado que valeu a pena. Mas não morri. Quero é mais. Muito mais. Minha maior surpresa veio no fim, quando o Zeca pediu a bolsa e tirou dinheiro para pagar o rapaz. É prostituto. Profissional competente, digo eu. Mas abusado, lá da porta, saindo, ainda pediu: - E a dona aí, não tem um agrado pro pau de ouro dela? - Nós dois deitamos e outra vez dormimos, exaustos e castos (*Migo*, p. 242-243).

Ainda que falte a essa passagem uma construção ritualística, que caracterizaria aquilo que Bataille considera como orgia, detectamos outros aspectos daquilo que o autor chama de momento de intensidade e desordem.<sup>35</sup> Os participantes da orgia se entregam de maneira absoluta, desprezando qualquer conveniência moral ou social. A filha do patrão, rica e socialmente respeitável, entrega-se sem pudores a dois homens, um desconhecido e outro que pode, inclusive, ser seu irmão.

Em dado momento da noite orgiaca, destaca-se aquilo que Bataille aponta como a revelação do “lado nefasto da orgia, que reclama o delírio, a vertigem e a perda da consciência”.<sup>36</sup> O momento do gozo é assim descrito por Mila: “Aí, acho que desfaleci. Apaguei”, e mais adiante, “Fui tão gloriosamente dilacerada e esportada como nunca pensei que pudesse ser, ou que qualquer mulher tivesse sido na vida inteira. Se morresse ali, teria achado que valeu a pena” (*Migo*, p. 242).

Estamos agora diante de uma nova vertente discutida em *O erotismo*, a violência do ato sexual. Para o estudioso francês, o erotismo compreende a violência que arranca o ser da descontinuidade. Ao tratar do erotismo dos corpos, ele nos mostra que esse tipo de relação trata da violação do ser do parceiro, nessa atividade se atinge o ser mais íntimo, o ponto em que ficamos sem forças.<sup>37</sup> Ao final

---

<sup>35</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 111.

<sup>36</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 106.

<sup>37</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 16.

da orgia, Mila e Zeca dormem “exaustos e castos”, corroborando o que afirma Bataille ao apontar que, após o momento intenso da relação sexual, após a crise, “a descontinuidade de cada um dos dois seres está intacta”.<sup>38</sup>

Alguém pode levantar um questionamento sobre o final da narrativa das aventuras eróticas dos personagens de *Migo*, alegando que seus desfechos apresentam uma espécie de “apaziguamento”, o que, de certa forma, descaracterizaria aquele texto como narrativa erótica. O que nos parece é que, depois de atingido o êxtase da relação sexual, os dois seres recobram a consciência da impossibilidade da união perfeita, da intangibilidade da restauração da continuidade perdida. O que pode ser visto como “apaziguamento” soa para nós como uma resignação diante da impotência do ser em alcançar seu objetivo, que o leva a um estado de angústia.

Gostaríamos de recorrer novamente ao *Eros e Tanatos*, a um poema chamado “Amor”, como ilustração final da discussão apresentada acima. Nesse poema, o amante deseja uma relação sexual marcada pela violência, pelo dilaceramento, pela fusão, sonha em prolongar ao máximo o êxtase do ato como forma de eternizar aquela união perfeita alcançada durante a relação sexual. Podemos observar que, mesmo se conseguir esse prolongamento da sensação de estar “fundido, unido, soldado” com a mulher desejada, o sujeito acaba por confessar, no último verso, uma certa angústia diante do “mundo dos outros”:

#### AMOR

Quero um amor alucinado, depravado, tarado.  
Amor inteiro, de corpo-a-corpo, enlaçados.  
Amor sem reserva, que a tudo se entrega, lancinante.

Quero você assim, abrasada, pedindo gozo.  
Eriçada, ronronando feito gata, tesuda.  
Seus seios túmidos, me furando o peito.

Quero você, pentelho contra pentelho, roçantes.  
Carne encravada na carne. Bocas coladas.  
Babadas, meladas, sangrando sufocadas.

---

<sup>38</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 96.

Quero amar você tão bichalmente que urremos.  
 Eu, penetrando rasgando. Você me comendo furiosa.  
 Nós dois fundidos, unidos, soldados.

Você e eu, nós dois, sós, neste mundo dos outros (*Eros e Tanatos*, p. 69).

Octavio Paz, ao discorrer sobre o encontro erótico, parece contribuir para essa nossa visão quando afirma que aquele é uma “experiência circular: começa pela abolição do corpo do casal, convertido numa substância infinita que palpita, se expande, se contrai e nos encerra nas águas primordiais; um instante depois, a substância se desvanece, o corpo volta a ser corpo e reaparece a presença”.<sup>39</sup>

Ou ainda, será que não poderíamos pensar esse “apaziguamento” como aquele jogo de contradições que Bataille chama de “conciliação” entre aspectos – “do desejo como amor individual, da duração da vida com a atração pela morte, do delírio sexual com a preocupação com os filhos”<sup>40</sup> – sem o qual não existiria o erotismo?

Se nas obras de Darcy observamos a clara presença de elementos que caracterizam a presença do erótico – da transgressão, da abordagem de situações consideradas como tabu –, nos livros de Cyro o aparecimento de tal tema é muito discreto, é mais sugerido que realizado, talvez possamos falar que o erótico é fortemente reprimido pelos seus narradores.

Essa repressão do erótico, no entanto, não suprime dos textos situações que nos remetam ao tema. Pelo contrário, abre-nos a possibilidade de abordar a questão pelo viés do interdito, que seria o lado oposto da transgressão na mesma moeda. Bataille considera que o erotismo só é possível com a presença do “jogo de balança” entre o interdito e a transgressão.<sup>41</sup>

Nessa mesma linha, José Paulo Paes reflete que:

[...] o interdito sempre andou de mãos dadas com o seu oposto, a transgressão, a qual, numa incoerência apenas aparente, serve apenas para lembrá-lo e reforçá-lo: só se pode transgredir o que se reconheça proibido. Esse jogo dialético entre a consciência do interdito e o empenho de transgredi-lo confirma a mecânica do

<sup>39</sup> PAZ. *A dupla chama*, p. 183.

<sup>40</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 137.

<sup>41</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 33.



prazer erótico, cujos caminhos são tão variados, indo desde as insinuações da seminudez até o desbragamento do nome sujo.<sup>42</sup>

Nos dois livros de Cyro dos Anjos que estamos estudando, a condição sexual dos personagens não é um tema que desperte a atenção nas narrativas. Todavia, verificamos que o erótico é abordado, como passaremos a demonstrar. Em *O amanuense Belmiro*, os vestígios do erotismo são mais difíceis de se encontrar, já que o personagem se declara celibatário, seus amores são platônicos e sem intenções carnis. Entretanto, em alguns raros momentos, a força do desejo carnal tenta se manifestar, como nesse momento em que o protagonista fala de seus sentimentos pela amiga Jandira:

Da roda, fui o único que não tentou conquistá-la. Já lhe disse que, infelizmente, nisto não andou virtude, e sim timidez. Dias houve em que ela me perturbava profundamente, e por pouco não lhe teria dito as palavras do desejo, que são as mesmas, em todas as línguas e em todas as épocas. Louvado Deus, que me fez tímido, nossa amizade sobreviveu a essas crises e acabou por criar certos tabus entre nós. Quando, como hoje, ela me vem tão desejável e tão perigosa (como a saúde de Jandira convida a um higiênico idílio rural!), volto os olhos para um lado, recusando-me devaneios acerca de sua amável geografia e convocando este anjo latente e prestimoso que nos segue como a sombra (*O amanuense Belmiro*, p.41).

A beleza e a sensualidade de Jandira despertam em Belmiro desejos sexuais, mas estes logo são interditados pelo personagem. Ele busca justificar sua incapacidade de levar à frente esses desejos como a responsável pela manutenção da respeitosa amizade com a desejável amiga. Mas essa atração por Jandira se manifesta outras vezes, ao longo da obra: “Jandira está na força da carne, e as formas, fielmente modeladas pelo vestido, não eram ontem propícias a pensamentos castos” (*O amanuense Belmiro*, p.45); “Não terminarei esta página sem dizer que Jandira estava uma tentação, mais desejável do que nunca” (*O amanuense Belmiro*, p. 121); e ainda em outro fragmento:

E, passeando para lá, para cá, numa atitude de garota, a imitar a cena imaginada, desviou inteiramente o curso do meu pensamento. Movimentando-se por aquela forma, agitava umas carnes saudáveis e fazia nascer em mim uma ternura nada parecida com a que me despertara momentos antes. Mas decerto notou que eu lhe observava as formas com impertinência, porque, logo depois, se assentou de

---

<sup>42</sup> PAES. *Poesia erótica em tradução*, p. 17.

novos, e compôs cuidadosamente as vestes, não se esquecendo de puxar a barra do vestido que, sendo curto, quase lhe deixava os joelhos de fora (*O amanuense Belmiro*, p. 80).

Apesar desse desejo latente pela amiga, Belmiro sempre se resigna. O seu desejo não tem forças para romper com o seu estado de inércia. Em seus devaneios, ele chega a questionar a validade dos seus sentimentos: “Pergunto, neste instante, a mim próprio, se é amor um sentimento tão acompanhado de renúncias prévias, tão desvirilizado” (*O amanuense Belmiro*, p. 153). Octavio Paz, em *A dupla chama*, responderia que não, pois para ele: “Não existe amor sem erotismo, como não há erotismo sem sexualidade. Mas a cadeia se rompe em sentido contrário: amor sem erotismo não é amor e erotismo sem sexo é impensável e impossível”.<sup>43</sup>

Concordando com o posicionamento de Paz, teremos a confirmação da veleidade dos sentimentos de Belmiro. Ao abdicar do amor carnal, ele invalida todos os sentimentos que pensa nutrir pelas mulheres. O não desejar, a contemplação pura e desinteressada são apenas mais dois aspectos que compõem um personagem solitário, descrente da vida e da humanidade.

Em *A menina do sobrado*, o tom não se altera muito em relação à narrativa de Belmiro, quando o assunto é a sexualidade. Entretanto, o narrador não tem pretensões celibatárias. O protagonista considera que o desejo carnal não poderia ser direcionado para a donzela que ele elegeisse como musa, pois esse sentimento teria de ser direcionado para as outras mulheres:

Pergunto-me se naqueles dias efetivamente amava Priscila. Viera a desejá-la de outro modo; talvez já não lhe tivesse amor. O platonismo, subsistente em mim, via nas amadas objeto de pura adoração; a outras, não a elas, se dirigiam os ardores de minha jovem sexualidade. Com a fuga daquele sentimento, que desconhecia concupiscência, não se retirara ao amor o seu próprio cerne? Não se esvaíra o essencial e só quedara o acidental? Ou o vero amar seria aquele que acordava em mim, não passando o outro – o amar antigo – de uma deformação, uma distorção? (*A menina do sobrado*, p. 251).

Essa dúvida com relação à validade do amor carnal em detrimento do amor platônico acompanha o narrador por boa parte do livro. A possibilidade de nutrir um desejo sexual pela musa escolhida o apavora, vai contra tudo o que seu romântico

---

<sup>43</sup> PAZ. *A dupla chama*, p. 96-97.

coração acreditava. Mas isso não inviabiliza sua sexualidade. Ao contrário de Belmiro, o “Dom Donzel da Rua Erê”, o narrador de *A menina do sobrado* fala das suas relações íntimas com mulheres como no fragmento que se segue:

Não pense que seríamos emasculados. Nada disso. Amávamos, paralelamente, o amor físico. A iniciação encetada em Santana, pela Vênus Vulgívaga da Rua do Marimbondo, fora rematada pela Vênus Hotentote da república. Sucedia é que, em se tratando de namoradas, a nossa jovem sexualidade, reprimida nas profundezas, buscava outra saída, sem que houvesse efetiva dissociação entre amor e desejo. Assim acontecera com Priscila no tempo mais antigo, e de tal modo que, muito depois, ao desejá-la, passei a acreditar que por isso não a amava (*A menina do sobrado*, p. 285).

Declarações como essas, lidas com os olhos do politicamente correto tão em voga nos dias atuais, poderiam despertar a ira de grupos feministas mais exaltados, se proferidas fora do contexto literário. Poderiam ser interpretadas como “machistas”, pois pode-se entender que as mulheres seriam divididas em dois grupos, umas para se respeitar, admirar, e outras para serem desfrutadas. Mas não nos parece ser essa a intenção do narrador. Trata-se de um personagem com fortes ligações com as tradições românticas, que idealizavam a mulher amada e a colocavam em um altar inatingível.

Em contrapartida, esse mesmo personagem vive em um mundo em grandes transformações, em que o moderno desbancava o tradicional. Essas mudanças atingiam também as mulheres, que passavam a assumir novos papéis na sociedade e novas posturas diante dos homens. Tudo isso o leva ao dilema: é possível desejar sexualmente a mulher amada, sem que isso a descaracterize como musa? Ao final da narrativa, o protagonista parece aceitar as mudanças nesse sentido, já que ele se casa com a mulher que viu ainda criança e que agora se apresenta como uma bela donzela.

Temos, então, em Belmiro, um narrador casto, celibatário, que, apesar de algumas manifestações de desejo carnal, se abstém dos prazeres sexuais. E outro que, mesmo nutrindo amores platônicos, aprecia o “amor físico”. Enquanto Darcy, através dos seus narradores, expõe o erótico de forma absolutamente explícita, em uma linguagem transgressora, e que chega a chocar os mais tímidos. Pode-se argumentar que muito do que Ageu fala sobre relações sexuais seja imaginado,

inventado, todavia isto não invalida o teor erótico da narrativa, já que a imaginação e o desejo são imprescindíveis numa relação erótica, como aponta Paz.<sup>44</sup>

Ao lermos *Migo*, somos tentados a compará-lo com outras obras que Alexandrian chama de romance do inconfessável. Para aquele estudioso, surgiu no século XX um gênero inédito de romance. Nessa modalidade, os autores buscavam rivalizar com a incipiente psicanálise, que revelava os desejos recalcados no inconsciente, por mais torpes que fossem, além das perversões tidas como inerentes ao ser humano. Alguns escritores passaram então a retratar esses desejos secretos, essas perversões, em suas obras.<sup>45</sup>

Usando a ideia de “jogo de balança”, de Bataille, podemos pensar que, se em Cyro temos duas situações – balança tendendo totalmente para o interdito, com Belmiro, e próxima da situação de equilíbrio em *A menina do sobrado* –, com Darcy, a transgressão assume um peso consideravelmente maior que a “porção” de interdito.

Ainda com Bataille, e sua teoria sobre a busca da continuidade perdida, é plausível imaginar que os narradores de Darcy demonstrem que a sexualidade exacerbada é uma forma de tentar restituir tal união. A violação do corpo do parceiro e a obscenidade das cenas narradas caracterizarão a narrativa erótica dessas vozes. Os narradores de Cyro nos parecem mais conscientes da impossibilidade da restituição da unicidade perdida. Um deles, mesmo não renunciando ao sexo, acredita que o amor não tem a força redentora que imaginava; e o outro, Belmiro, é muito mais radical. Abdica completamente do prazer físico, em nome de um amor contemplativo, platônico. O medo de perder o ser amado, ou pior, o temor de ver o objeto adorado despir-se da máscara de divindade, de humanizar-se, leva-o a uma imobilidade, coloca-o na condição de fiel adorador de mulheres inatingíveis.

Encontraremos, nas obras de Darcy, diversas passagens em que ele vai abordar o erótico de uma forma que desperta em nós – como apontara Bataille<sup>46</sup> – uma espécie de alternância entre a repulsa e a atração. Lendo os textos de Cyro,

---

<sup>44</sup> PAZ. *A dupla chama*, p. 16.

<sup>45</sup> ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*, p. 329.

<sup>46</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 66.

experimentamos uma sensação de que algo está por explodir, algo está retido por uma forte oposição do interdito, latente. Seu narrador não parece apaziguado com a situação, talvez acomodado, conformado com a convicção de que aquilo que se busca através do amor carnal nunca será alcançado. Fica o vazio. Espaço que tentará preencher com lembranças do passado, e com a tentativa de capturá-las através da literatura, o que resultará em novo malogro. Cyro e Darcy, ao abordarem a transgressão e o interdito, estarão lidando com o erótico, uma força que move o homem ao longo da vida e que auxilia, ou complica ainda mais, a busca por uma identidade tão difícil de se encontrar.

Desenvolvemos, ao longo deste capítulo, uma linha de pensamento que tentou evidenciar a condição fragmentária dos protagonistas do nosso *corpus*. Apesar de todas as dificuldades de uma pesquisa ligada a temas complexos como identidade e cultura, selecionamos alguns posicionamentos teóricos que consideramos pertinentes aos nossos objetivos. Tentamos evidenciar a fragmentação dos narradores, o seu descentramento diante de um mundo em franca modificação através de recortes feitos nos livros. Dentre os fatores que acreditamos ter contribuído para essa desestabilização do sujeito, levantamos alguns – além das bruscas transformações sociais, econômicas e culturais a que assistiram – que consideramos decisivos. A mudança para a capital, partindo de cidades pequenas do interior do estado; as relações com pessoas de diferentes temperamentos e formações culturais; o amadurecimento com o passar dos anos; além das formas como os protagonistas se relacionam com a sexualidade, com o erotismo. De todo esse caldeirão cultural surgiram narradores não muito convictos em relação a seus ideais e sua função na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas não quero ir para mais longe,  
desterrado,  
porque a minha pátria é a memória,  
Não, não quero ser desterrado,  
Que a minha pátria é a memória...

Guimarães Rosa

O fragmento do poema “Revolta”, de Guimarães Rosa, que abre estas nossas considerações finais, foi escolhido por acreditarmos que ele consegue tocar em diversos temas que tentamos discutir ao longo da tese. A imagem da memória como último refúgio dos referenciais de pertencimento, de reserva derradeira das lembranças do passado que teima em se distanciar cada vez mais, é muito significativa no encerramento desta fase de estudos. Além da imagem da memória, o trecho resvala em temas fundamentais discutidos ao longo da nossa pesquisa, tais como melancolia, exílio e identidade. Assim como o sujeito lírico do poema, nossos protagonistas não desejavam se desligar das lembranças do passado, entretanto o esforço despendido era cada vez maior e os resultados, quase sempre, decepcionantes.

Esta nossa pesquisa começou por um desejo – meio que narcísico, já que falando dos dois conterrâneos estaríamos também, de certa forma, nos mostrando também – de colocar nos debates acadêmicos obras de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro. Desejo que se justificaria, principalmente, pela pouquidade dos estudos, em especial, em relação aos escritos de Darcy.

Iniciamos os trabalhos, abordando a questão da memória e o seu papel na construção de uma narrativa autobiográfica. Memória, terreno movediço, logo, não tão confiável como subsídio para a criação de um discurso com aspirações de falar do “realmente acontecido”. Esse foi um dos primeiros problemas com que nos deparamos. Como poderíamos abordar a narrativa autobiográfica recheada de

“acontecimentos reais” guardados na memória? Buscamos apoio em teóricos que nos apresentaram teorias interessantes, como o auxílio de conectores; que apontaram a inextrincável relação entre a memória e o esquecimento, um complementando o outro; que ficção e não ficção não seriam pares opicionais, antes disso, seriam parceiros do narrador.

Diante desse quadro, passamos a imaginar qual seria o formato do espaço em que ocorreriam as transações entre alguns pares, à primeira vista, inconciliáveis: memória e esquecimento, ficção e não ficção, público e privado. Entendemos, então, que essa negociação ocorreria numa zona fronteira. A noção de fronteira abarcaria as mais diversas possibilidades de inter-relações. Todavia, com vizinhos de “origens” tão díspares, não poderíamos esperar uma convivência muito pacífica. Surgia, então, a proposta de usarmos os circuitos elétricos para ilustrar nossa visão de “fronteira”. No último circuito que apresentamos, tentamos demonstrar que a narrativa da coisa lembrada seria composta de uma parcela não ficcional/coisa vivida. Quando essa fração era de algum modo interdita, entrava em cena a porção ficção/imaginação, que preencheria os desvãos, as falhas da memória. Teríamos, assim, uma categoria que preferimos chamar de autobiografia ficcional.

Quando definimos o espaço da memória como zona fronteira, acabamos por nos alinhar com o pensamento de Leonor Arfuch. Entretanto, Arfuch localizava aquele espaço numa área de contato entre o público e o privado. Já nossa proposta situa a região numa área em que se avizinham a ficção e a não ficção, a “coisa vivida” e a “coisa imaginada”.

Os protagonistas dos livros estudados – assim como os sujeitos históricos Cyro e Darcy – viveram experiências diaspóricas, de errância. Distantes da terra de origem, vivendo em grandes cidades, os narradores expressaram seus desconfortos, suas inadequações às metrópoles. Para discutir esse aspecto, empreendemos um debate acerca da importância da interação, das relações com o outro, para a construção de uma memória coletiva. Essa memória coletiva – reservatório de histórias individuais, festas tradicionais, acontecimentos marcantes na vida da

comunidade – seria fundamental para a construção de um discurso com pretensões memorialísticas.

As sensações de desconforto levam os protagonistas a manifestarem um estado melancólico que permeia as narrativas estudadas. No entanto, entendemos que o sentimento melancólico apresentado pelos narradores estaria muito atrelado aos espíritos observadores, analíticos, descrentes com os rumos que o mundo ia tomando. Essa linha condutora, a da melancolia, é bastante presente em *Migo*, em *A menina do sobrado*, e, especialmente, em *O amanuense Belmiro*. Estamos lidando com narradores ligados às letras, às discussões filosóficas, enfim, com narradores intelectualizados. Seria, portanto, bastante provável que narradores com esse perfil entrecruzassem suas memórias com tons melancólicos.

Incitados por esse elo memória/melancolia/intelectual, entramos no segundo capítulo da tese, que tratou do intelectual, seu papel na sociedade em geral, para chegarmos aos nossos protagonistas. Logo de início, fomos colocados ante duas possibilidades para a atuação do intelectual: o engajamento nas questões de sua época, ou o alheamento àquelas questões, tendo apenas preocupações artísticas. Passamos, então, a rastrear os posicionamentos – ficcionais e históricos – de Cyro e de Darcy, que nos sinalizassem qual das duas vertentes eles estariam mais propensos a seguir.

A despeito da diferença etária entre os dois escritores mineiros, percebemos um período de interseção, uma época em trabalharam num mesmo governo, o do Juscelino Kubitschek. Apesar de terem alcançado alguns objetivos, constatamos um frequente desencanto dos personagens dos romances em relação à efetividade de suas ideias, da aplicabilidade de suas teorias.

Outro aspecto comum aos protagonistas diz respeito à sedução que o Estado exerce sobre os intelectuais. O emprego público era o caminho predileto dos intelectuais à época em que viveram nossos escritores, sendo que também eles não conseguiram escapar dessa sina. Analisando os comportamentos dos dois autores mineiros em suas participações na vida pública, optamos por defender uma postura mais engajada para o intelectual. Não um engajamento tão radical quanto o defendido por Antonio Gramsci, porém distante da ideia proposta por Julien Benda,



que defendia um intelectual dissociado das questões cotidianas. Obviamente, nos deparamos com adversários de peso ao defendermos tal posicionamento, como Edward Said que propõe uma postura de distanciamento radical, acredita em um intelectual *outsider*, aquele que analisa tudo “de fora”, sem se ligar às forças dominantes, para poder criticá-las, desestabilizando-as.

Surgiu também outro posicionamento contrário à postura que defendemos para a atuação do intelectual, talvez um pouco romântica, e que tentamos ilustrar através de um esquema gráfico. Nesse esquema, o intelectual do século passado faria uma intermediação crítica entre aquilo que as classes dominantes propunham e aquilo que o povo deveria perceber. Nessa posição, o intelectual poderia analisar, criticar e apontar soluções de interesse para a população. Foucault, eis o novo oponente, adverte que o intelectual não pode querer intermediar, querer falar em nome do povo, mas, sim, lutar contra as forças do poder, e num ambiente complexo, já que ele estaria nos dois lados da batalha.

Entendemos a postura de Foucault, mesmo considerando-a não aplicável ao contexto em que viveram nossos protagonistas. Até em relação aos dias atuais, ousamos discordar de Foucault, especificamente em relação ao caso do Brasil. Discordamos por considerar que o povo brasileiro – a despeito de toda a evolução tecnológica, econômica e social – ainda é carente de uma voz, mesmo que não seja para falar por ele, mas que “traduza” o discurso oficial, apontando os reais interesses das classes hegemônicas.

O pensamento de Said citado acima parece ganhar força quando analisamos certo desconforto que Ageu Rigueira e Belmiro Borba demonstram em alguns momentos. Certamente eles se sentiam privilegiados por terem conseguido estabilidade financeira com os cargos públicos. Todavia, sentem-se “aprisionados”, “enclausurados”, passando-nos uma imagem que tratamos como a de um “intelectual domesticado”. Porém, com uma leitura mais acurada, compreendemos que a “domesticação” do intelectual não se deve prioritariamente ao emprego público. Trata-se de uma questão mais ampla.

Procuramos, então, textos de Cyro e de Darcy externos ao nosso *corpus*, que nos auxiliassem no entendimento que ambos tinham sobre a função do intelectual. Os sentimentos de desencanto e de apatia verificados nos romances se repetem em alguns textos dos autores estudados. A utilidade do trabalho intelectual, acadêmico é constantemente colocada em xeque. Entretanto, esses sentimentos são relativizados em outros escritos, em que a participação ativa do intelectual nas questões cotidianas é considerada como inerente à função do intelectual.

O progresso intenso da cidade grande, que também modificava os locais de origem desses protagonistas, a dissolução dos grupos de amigos e o envelhecimento irreversível levam-nos a se refugiar em espaços cada vez mais confinados. Eles têm a convicção de que suas ideias são inócuas, anacrônicas. O desejo de reconstruir o passado em busca de referenciais de identidade se mostra fadado ao fracasso. Com isso, o apartamento de Ageu se torna sua “jaula”, a casa da Rua Erê é a carapaça do “caramujo” Belmiro. “Animais domesticados”, sem forças para lutar contra as transformações radicais pelas quais seu mundo passava.

Essa imagem do intelectual domesticado, que vai perdendo suas referências de pertencimento, seus sentimentos de “ter raízes”, abriu-nos o caminho para o terceiro capítulo, em que discutimos outro tema espinhoso, a questão da identidade cultural. Nesse último capítulo da tese, buscamos indícios que servissem como fundadores de uma identidade cultural para os nossos protagonistas. Identidade cultural aceita, desde o início, como descentrada, fragmentada, fraturada.

Esse descentramento identitário foi visto por nós como um dos motivos que levava nossos narradores ao recorrente sentimento melancólico. Discutimos então – aceitando a tese de que esse sentimento pode ser lido sob um enfoque patológico ou sob uma perspectiva positiva, ligada a um acurado senso crítico – o impacto que a melancolia causava em nossos protagonistas. Chegamos a especular se Belmiro seria portador de um transtorno, de uma melancolia patológica. Por fim, entendemos que a melancolia para os nossos protagonistas estaria mais ligada à segunda vertente mencionada, isto é, inerente ao espírito observador, crítico, descrente com a humanidade.

O fato de os protagonistas se sentirem deslocados na cidade grande, porém “impossibilitados” de retornarem aos locais de origem, foi debatido, utilizando imagens como a do cajueiro do quintal de Ageu, e das “janelas” mencionadas em *Migo* e em *A menina do sobrado*. O sentimento de pertencimento, de possuir raízes é, na maioria das vezes, esvaziado, relativizado, perde forças ante o intenso processo modernizador que o progresso trazia. Nesse mundo em grandiosas transformações em todas as esferas, os protagonistas, históricos e ficcionais, são colocados diante de conflituosas relações com suas raízes culturais, com seu grupo social, enfim, com todo o contexto em que viviam.

Para tentar equalizar essa situação, propusemos um conceito que chamamos de “mecanismo acumulador transcultural”, aproveitando a estrutura de outro equipamento ligado à eletricidade. Esse mecanismo agruparia, num mesmo ambiente, personalidades, relações e contextos distintos, mas que, mesmo com todos os atritos e desgastes, teria potencial positivo para a construção de uma identidade cultural.

Analisamos esse nosso mecanismo em confronto com o conceito de interculturalidade, de Néstor Canclini, e a nossa proposta se mostrou, em nossa opinião, bastante funcional. Chegamos a considerar que nossa ideia pareceu mais adaptável à funcionalidade das relações entre elementos díspares.

Outra imagem que criamos, e que consideramos interessante, foi a da “balança identitária”. Como o conceito que entendemos como válido para a identidade cultural representa algo variável, oscilante, a ideia da balança parece vir a calhar. Na negociação em busca de definidores de uma identidade são colocados nos pratos dessa “balança” os mais variados aspectos: o público e privado; tradição e modernidade; vida no campo e vida na metrópole; identidade coletiva e identidade migratória. Ao nos concentrarmos nesses pares, aparentemente opacionais, concluímos que seria impossível definir qual dos elementos seria mais decisivo para a definição de uma identidade cultural. Aquele citado “mecanismo acumulador transcultural” mesclou os elementos de tal forma que ficou impossível encontrar um aspecto “puro”, com características genuínas de uma única das grandezas da balança.

Chegamos a discutir o erotismo externado nas obras, sob o olhar de Georges Bataille, na procura por referenciais identitários. Os protagonistas encaram o erótico de modos distintos. Recatados ou explícitos, as narrativas convergem para a denúncia da existência de um vazio, de uma busca pelo outro que não se concretiza e que se configura em um novo fator angustiante, que reacende o sentimento de melancolia.

Ao final desta tese, ficamos com uma sensação ambígua. Concluímos ter cumprido, pelo menos em parte, nosso objetivo de trazer para o debate acadêmico obras de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro. Por outro lado, enxergamos que muito mais pode ser feito. Sinalizamos alguns aspectos que pretendemos continuar a estudar, tais como: a recorrente presença do erótico nas obras de Darcy, como em *O mulo* e em *Maíra*; uma análise de *Montanha* sob o aspecto político, tão distinto em relação aos demais escritos de Cyro; ou até mesmo uma análise mais profunda de *O mulo* que nos parece uma obra instigante, com diversas possibilidades de leitura, e que é pouco explorada pelos estudos acadêmicos.

Homens com apurado senso crítico, Cyro e Darcy ficavam perplexos diante daquelas transformações e acabaram por expressar em suas obras os sentimentos despertados. Optaram pela escrita autobiográfica não somente para se mostrarem, mas como tentativa de resgatar suas origens, de reconstruir uma identidade cultural que se apresentava desnorteada. Todavia, já naquele período, a identidade estava descentrada, quebrada. Esses sujeitos fragmentados, vivendo num período de grande instabilidade, tinham como subsídio principal para a escrita a memória, ferramenta falível, seletiva, movediça. O que esperar de uma narrativa construída nesse contexto? Ou, mais complicado ainda, como analisar comparativamente esses escritos? Esses foram alguns dos desafios que nos propusemos enfrentar ao longo desta tese. Nas narrativas autobiográficas dos nossos autores nos deparamos com protagonistas dúbios, oscilantes, melancólicos, porém dotados de potente rigor crítico, analistas cétricos da condição humana e descrentes com os rumos que a humanidade ia tomando. Óbvio que conclusões como essas não encerram os debates sobre as obras analisadas. Esperamos que nosso estudo

desperte outros olhares para os autores Cyro e Darcy. Os resultados que apresentamos, longe de nos tranquilizar, nos inquietam, suscitam em nós o desejo de continuarmos nessa batalha para abirmos um número cada vez maior de “picadas”, de “trilhas”, para que mais pesquisadores embarquem nesse “trem” para o sertão norte-mineiro.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Acerca de la imposibilidad de decir yo. In: *La potencia del pensamiento*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2007.
- AGUIRRE ROJAS. La autobiografía como gênero historiográfico: algumas reflexões sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Bento Bisso. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Trad. Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ALMEIDA, Ananda Nehmy. *A modernidade em Cyro dos Anjos: conflitos de um amanuense*. 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ANDRADE. Carlos Drummond de. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.
- ANJOS, Cyro dos. *A criação literária*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Culturais, 1967.
- ANJOS, Cyro dos. A Europa é a casa desse intelectual. (Mimeografado)
- ANJOS, Cyro dos. *A menina do Sobrado*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1979.
- ANJOS, Cyro dos. Abdias, o novo romance de Cyro dos Anjos: Entrevista concedida a Otto Lara Resende. In: *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 16 abr. 1944.
- ANJOS, Cyro dos. Entrevista concedida a Wilson Figueiredo e Luiz Paulo Horta. In: *Cadernos de Teoria e Crítica Literária 8 – Depoimentos*. Org. Zina M. Bellodi. Araraquara: Unesp, 1978.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2001.
- ANJOS, Cyro dos. *Raízes Portuguesas da Cultura Brasileira*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1954.
- ARÊAS, Vilma. A ideia e a forma: a ficção de Modesto Carone. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 49, 119-139, nov. 1997. Ensaio.
- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007.
- ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ASSMANN, Jan. A gramática da memória coletiva. *Humboldt*, São Paulo, ano 45, n. 86. p. 2-4.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BENEVIDES, Maria Victoria. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p.37-76.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. In: *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BHABA, Homi. *O local da cultura*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRUNEL, P; PICHOS, CL., ROUSSEAU, A. M. *O que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1990.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Revista de Estudos Históricos: Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, n. 21, p. 43-58, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 16. ed. Introdução Antonio Candido. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Garnier, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

CAREY, John. *Os intelectuais e as massas*. São Paulo: Ars Poética, 1993.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. Ver. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *A estratégia do esquecimento: a modernidade déco em Belo Horizonte*. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

- CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In: NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CHAVES, Amélia. *O eclético Darcy Ribeiro*. Belo Horizonte: Cuatiara, 1999.
- COELHO, Haydée Ribeiro (Org.). *Darcy Ribeiro*. Belo Horizonte: CEL/POSLIT, 1997. (Coleção Encontro com escritores mineiros, 4).
- COELHO, Haydée Ribeiro. Ángel Rama y Darcy Ribeiro: compartiendo la amistad, los textos y el exílio. *El Matadero: Revista Crítica de Literatura Argentina*. Buenos Aires: Corrigidor, p. 194-204, abr. 2009.
- COELHO, Haydée Ribeiro. *Exumação da memória*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Memória, Confissão e Autobiografia em Darcy Ribeiro. *Vínculo: Revista de Letras da Unimontes / Universidade Estadual de Montes Claros*. Departamento de Comunicação e Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários do Centro de Ciências Humanas, v. 9, n. 1, 2008.
- COSTA LIMA, Luís. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- COSTA LIMA, Luís. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- DE MAN, Paul. Autobiography As De-Facement. In: *The rhetoric of romanticism*. New York: Columbia University Press, 1984.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Trad. Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- DOURADO, Autran. *Gaiola aberta: tempos de JK e Schmidt*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- FERREIRA, Maria Rosilva Santos. *Memórias de Cyro dos Anjos: vida e obra*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernandes Cascais e Eduardo Cordeiro. 6. ed. Lisboa: Passagens (Nova Vega), 2006.
- FREUD, S. Luto e Melancolia. In: *Novos Estudos Cebrap*. v. 32, p. 128-142, 1992.



FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GLEDSON, John. O funcionário público como narrador. In: *Influências e Impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GRAÇA, Ruth Tupinambá. Montes Claros era assim... In: *Coleção Sesquicentenária*. v. 9. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GUIMARÃES, César. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. A formação de um intelectual diaspórico. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa / FAPERJ, 2012.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: ROCHA, João César de Castro (Org). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

JAMESON, Fredric. Sobre o "Estudos da Cultura". *Novos Estudos CEBRAP*, n. 39, p. 11-48, jul 94.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: COSTA LIMA, Luís. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

JOST, François. *Introduction to Comparative Literature*. New York, The Bobbs-Merril Company, 1974.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAIA, Sérgio. *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

- LEIRIS, Michel. *A idade viril*; precedido por *Da literatura como Tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LINS, Álvaro. Notas sobre Abdias. *Jornal da crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.
- LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. *Ciberletras – Revista de crítica literária y de cultura*, n. 17, jul. 2007.
- MACHADO DE ASSIS. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- MARQUES, Reinaldo. Grafias de coisas, grafias de vidas. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- MARQUES, Reinaldo. Sujeito, identidade e autobiografia em Cyro dos Anjos. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Lugares dos discursos literários e culturais: o local, o regional, o nacional, o inter-nacional, o planetário*. Niterói: Editora da UFF, 2006, p. 93-110.
- MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- MAURÍCIO, João Valle. Janela do Sobrado: Memórias. In: *Coleção Sesquicentenária*. v. 8. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.
- MERQUIOR, José Guilherme. Gênero e estilo nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: *Colóquio/Letras*, n. 8, jul. 1972.
- MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1952. (Coleção REX).
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MILANESI, Vera Márcia Paráboli Vidigal. *Cyro dos Anjos: memória e história*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.
- MILLER, Nicola. *In the Shadow of the State: Intellectuals and the Quest for National Identity in Twentieth-Century Spanish America*. London, New York: Verso, 1999.
- MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992.

- MIRANDA, Wander Melo. Pós-modernidade e tradição cultural. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org.). *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: Eb Unisinos/IEL, 1996. p. 13-22.
- MIRANDA, Wander Melo; SAID, Roberto (Org.). *Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos & Carlos Drummond de Andrade*. Prefácio e notas Wander Melo Miranda e Roberto Said. São Paulo: Globo, 2012.
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NOBILE, Ana Paula Franco. *A estreia do amanuense: A fortuna crítica de O amanuense Belmiro*. 1937. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Campus Assis, Assis. São Paulo, 2000.
- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERNDM, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.
- PAES, J. P. *Poesia erótica em tradução*. Seleção e tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PAULA, Hermes Augusto de. Montes Claros sua história sua gente seus costumes. In: *Coleção Sesquicentenária*. v. 1-3. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica e escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- PIRANDELLO, Luigi. *O falecido Matia Pascal*. Seis personagens à procura de um autor. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates – Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2005. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor).
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- RAMA, Ángel. Literatura y cultura. In: *Transculturación narrativa em América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1982.
- RAMOS, Maria Luiza. *Maíra: leitura-escritura*. In: MENDES, Nancy Maria; CAMPOS, Maria Helena Rabelo (Org.). *Ensaio de Semiótica*. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, 1985.

- RIBEIRO, Darcy. *América Latina: pátria grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *Darcy Ribeiro (Depoimento, 1978)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- RIBEIRO, Darcy. *Ensaio insólitos*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1979.
- RIBEIRO, Darcy. *Eros e Tanatos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *Migo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. *Os Brasileiros: Livro I – Teoria do Brasil*. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. 4 ed. Rio de Janeiro: Apicuri; Brasília, DF: UnB, 2009.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomos I e III*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.
- ROCCA, Pablo. Tempo de silêncio (Notas sobre as letras durante a ditadura uruguaia, 1973-1984). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. São Paulo: Unicamp, 1992.
- ROSA, Victor Pereira da; CASTILHO, Susan (Org.). *Pós-colonialismo e identidade*. Congresso Internacional Pós-Colonialismo e Identidade. Porto: Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa, 1998.
- ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 75-97.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTIAGO, Silviano. *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SANTOS, Paulo Lima. Identidade? Ou diferença e repetição? In: ROSA, Victor Pereira da; CASTILHO, Susan (Org.). *Pós-colonialismo e identidade*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 1997.

SCHWARZ, Roberto. Sobre *O amanuense Belmiro*. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 11-20.

SCHWARZ, Roberto. Sobre *O amanuense Belmiro*. *Revista Civilização Brasileira* v. I. n. 8, 1966.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros. *Catopês. 1997/2004*. Montes Claros/Minas Gerais.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Cyro dos Anjos: A verdade está na Rua Erê. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. Sujeito e Identidade Cultural. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, caderno 1, p. 34-40, mar. 1991.

VIANNA, Nelson. *Efemérides montesclarenses*. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2007.

VIEIRA, Else R. P. Estudos literários e estudos culturais: territórios dos caminhos que convergem. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de L. (Org.). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

WOLFF, Francis. Dilemas dos intelectuais. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

YVANCOS, Jose Maria Pozuelo. *De la autobiografía: teoria y estilos*. Barcelona: Diagonal, 2006.

ZAMBRANO, Maria. *La Confesión: Género literario*. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

# ANEXO 1

## CORRESPONDÊNCIA ENTRE CYRO DOS ANJOS E DARCY RIBEIRO

W  
U  
CAPIES

CPDOC / FGV
REF: AT. 1957. 12. 18
MENÇÃO OBRIGATORIA

C ó p i a

Rio, 18 de dezembro de 1957

Prezado DARCY RIBEIRO,

Como é do seu conhecimento, simultâneamente com os elementos que se destinam à Mensagem, estamos coligindo dados para elaboração do discurso que o Sr. Presidente deverá proferir em comemoração ao segundo aniversário do Governo.

A recomendação presidencial é no sentido de que os dados para o discurso estejam disponíveis com bastante antecedência, impreterivelmente até 26 de dezembro, para que os assuntos referentes a cada setor da Administração possam ser entrosados no discurso sem prejudicar o tom que está sendo imprimido ao texto.

Rogo-lhe, assim, que, independentemente do trabalho que V. está coordenando para a Mensagem, prepare com a urgência desejada os parágrafos que deverão ser inseridos no discurso sobre a política econômica e financeira do Governo nos dois anos já decorridos, fazendo uma síntese dos progressos alcançados em 1956 e 1957 em confronto com a situação encontrada por ocasião da posse nos seguintes tópicos:

- A marcha da reforma da Educação;
- Os progressos realizados no campo do ensino técnico e profissional;
- A carência da política de educação do Governo com a do desenvolvimento econômico.

O portador da presente, Sr. Sebastião de Abreu, é pessoa de minha confiança, a quem estou incumbindo de manter ligação com as várias fontes de informação. Peço-lhe informá-lo em que data poderá voltar a procurá-lo para receber os elementos.

Disponha do am<sup>o</sup> e admor.

(As.) CYRO DOS ANJOS

CAPES

Quanto à educação, buscou-se, em 1957, articular o esforço nacional nesse campo ao grande esforço comum pelo desenvolvimento ~~nacional~~ econômico.

O Ministério da Educação ~~juntamente com o~~ Conselho Nacional do Desenvolvimento Econômico analisaram <sup>o</sup> a situação educacional e traçaram um plano gradual de ação, destinado a promover a ampliação de oportunidades de ensino aos brasileiros e, ao mesmo tempo, <sup>oferecer um contrapeso</sup> ~~oferecer um contrapeso~~ a certas tendências de desajustamento <sup>da</sup> ~~da~~ educação ~~em~~ o surto industrial do país.

Antes de tudo, a educação nacional precisa de recursos mais abundantes, não só devido às deficiências chocantes do nosso sistema escolar, como porque a nossa situação demográfica impõe-nos uma sobrecarga maior do que a das demais nações em relação às necessidades educativas. Todos sabemos que enquanto temos 26% da nossa população na faixa mínima escolar, isto é, entre os 5 e 14 anos, ~~os~~ Estados Unidos somente têm nessa faixa 16% e a Inglaterra 13%.

Tive, assim, grande satisfação em ver o Poder Legislativo acolher as propostas do Executivo no sentido de incluir, talvez pela primeira vez, no orçamento da República a quota integral de 10% da receita de impostos nos serviços escolares e educacionais.

Repara dêste modo a União a sua antiga falta e passa a oferecer aos Estados e aos Municípios o devido exemplo, para que não seja, em nenhum orçamento público do país, ferido o princípio constitucional de aplicação nas escolas do mínimo de dez por cento dos recursos da arrecadação dos impostos.

Além disto, o Governo levou ao conhecimento do Legislativo o seu ponto de vista, em relação à Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional, e encareceu perante êsse Poder a necessidade de sua aprovação.

A Lei de Bases e Diretrizes, <sup>imposição</sup> ~~imposição~~ ~~impositiva~~ ~~impositiva~~ constitucional, virá dar ao sistema educacional brasileiro um sentido

CAPES

- 2 -

de coordenação e unidade, não só pela melhor articulação e definição dos diferentes níveis de ensino, como por tornar mais claras e mutuamente complementares as atribuições nesse setor dos três ~~pe-~~<sup>governos</sup> ~~deres~~ da República, o federal, o estadual e o municipal.

Além disto, limitando-se a legislar sôbre as bases e diretrizes da educação nacional, <sup>na lei</sup> termos da Constituição, o Govern~~o~~ no Federal irá, por essa lei, estimular a autonomia e a iniciativa dos demais governos estaduais e locais e criar possibilidades de ajustamento regional ~~local~~ da obra do ensino, revitalizando dêsse modo as escolas, integrando-as no espírito da região e dando-lhes, afinal, a autenticidade que, até agora, lhes vem faltando.

Com os recursos ampliados no orçamento da república e a aprovação, que espero, da nova Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional, ouso dizer que o ano de 1958 poderá ser o ano da educação. Não ~~vamos~~<sup>temos</sup>, de repente, resolver todos os seus problemas, tão terríveis e angustiantes, mas, acredito, conseguiremos esclarecer um pouco a ~~confusão~~<sup>confusão</sup> reinante nesse setor de conflitos tão delicados entre o velho e o novo, e marchar mais decididamente para <sup>uma escola pública,</sup> ~~um sistema escolar~~, liberta de particularismos pedagógicos e movida pelo mesmo espírito ~~pedagógico~~ de eficiência que o genio brasileiro vem revelando na sua obra de desenvolvimento econômico.

/mtf.



C.A.R.E.S.



*(Cópia na pasta: Yubelindo, D. ... ATC 1957. 12. 18  
22/10/57*

Cópia *assinada e remetida ao Sr. ...*

Rio, 18 de dezembro de 1957

Prezado DARCY RIBEIRO,

Como é do seu conhecimento, simultaneamente com os elementos que se destinam à Mensagem, estamos coligindo dados para elaboração do discurso que o Sr. Presidente deverá proferir em comemoração ao segundo aniversário do Governo.

A recomendação presidencial é no sentido de que os dados para o discurso estejam disponíveis com bastante antecedência, impreterivelmente até 26 de dezembro, para que os assuntos referentes a cada setor da Administração possam ser entrosados no discurso sem prejudicar o tom que está sendo imprimido ao texto.

Rogo-lhe, assim, que, independentemente do trabalho que V. está coordenando para a Mensagem, prepare com a urgência desejada os parágrafos que deverão ser inseridos no discurso sobre a política econômica e financeira do Governo nos dois anos já decorridos, fazendo uma síntese dos progressos alcançados em 1956 e 1957 em confronto com a situação encontrada por ocasião da posse nos seguintes tópicos:

- A marcha da reforma da Educação;
- Os progressos realizados no campo do ensino técnico e profissional;
- A carência da política de educação do Governo com a do desenvolvimento econômico.

O portador da presente, Sr. Sebastião de Abreu, é pessoa de minha confiança, a quem estou incumbindo de manter ligação com as várias fontes de informação. Peço-lhe informá-lo em que data poderá voltar a procurá-lo para receber os elementos.

Disponha do am<sup>o</sup> e adm<sup>o</sup>.

(As.) CYRO DOS ANJOS

AL

CAPES.

quanto à educação, buscou-se, em 1957, articular o esforço nacional nesse campo ao grande esforço comum pelo desenvolvimento econômico.

O Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico analisaram conjuntamente a situação educacional e traçaram um plano gradual de ação, destinado a promover a ampliação de oportunidades de ensino aos brasileiros e, ao mesmo tempo, contrabalançar certas tendências de desajustamento entre a educação e o surto industrial do país.

Antes de tudo, a educação nacional precisa de recursos mais abundantes, não só devido às deficiências chocantes do nosso sistema escolar, como porque a nossa situação demográfica impõe-nos uma sobrecarga maior do que a das demais nações em relação às necessidades educativas. Todos sabemos que enquanto temos 26% da nossa população na faixa mínima escolar, isto é, entre os 5 e 14 anos, os Estados Unidos somente têm nessa faixa 16% e a Inglaterra 13%.

Tive, assim, grande satisfação em ver o Poder Legislativo acolher as propostas do Executivo no sentido de incluir, talvez pela primeira vez, no orçamento da República a quota integral de 10% da receita de impostos nos serviços escolares e educacionais. Repara deste modo a União a sua antiga falta e passa a oferecer aos Estados e aos Municípios o devido exemplo, para que não seja, em nenhum orçamento público de país, ferido o princípio constitucional de aplicação nas escolas do mínimo de dez por cento dos recursos da arrecadação dos impostos.

Além disto, o Governo levou ao conhecimento do Legislativo o seu ponto de vista, em relação à Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional, e encareceu perante esse Poder a necessidade de sua aprovação.

A Lei de Bases e Diretrizes, imposição constitucional, virá dar ao sistema educacional brasileiro um sentido de coordenação e unidade, não só pela melhor articulação e definição dos diferentes níveis de ensino, como por tornar mais claras e

CAPES

- 2 -

mútua e complementarmente as atribuições nesse setor dos três governos da República, o federal, o estadual e o municipal.

Além disto, limitando-se a legislar sobre as bases e diretrizes da educação nacional, nos termos da Constituição, o Governo Federal irá, por essa lei, estimular a autonomia e a iniciativa dos demais governos estaduais e locais e criar possibilidades de ajustamento regional da obra do ensino, revitalizando de modo as escolas, integrando-as no espírito da região e dando-lhes, afinal, a autenticidade que, até agora, lhes vem faltando.

Com os recursos ampliados no orçamento da república e a aprovação, que espero, da nova Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional, ouso dizer que o ano de 1958 poderá ser o ano da educação. Não viemos, de repente, resolver todos os seus problemas, tão terríveis e angustiantes, mas, acredito, conseguiremos esclarecer um pouco a perplexidade reinante nesse setor de conflitos tão delicados entre o velho e o novo, e marchar mais decididamente para uma escola prática, liberta de particularismos pedagógicos e movida pelo mesmo espírito de eficiência que o gênio brasileiro vem revelando na sua obra de desenvolvimento econômico.

/mtf.